

HAZRAT INAYAT KHAN



A MENSAGEM SUFI

A VIDA INTERIOR
O OBJETIVO DA VIDA
O MISTICISMO DO SOM



FUNDAÇÃO EDUCACIONAL E EDITORIAL UNIVERSALISTA

CAIXA POSTAL 2931 - PÔRTO ALEGRE - RS - BRASIL

DADOS BIOGRÁFICOS

HAZRAT INAYAT KHAN veio ao mundo no ano de 1882 em Baroda, Índia, numa família de alto nível artístico.

Dotado de grande capacidade musical, além de poeta, místico e profundo pensador, já na sua infância conquistou vasta admiração pelos seus cantos e composições. Realizou muitas viagens entre 18 e 24 anos, ocasião em que teve amplas oportunidades de entrar em contato com ilustres filósofos e místicos de seu país. Sentia-se bastante inclinado ao Sufismo, o ensino da Unidade de todos os seres e coisas.

Foi iniciado no ano de 1908 por um Mestre Sufi, em Hydratabad, de quem recebeu maravilhosos ensinamentos. Satisfazendo os desejos de seu Mestre, Inayat Khan resolveu abandonar sua pátria, sua família e seus amigos, para levar a Mensagem Espiritual ao Ocidente. Nessa época, efetuou muitas viagens através da Europa e dos Estados Unidos da América, vivendo, depois, longo tempo na Inglaterra e França. Provou aos homens modernos que todos os seres e coisas formam uma Unidade e que Leste o Oeste, juntos, completam essa Unidade, demonstrando, também, que todos os Credos constituem nada mais que ondas do mesmo Oceano da Verdade, da verdadeira Religião.

Dentro destes princípios e conhecimentos, foi fundado por ele o Movimento Sufi. Nas obras de Inayat Khan são analisados todos os problemas religiosos e espirituais; elas trazem também à luz a plena solução a todas as perguntas materiais da vida cotidiana, procurando esclarecer o leitor sobre a razão da causa e efeito.

Esse grande Mestre dedica seus trabalhos a todos os que, na luta diária, procuram por estímulo e Luz, e aos que anseiam pela Divina Realização.

Em suma, Inayat Khan ensina a cada um como deve desenvolver as suas próprias Fôrças latentes, com plena consciência, conseguindo a completa Unidade com a Vida Superior.

**A
MENSAGEM
SUFÍ**

Direitos reservados pelo
INTERNATIONAL HEADQUARTERS OF THE SUFI MOVEMENT
Genebra, Suíça
à
FEEU — Fundação Educacional e
Editorial Universalista
Rua Vigário José Inácio, 399 - sala 411
Caixa Postal 2931 — Pôrto Alegre
RS — Brasil.

Hazrat Inayat Khan

A MENSAGEM SUFÍ

A VIDA INTERIOR
O OBJETIVO DA VIDA
O MISTICISMO DO SOM

**Tradução do Movimento
Sufi no Brasil**



**FUNDAÇÃO EDUCACIONAL E
EDITORIAL UNIVERSALISTA**
Caixa Postal 2931 —
Pôrto Alegre — RS — Brasil

A FEEU, dentro de sua meta de difundir o Universalismo, que abarca e congrega tudo, inclusive as diversas Religiões, tem, na presente edição, a excelsa honra de oferecer a seus queridos filiados o néctar espiritual contido na sublime Mensagem Sufi.

A Sua Eminência Fazal Inayat-Khan, Representante Geral do Movimento Sufi, que se dignou ceder-nos permissão para editar a presente obra, a FEEU apresenta os maiores agradecimentos e sua perene gratidão.

Nº 105
ESTE LIVRO É DISTRIBUÍDO
GRATUITAMENTE PELA FEEU

A Fundação Educacional e Editorial Universalista é uma entidade civil, fundada, em 29-8-64, e está registrada no Cartório do Registro Especial sob nº 377, conforme Portaria nº 826, da Procuradoria do Estado do Rio Grande do Sul; no Conselho Nacional de Serviço Social, em 4-12-68, no Departamento Nacional de Propriedade Industrial conforme Termo nº 1123, e reconhecida de utilidade pública pelo Decreto nº 20.329 de 10-6-70, publicado no Diário Oficial do Estado de 15-6-70.

O MOVIMENTO SUFI

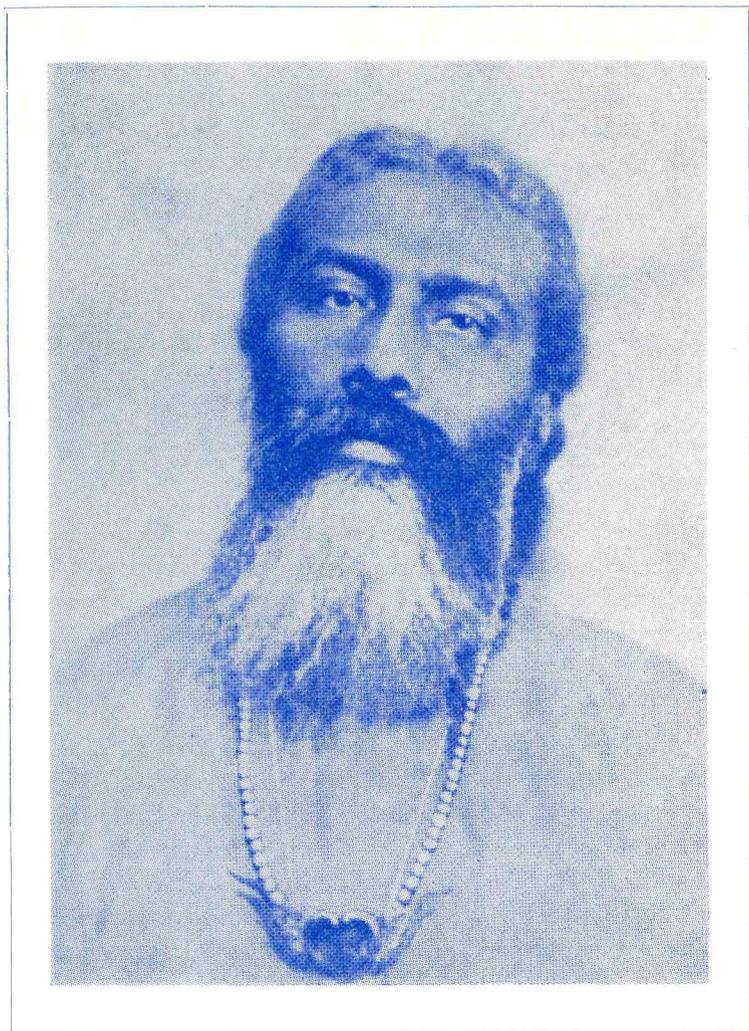
Uma doutrina e uma prática da mais estreita e sincera fraternidade entre os homens, e da mais universal adoração ao Supremo Ser, por meio de uma ordem, ou escola para iniciação, treino e aperfeiçoamento, naquele sentido, de tôdas as almas que desejem buscar a verdade e o caminho para Deus, sem distinção de igrejas, confissões ou escolas filosóficas, – eis o que é o Movimento Sufi, originado no Oriente e, espalhando-se hoje por todo o mundo, e de que procuramos dar aqui uma sucinta idéia, ou definição.

OBJETIVOS DO SUFI

1. Realizar e espalhar o conhecimento da unidade, a religião do Amor e da Sabedoria, de maneira que as inclinações das fés e das crenças possam de si mesmas fenecer, o coração humano possa inundar-se de amor e possa erradicar-se tôda ira causada pelas distinções e diferenças.

2. Descobrir a luz e a fôrça latente no homem, o segrêdo de tôda religião, a fôrça do misticismo, e a essência da filosofia, sem interferir nos costumes, ou crença.

3. Ajudar a trazer os dois pólos opostos, o Oriente e o Ocidente, intimamente unidos pelo intercâmbio do pensamento e dos ideais, de modo que a fraternidade universal possa formar-se por si mesma, e o homem possa encontrar-se com o homem além dos estreitos limites nacionais e raciais.



HAZRAT INAYAT KHAN

1882 - 1927

O MENSAGEIRO

Pir-O-Murshid Inayat Khan, o iniciador do Movimento Sufi, e fundador da respectiva Ordem, nasceu em Baroda, Índia do Sul, a 5 de julho de 1882. Suas qualidades excepcionais, talentos artísticos e atitudes espirituais eram evidentes desde os primeiros anos da sua mocidade. Seus poemas são inspirados e tocam ao sublime. Músico, tornou-se famoso em tôda a Índia, tanto como compositor quanto como cantor, e foi honrado pelos potentados com títulos, jóias e dinheiro. Estudou música, poesia, filosofia, religião comparada e misticismo com os maiores mestres da sua terra, e então, sentindo comandá-lo, no seu íntimo, a fôrça impulsiva do Divino, correspondeu à exortação do seu Senhor, «Na verdade tu és abençoado por Allah, o mais Misericordioso e Compassivo Deus; segue meu Filho, junta o Oriente com o Ocidente, e dá ao mundo a Divina Mensagem de Amor, Harmonia e Beleza».

Pir-O-Murshid Inayat Khan, alma verdadeiramente iluminada e mística, deixou a sua terra natal em 1910, e viajou pela Europa e Estados Unidos da América, recebendo constantemente a Divina Inspiração e Revelação, que êle interpretava em linguagem humana e ofertava ao mundo. Os seus ensinamentos incorporam a riqueza do saber que tem sido entesourado no Oriente durante séculos, satisfazem a fome espiritual de tôda alma e formam um treino seguro e sistemático a respeito do desenvolvimento da consciência no rumo dessa compreensão da Presença de Deus, que é a meta da humanidade.

Pir-O-Murshid Inayat Khan fundou e organizou o Movimento Sufi e deu-lhe completa intuição em todos os seus cinco ramos de atividade. Depois, conhecendo que a sua Missão tinha sido cumprida, obedeceu ao Chamado de Retôrno e voltou para a Índia, no fim de 1926.

Depois de fazer uma série de conferências na Universidade de Delhi, capital da Índia Inglesa, e de ser reconhecido pelo Chefe dos Sufis na Índia, Shaikh Nizami como seu Mestre, de todos os Sufis, conheceu que a tarefa da sua vida estava completa. Mais tarde, como predissera, passou alguns dias no estado de êxtase, conhecido como *Samadhi* e finalmente deixou o seu corpo físico a 5 de fevereiro de 1927. Seus restos mortais jazem numa tumba entre dois Santos Sufis, em Delhi.

QUE É UM SUFI

- Que é um Sufi? - É aquêlê que não se separa dos outros pela opinião, ou dogma, e que percebe ser o coração como o Sacrário de Deus.
- Que deseja êle? - Remover o falso eu, e descobrir dentro dêle Deus.
- Que ensina êle? - Felicidade.
- Que procura êle? - Iluminação.
- Que encherça êle? - Harmonia.
- Que outorga êle? - Amor a tôdas as coisas criadas.
- Que obtém êle? - Uma fôrça maior do amor.
- Que perde êle? - O egoísmo.
- Que acha êle? - Deus.



O EMBLEMA SUFI

O Emblema do Movimento Sufi - um coração alado - simboliza os seus ideais. O coração é tomado em ambos os sentidos, o celeste e o terreno. Como o centro do ser de uma pessoa, é um receptáculo na terra, do Espírito Divino, e se eleva ao Reino do Céu quando corresponde ao Espírito de Deus, que eternamente procura guiar a humanidade. A elevação do coração é indicada pelas asas abertas, e estas representam, respectivamente, desprendimento e independência; desprendimento dos gozos mundanos e da arbitrária opinião, e independência na consciência do Amor, da Sabedoria e do Poder de Deus.

O Crescente no coração simboliza correspondência; é o coração correspondendo ao Espírito de Deus, que se levanta. O Crescente é o símbolo da correspondência, porque vai ficando mais cheio, correspondendo mais e mais ao sol. A luz, que se vê na lua crescente, é a luz do sol, e, aumentando correspondentemente, se torna ela cheia da luz do sol. Semelhantemente, a alma nobilitada sempre se torna uma expressão mais plena das qualidades divinas.

A Estrêla no centro do Coração representa a centelha Divina, que se reflete no coração humano com amor, e, pela virtude do sôpro Divino, pode ser soprada até que se levante uma chama para iluminar o caminho da vida de uma pessoa.

O IDEAL SUFI

O principal objetivo do Movimento Sufi é no rumo da Unidade, que é um ideal dual. Primeiramente, unidade do homem com Deus a fim de que a humanidade possa compreender perfeitamente a verdade da afirmação de Cristo - «Eu e meu Pai somos um» - porque por êste meio o Reino do Céu pode ser alcançado aqui na terra, como exortou o Mestre. O ideal correspondente conduz à unidade mais estreita entre os povos do mundo, pela transposição das barreiras e distinções artificiais de raça e credo, que parecem dividir os homens; isto pode ser realizado por um conhecimento mais perfeito do objeti-

vo da vida e uma compreensão mais profunda das suas leis e possibilidades. O princípio básico reconhecido pelos Sufis é a «Paternidade de Deus, e a Fraternidade do Homem».

As principais atividades do Movimento Sufi são: a) Fraternidade Mundial, b) Adoração Universal, e c) A Ordem Sufi.

A *Fraternidade Mundial* projeta uma luz cheia sobre os aspectos interiores da vida, artes, religião comparada, reforma social, educação etc., etc., pois que, por este meio, nós podemos prosseguir no destino da vida, criando uma atitude simpática para com outrem, o que dará em resultado harmonia e felicidade mútuas e culminará eventualmente na muito desejada paz mundial.

A *Adoração Universal*. A devocional atividade do Movimento Sufi reconhece a Divina Sabedoria na diversidade das formas religiosas e das crenças; reconhece os Mensageiros e Fundadores de cada religião, que Deus tem mandado à terra em diferentes períodos, a fim de socorrer a humanidade segundo as necessidades da época; respeita, outrossim, todas as almas iluminadas, que têm ouvido sua inspiração de uma e a mesma fonte, o Divino Espírito de Guia, que sempre dirige o homem para a meta ideal.

O Serviço Devocional não se restringe a nenhuma religião particular, pois que todas compreende, é a Igreja de Todos, e inclui todas as igrejas; seguindo-o, portanto, a pessoa não abandona a sua religião ou forma de adoração. Os termos da mística, tais como Iluminação, Revelação, Salvação, Libertação, Unificação e União, são reconhecidos como correspondendo ao ideal Sufi da Consciência de Deus. Visto que filosofia, ciência, arte e religião formal, invariavelmente, deixam de satisfazer o apetite da alma, os grandes Sufis do mundo têm realizado uma divina bem-aventurança, que transcende os mais altos sonhos do homem normal.

A qualidade de membro do Movimento Sufi investe uma pessoa dos privilégios de ambas as atividades exotéricas acima, e ao mesmo tempo, a torna elegível para ser recebida na escola esotérica chamada

A ORDEM SUFI

Esta é uma escola de treino individual no conhecimento da verdade. A iniciação (Bayat) e o treino dados na Ordem Sufi compreendem o desenvolvimento físico, mental, moral e espiritual para o desdobramento da alma humana – o ser eterno, ao qual pertence todo

poder e beleza. Não se impõem restrições ou disciplina especiais, nem se exigem votos ou compromissos. Assim como ao sedento se dá água e ao faminto alimento, assim também, ao que busca a Verdade se lhe revela o Caminho para Deus. Há uma Chave de Ouro resolvendo os mistérios da vida, e que é a sincera devoção com o entendimento esclarecido. O corpo humano é o Templo de Deus e o coração, o Seu Sacrário. Ninguém pode aspirar por justiça a bênção Divina, ela é conferida pela Graça de Deus, semelhantemente, ninguém pode justamente dizer – «estou pronto para Bayat¹ e mereço-a». Cristo disse verdadeiramente: «pedi e recebereis, procurai e achareis».

O termo Sufi deriva-se da mesma raiz da palavra grega *Sophia*, significando Sabedoria, e a palavra persa *Safai*, significando Pureza. Sua moderna significação implica em Sabedoria Pura, ou a Essência da Verdade, que é a base de todas as religiões.

A aspiração do Sufi é alcançar um conhecimento consciente de Deus, tornar real a Divina Presença e gozar a União com o Pai.

A TRADIÇÃO DO SUFISMO

Pir-O-Murshid Inayat Khan definiu o Sufismo como a filosofia do Amor, da Harmonia e da Beleza. É um reconhecido caminho místico da devoção, tem existido no Oriente há mais de um milhar de anos, mas a sua tradição pode ser rastreada pelo menos até o tempo de Abraão, o pai de quatro grandes religiões, e que foi ele mesmo iniciado no antigo culto religioso do Egito. A Confraria dos Essênios, existente ao tempo de Jesus, era indubitavelmente Sufi. No sentido verdadeiro da palavra, o Sufismo tem existido desde o nascimento da raça humana e todos os grandes Mensageiros, Profetas, Santos e Mestres não são Sufis. Neste aspecto ideal, o Senhor Buda foi mais um Sufi do que um Budista, justamente como o Senhor Jesus foi um Sufi antes que um Cristão, porque ambos tornaram realidade a bênção da Consciência de Deus e apontaram o caminho dela para os outros seguirem. No seu mais profundo aspecto, o Sufismo corresponde àquela Companhia de todas as almas iluminadas, que formam a corporação do Mestre, o Espírito de Guia, a que se referem os Místicos Cristãos como a Igreja Oculta, iluminada pela Luz de Cristo, que governa e dirige todas as formas exteriores de religião. Cada época do mundo tem visto almas iluminadas, e assim como é impossível limitar a sabedoria a nenhum período, lugar ou povo, assim também é impossível datar ou localizar a origem do Sufismo.

1 - Bayat = Iniciação.

MENSAGEM SUFI

A Mensagem de Deus tem sido enviada à terra aonde quer que o clamor da humanidade chegue a um certo ponto, e tem sido outorgada numa forma apropriada às necessidades do tempo; mas, em essência, é a mesma eternamente. «Deus fala a seus filhos através dos lábios do homem». Seus Mensageiros Divinos têm sido muitos, e incluem Rama, que trouxe a Mensagem da Sabedoria; Buda, com a Mensagem da Compaixão; Zoroastro deu a Mensagem da Pureza; Moisés, a Mensagem da Lei; Cristo foi portador da Mensagem do Sacrifício de Si Mesmo, e Maomé deu a Mensagem da Unidade.

A Mensagem da Verdade Divina surgiu para o Mundo Ocidental em 1910 com Pir-O-Murshid Inayat Khan. Ele incorporou numa forma moderna e universal a Essência da Verdade e Sabedoria dos Místicos Sufis do Oriente, e profetizou que o Sufismo se tornaria a Religião e Filosofia das futuras gerações. Em si mesmo, o Sufismo não é um culto novo, pôsto que sua clara exposição da Verdade Divina e da natureza imortal do homem constitui uma Revelação para o mundo.

A Mensagem Sufi é a resposta Divina ao clamor humano da hora presente por Paz, Amor e Felicidade, e estes éle os dá pela concepção de Deus imanente, não distante, mas presente, dentro do coração de cada indivíduo.

Ele não traz novas teorias, ou doutrinas, para se adicionarem àquelas já existentes, que atrapalham a mente humana. O de que o mundo precisa hoje é a mensagem de Amor, Harmonia e Beleza, cuja ausência é a única tragédia da vida. A Mensagem Sufi não dá uma nova lei, mas desperta na humanidade o espírito de fraternidade, com tolerância da parte de cada um para com a religião do outro, com perdão de cada um para a falta do outro; ensina a plenitude de pensamento e a consideração, de maneira a criar e manter a harmonia na vida. Ensina a servir e ser útil, o que pode, somente, fazer frutífera a vida no mundo, e em que reside a satisfação de cada alma.

O Movimento Sufi tem crescido rapidamente durante os últimos anos, sendo hoje uma organização internacional com a sua sede em Genebra.

MÁXIMAS SUFIS

Espiritualidade quer dizer coração afinado; não podemos obtê-la nem por estudo nem por devoção.

Uma perda mundana por vêzes se torna um ganho espiritual.

O caminho do Sufi é gozar a vida, e no entanto manter-se acima dela; viver no mundo, e não se deixar ganhar por êle.

Aprender a lição de como viver é mais importante do que todo e qualquer treino psíquico, ou de ocultismo.

A Sabedoria não está nas palavras, mas na compreensão.

Uma Alma é tão grande quanto o círculo da sua influência.

De entre as conchas de um coração partido emerge a alma redi-viva.

Deus fala ao profeta na sua língua Divina e o profeta interpreta-o na linguagem do homem.

A alma de Cristo é a luz do Universo.

O que nos faz felizes, ou infelizes, não é a nossa situação na vida, mas a nossa atitude para com a vida.

A felicidade é nosso direito inato; cada alma procura a felicidade, finalmente descobre que não existe em parte alguma felicidade, exceto em Deus.

Quanto mais temos em vista os sentimentos dos outros, mais harmonia e felicidade podemos criar.

Para uma alma vigilante, o Dia do Juízo não vem depois da morte, mas hoje mesmo.

Nas esferas da consciência, a alma do homem e o espírito de Deus se encontram e se tornam um.

A alma iluminada encontra seu caminho nas trevas, tanto no interior como fora de si mesma.

A vida é a principal coisa a considerar, e a vida verdadeira é a vida interior, a exata compreensão de Deus.

Fazer de Deus uma realidade é o verdadeiro objeto da adoração.

A Alma chega a um estado de realização onde a Vida tôda se torna uma visão sublime da Imanência de Deus.

Na verdade, aquêle que busca o mundo herdará o mundo, mas a alma que procura Deus alcançará a Presença de Deus.

«A verdadeira espiritualidade não é necessariamente uma fé, ou crença, fixa – é o enobrecimento da alma pelo elevar-se acima das barreiras da vida material».

CARACTERÍSTICOS DO SUFI

– Qual é a religião do Sufi? – A vida natural.

– Qual é a maneira do Sufi – A simplicidade.

- Qual é a meta do Sufi? - A exata compreensão de si mesmo.
- Qual é o caminho do Sufi? - A amizade.
- Qual é a arte do Sufi? - A humildade.
- Qual é o condão do Sufi? - A personalidade.
- Qual é a moral do Sufi? - A beneficência.
- Qual é a atitude do Sufi? - O perdão.
- Qual é o ideal do Sufi? - O homem.
- Qual é do Sufi o bem-amado? - Deus.

PENSAMENTOS DO SUFI

1. *Existe* um Deus, o Eterno, o Ser único; ninguém existe se não Ele.
2. *Existe* Um Mestre, o Espírito-Guia de tôdas as almas, que permanentemente conduz os que o seguem para a Luz.
3. *Existe* um livro santo, o sagrado manuscrito da natureza, a única escritura que pode iluminar o leitor.
4. *Existe* uma religião, o indesejável progresso na direção retilínea para o ideal, que preenche o objetivo da existência de tôda alma.
5. *Existe* uma lei, a lei da reciprocidade, que pode ser observada por uma consciência sem egoísmo conjuntamente com um senso de vigilante justiça.
6. *Existe* uma fraternidade, a fraternidade humana, que une os filhos da terra, indiscriminadamente, de Deus, na Paternidade.
7. *Existe* uma moral, o amor que rebenta da negação do egoísmo, e floresce em obras de beneficência.
8. *Existe* um objeto de louvor, a beleza, que levanta o coração dos seus adoradores através de todos os aspectos, do Visto, para o Não-visto.
9. *Existe* uma verdade, o verdadeiro conhecimento da nossa entidade, interna e externa, o que é a essência da sabedoria.
10. *Existe* um caminho, o aniquilamento do falso eu no real, que levanta o moral para a imortalidade, na qual reside tôda a perfeição.

POEMAS DE INAYAT KHAN

(Do original inglês traduzido pelo prof. João Cabral)

I

O HOMEM E O SÁBIO

Enquanto, pelo errar, vê-se o homem decair,
O sábio, do êrro, tira o de que se instruir.

Enquanto, sem pensar, diz o homem quanto sente,
O sábio, no que diz, pensa primeiramente.

Enquanto os outros julga o homem por seu moral,
O sábio pesa o bem sentir de cada qual.

Enquanto sofre ou ri, o homem, se cai ou vence,
O sábio vê que tudo isso à vida pertence.

Enquanto o homem acusa outros por que padece,
Primeiro o sábio indaga a pena se merece.

Enquanto o homem deplora o seu triste passado,
Busca o sábio um presente, e um porvir melhorado.

Enquanto o homem reúne a fortuna fungível,
Junta o sábio um tesouro eterno, imperecível.

II

O HOMEM E O SANTO

Enquanto o homem se vexa e pensa no amanhã
O santo, à Providência, entrega-se confiante.

Enquanto o homem desvaira aos golpes do infortúnio,
O santo é calmo e a Deus se entrega resignado.

Enquanto o homem sucumbe à tentação do mal,
Firme, o santo a buscar fica a Meta da Vida.

Enquanto o homem se intriga e aborrece com outros,
O santo é tolerante e os próximos perdoa.

Enquanto o homem distingue os grandes e os pequenos,
O santo em todos acha o Espírito Divino.

Enquanto o homem credor do bem feito se julga,
O santo a Deus sòmente atribui todo o bem.

Enquanto o homem procura alegrias fugazes,
O santo a eterna bênção agita-se a buscar.

III

O HOMEM E O SUPER-HOMEM

Enquanto o homem discute ocorrências da vida,
O Super-homem vê de cada causa a causa.

Enquanto o homem vislumbra as coisas, só por fora,
Lhes sabe o Super-homem os íntimos arcanos.

Enquanto o homem, de alguém, vê formas e aparências,
O Super-homem sobe ao sumo da alma humana.

Enquanto o homem se achega às fontes exteriores,
O Super-homem dá valor a sua vontade.

Enquanto o homem não pode os próprios governar,
Lidera o Super-homem os negócios do mundo.

Enquanto o homem daqui recolhe o prêmio e a pena,
O Super-homem sobe além dos Céus e inferno.

Enquanto o homem se rende à morte, servilmente,
O Super-homem vive eterno, além da morte.

A VIDA INTERIOR

Capítulo I

A preparação para a Jornada

A vida interior é uma jornada e antes de empreendê-la é preciso uma certa preparação. Se não estivermos preparados corremos o risco de ter de voltar antes de chegar ao nosso destino. Quando empreendemos uma viagem e quando temos alguma coisa a executar, precisamos saber o que vamos necessitar no caminho e o que devemos levar para que a jornada se torne fácil, a fim de podermos executar o que começamos a fazer. A viagem que se faz na vida interior é tão longa quanto a distância entre a vida e a morte. É a mais longa viagem que se faz através da vida e devemos ter tudo preparado para que não tenhamos de retroceder depois de têmos vencido uma certa distância.

É necessário, em primeiro lugar, verificar se há alguma dívida a pagar. Tôda alma tem uma certa dívida a pagar na vida, talvez à mãe ou ao pai, ao irmão ou à irmã, ao marido ou à mulher ou ao amigo, seus filhos, sua raça ou à humanidade. Se a alma não pagar o que deve fica, então, atada a cordas que a puxam para trás quando quiser avançar. A vida no mundo é um negócio honesto. Precisamos compreender isso e saber que existem neste mundo muitas almas com as quais estamos ligados ou relacionados de alguma forma, ou com quem nos encontramos diariamente. A cada um devemos alguma coisa e se não pagarmos nossas obrigações o resultado é que mais tarde teremos que pagar com juros.

Existe a justiça interior que opera acima da justiça do mundo e, quando o homem não observa essa lei interior de justiça é porque naquele momento está intoxicado, seus olhos estão fechados e êle realmente não conhece a lei da vida. Essa intoxicação, porém, não perdurará. Dia virá em que os olhos de cada alma se abrirão e será uma pena se os olhos se abrirem quando fôr demasiado tarde. É melhor que os olhos estejam abertos enquanto a *bólsa* estiver cheia porque será muito difícil se os olhos se abrirem quando a *bólsa* estiver vazia. A uns devemos consideração, a outros respeito, a uns serviços, a outros tolerância, a uns perdão, a outros auxílios. De uma maneira ou de outra, em cada relação, em cada ligação, temos alguma coisa a pagar e, antes de começar a jornada, devemos saber que saldamos a nossa dívida e estarmos seguros de que a saldamos totalmente e nada mais

temos a pagar. Além disso, é necessário que o homem se compenetre, antes de iniciar a jornada, de que cumpriu o seu dever – seu dever para com aqueles que o cercam e seu dever para com Deus. Aquêles que considera sagrado seu dever para com os que o rodeiam cumpre o seu dever para com Deus.

O homem deve também, antes de iniciar a jornada, verificar se aprendeu tudo que desejava aprender neste mundo. Se houver alguma coisa que não tenha aprendido, deve fazê-lo antes de começar a jornada, pois se pensar «começarei a jornada mas desejo aprender ainda alguma coisa antes de iniciar», neste caso não será capaz de alcançar a meta: Aquêles desejo de aprender alguma coisa o empurrará para trás. Todo desejo, tôda ambição, tôda aspiração que êle tem na vida devem ser satisfeitos. Não é sômente isto, o homem não deve ter nenhum remorso, de espécie alguma, quando partir para essa viagem e nenhum remorso depois. Se houver algum arrependimento ou remorso, deve ser eliminado antes da partida. Não deve haver nenhum rancor contra alguém e nenhuma queixa contra qualquer pessoa que o tenha prejudicado, pois tôdas estas coisas que pertencem a êste mundo se o homem as levar consigo, seriam uma carga no caminho espiritual. A jornada é bastante difícil e mais difícil ficará se houver um pêso a carregar. Se uma pessoa caminha levantando um pêso de desgosto, insatisfação, desconforto, é difícil suportá-lo no caminho. É um caminho para a liberdade e ao partir neste caminho para a liberdade o homem deve libertar-se de si mesmo – nenhuma ligação deverá puxá-lo para trás, nenhum prazer deve atraí-lo a voltar.

Além desta preparação, precisamos de um veículo, um veículo para viajar. Êste veículo tem duas rodas e constituem o equilíbrio em tôdas as coisas. Um homem parcial, por maior que seja sua fôrça de clarividência ou de clariaudiência, seja qual fôr o seu conhecimento, está ainda limitado, não pode ir muito longe, pois que são necessárias as duas rodas para o veículo correr. Deve haver um equilíbrio – o equilíbrio da cabeça e do coração, o equilíbrio do poder e do saber, o equilíbrio da atividade e do repouso. É o equilíbrio que habilita o homem a manter o andamento dessa viagem e lhe permite ir avante, tornando seu caminho fácil. Nunca imagine, por um momento sequer, que aquêles que mostram falta de equilíbrio possam prosseguir muito no caminho espiritual, embora na aparência mostrem grande inclinação espiritual. Sômente os equilibrados são capazes de experimentar a vida exterior tão plenamente quanto a vida interior, gozar os pensamentos tanto quanto os sentimentos, repousar tão bem quanto agir. O centro da vida é o ritmo e o ritmo causa o equilíbrio.

Nesta viagem precisamos também de certas moedas para gastar no caminho. E quais são estas moedas? São as expressões meditadas em palavra e em ação. Nesta viagem o homem deve levar provisão para comer e beber e tal provisão é vida e luz. Também nesta viagem o homem deve levar alguma coisa para cobrir-se contra o vento, a tormenta, o calor e o frio, e essa roupa é o voto do segrêdo, a tendência ao silêncio. Nesta jornada o homem, ao partir, tem de dizer adeus aos outros e êste adeus é um desprendimento afetoso. Antes de partir nesta jornada deve deixar alguma coisa com os amigos – felizes recordações do passado.

Todos estamos de viagem. A própria vida é uma viagem. Ninguém está fixado aqui, estamos todos de passagem e, portanto, não é verdadeiro dizer que se formos fazer uma jornada espiritual teremos de interromper nossa vida estabilizada. Não há ninguém vivendo uma vida estabilizada aqui, todos estão instáveis, todos estão na sua estrada. Sômente quando empreendemos a viagem espiritual é que tomamos outra estrada, um caminho mais fácil, melhor e mais agradável. Os que não tomarem êste caminho no fim chegarão também: a diferença está no caminho. Um caminho é mais fácil, mais suave, melhor. O outro caminho é cheio de dificuldades e como as dificuldades na vida não têm fim desde que abrimos os olhos neste mundo, podemos, se quisermos, escolher a estrada mais suave para chegar ao destino a que tôdas as almas com o tempo chegarão.

Por *vida interior* compreende-se uma vida encaminhada no rumo da perfeição, que pode ser chamada a perfeição do amor, da harmonia e da beleza. Nas palavras do ortodoxo, no rumo de Deus.

A vida interior não é necessariamente uma direção oposta à vida mundana, mas a vida interior é uma vida mais cheia. A vida mundana significa a limitação da vida, a vida interior significa uma vida completa. Os ascetas que tomaram uma direção completamente oposta à vida mundana assim procederam para terem facilidade de investigar as profundezas da vida, mas se seguirmos numa só direção não estamos vivendo uma vida completa. Assim, pois, a vida interior significa a plenitude da vida.

Em resumo, podemos dizer que a vida interior consiste de duas coisas: ação com conhecimento e repouso com passividade mental. Executando êstes dois movimentos contrários e mantendo equilibradas estas duas direções, chegaremos à plenitude da vida. Uma pessoa que vive a vida interior é tão inocente como uma criança, mais inocente mesmo que uma criança e ao mesmo tempo mais sábia do que muitas pessoas espertas em conjunto. Isto mostra um desenvolvimento em duas direções opostas. A inocência de Jesus é conhecida de to-

do mundo. Em cada movimento seu, em cada ato, êle se mostrava tal qual uma criança. Todos os grandes santos e sábios, os grandes homens que libertaram a humanidade, foram inocentes como as crianças e, ao mesmo tempo, mais sábios, muito mais do que os sábios mundanos. E por que isto acontece? O que lhes dá êste equilíbrio? Ê o repouso com passividade. Quando na presença de Deus apresentam-se com o coração tal uma taça vazia. Quando estão diante de Deus para aprender, desaprendem tôdas as coisas que o mundo lhes ensinou. Quando apresentam-se perante Deus, seu próprio ego, seu eu, sua vida, não estão mais diante dêles. Não pensam em si neste momento, não têm qualquer desejo a ser satisfeito, qualquer motivo a ser realizado, expressão alguma dêles próprios, mas apresentam-se como taça vazia para que Deus possa encher o seu ser e êles possam perder o falso ego.

A mesma coisa, portanto, ajuda-os na vida cotidiana a mostrar um rápido clarão do momento silencioso de calma que tiveram com Deus. Na sua vida cotidiana mostram inocência e, no entanto, não mostram ignorância. Conhecem e não conhecem as coisas. Sabem se uma pessoa está dizendo uma mentira, mas acusam essa pessoa? Dizem-lhe: «Você está mentindo?» Estão acima disso. Conhecem tôdas as tramas do mundo e olham para tôdas elas com passividade. Elevam-se acima das coisas mundanas, as quais não lhes causam nenhuma impressão. Tomam as pessoas com tôda simplicidade. Alguém pode pensar que êles sejam ignorantes na sua vida mundana, que não se apercebem das coisas que não são importantes. A atividade com sabedoria torna-os mais sábios, pois não é qualquer um neste mundo que dirige cada ato seu com sabedoria. Há muitas pessoas que nunca consultam a sabedoria em suas ações. Outras procuram refúgio na sabedoria depois de agirem e, muito freqüentemente, já é demasiado tarde. Entretanto, aquêles que vivem a vida interior dirigem todos êles suas atividades com sabedoria; cada momento, cada ação, cada pensamento, cada palavra é, primeiramente, pensada, ponderada, é medida e analisada antes de ser expressa. Tudo que fazem no mundo, pois, é com sabedoria, mas perante Deus apresentam-se com inocência, lá não chegam com a sabedoria mundana.

As vezes o homem comete erros tomando um caminho ou outro e por isso falta-lhe o equilíbrio, não chegando a tocar a perfeição. Por exemplo, quando o homem toma o caminho da atividade na trilha que conduz a Deus, deseja também aí usar sua sabedoria. No caminho para Deus deseja também ser ativo, onde não necessita de ação. Ê precisamente como nadar contra a maré. Onde devemos ser inocentes, se fizermos uso do nosso saber, cometemos o maior êrro. Há ou-

tros, então, que se acostumaram a tomar a passividade como um princípio com o qual se apresentam perante Deus em sua inocência e desejam usar o mesmo princípio em tôdas as direções da vida, o que não seria direito.

Capítulo II

O objetivo da jornada

A primeira e principal coisa na vida interior é estabelecer um parentesco ou relação com Deus, fazendo de Deus o objeto com o qual nos relacionamos, tal como um Criador, Sustentáculo, Perdoador, Juiz, Amigo, Pai, Mãe e Bem-Amado. Devemos, em toda relação, colocar Deus diante de nós e devemos nos tornar conscientes desta relação, de maneira que não fique como uma imaginação, pois a primeira coisa que um crente faz é imaginar. Imagina que Deus é o Criador e procura acreditar que Deus é o Sustentáculo. Esforça-se por pensar que Deus é um Amigo e tenta sentir que ama Deus. Quando, porém, esta imaginação se tornar uma realidade, então, como a pessoa sente simpatia, amor e devotamento por outra a quem ama na terra, sentirá o mesmo para com Deus. Conquanto seja muito piedosa, boa ou correta, uma pessoa sem isso não fará de sua piedade ou bondade uma realidade.

A obra da vida interior é fazer de Deus uma realidade, a fim de que não seja Ele mais uma imaginação, que este parentesco que o homem tem com Deus possa parecer-lhe mais real do que nenhum outro neste mundo e quando isto acontece, então todos os outros parentescos, embora próximos e caros, tornam-se menos ligados. Ao mesmo tempo a pessoa não se torna com isso fria, torna-se mais amorosa. O homem sem Deus é que é frio, impressionado pelo egoísmo e desamor deste mundo, porque participa dessas condições em que vive. Entretanto, aquele que tem amor a Deus, que estabeleceu seu parentesco com Deus, seu amor torna-se vivo. Não mais será frio, cumpre seus deveres com seus parentes neste mundo, muito mais do que o homem sem Deus.

Vejamos quanto ao modo pelo qual o homem estabelece com Deus este parentesco e qual o parentesco mais desejável a estabelecer com Deus, que deverá ele imaginar? Deus como Pai, como Criador, como Juiz, como Perdoador, como Amigo ou como Bem-Amado? A resposta é: em cada capacidade da vida nós devemos dar a Deus o lugar exigido pelo momento. Quando esmagado pela injustiça, pela frieza do mundo, quando o homem olha para Deus, a perfeição da Justiça, ele não fica mais agitado, seu coração não mais se perturba, consola-se com a Justiça de Deus. Coloca o Deus Justo diante de si e, por este meio, aprende a justiça. O senso da justiça desperta no seu coração e ele vê as coisas por um prisma completamente diferente.

Quando o homem encontra-se neste mundo sem mãe ou pai, pensa então que em Deus existe a mãe e o pai e mesmo se estiver na presença de sua mãe ou pai, estes são seus parentes somente na terra. A Maternidade e Paternidade de Deus é o único parentesco verdadeiro. A mãe e o pai da terra apenas refletem uma centelha daquele amor materno e paterno que Deus tem em plenitude e perfeição. O homem, então, descobre que Deus pode perdoar, como os pais podem perdoar o filho se estiver em erro. Sente o homem, assim, a bondade, a gentileza, a proteção, o apoio, a simpatia vindos de todos os lados, aprende a sentir que isso lhe vem de Deus, o Pai-Mãe, através de tudo.

Quando o homem imagina Deus como o Perdoador, acha que não há somente neste mundo uma justiça estrita, mas há também amor desenvolvido, há misericórdia e compaixão, há esse senso de perdão, que Deus não é o servo da lei mas o Juiz neste mundo. Ele é o Mestre da Lei. Ele julga quando julga, quando Ele perdoa, perdoa. Ele tem ambos os poderes: tem o poder de julgar e o poder de perdoar. Ele é Juiz porque não fecha Seus olhos a tudo que homem faz, Ele sabe, Ele pesa e mede e Ele restitui o que é devido ao homem. Ele é Perdoador porque, além e acima do Seu poder de justiça existe o Seu grande poder de amor e compaixão, que é o Seu próprio ser, que é Sua própria natureza e, portanto, é maior, e numa maior proporção trabalha com uma atividade maior do que Seu poder de justiça. Nós, os seres humanos deste mundo, quando há uma centelha de bondade ou gentileza em nossos corações, evitamos julgar as pessoas. Preferimos perdoar a julgar. Perdoar dá-nos naturalmente uma felicidade maior do que nos vingar, a não ser que o homem esteja num caminho completamente diferente.

O homem que concebe Deus como um amigo nunca está só no mundo, nem neste mundo nem no outro. Há sempre um amigo, um amigo na multidão, um amigo na solidude, ou enquanto está adormecido, inconsciente deste mundo exterior e quando está desperto e dele consciente. Em ambos os casos lá está o amigo no seu pensamento, na sua imaginação, no seu coração, na sua alma.

O homem que faz de Deus seu Bem-Amado, que mais deseja ele? Seu coração desperta para toda a beleza que existe no seu interior e exterior. Para ele todas as coisas atraem, tudo se desdobra e é beleza para seus olhos, porque Deus está em toda parte, em todos os nomes e formas. Assim, o seu Bem-Amado nunca está ausente. Como é feliz, pois, aquele cujo Bem-Amado nunca está ausente, porque toda a tragédia da vida está na ausência do bem-amado e a pessoa cujo Bem-Amado está sempre presente, quando ela fecha os olhos, o Bem-Amado está no íntimo, quando abre os olhos, o Bem-Amado

está de fora. Cada sentido seu percebe o Bem-Amado. Seus olhos O vêem, seus ouvidos escutam a Sua voz. Quando a pessoa chega a compreender perfeitamente isto, então, por assim dizer, vive na presença de Deus. Para ela não têm importância as diferentes formas e crenças, fés e comunidades. Para ela Deus é tudo-em-todos. Para ela Deus está em toda parte. Se vai à igreja Cristã ou à Sinagoga, ao templo Budista, ao sacrário Hindu ou à mesquita Mussulmana, lá está Deus. Na selva, na floresta, na multidão, em toda a parte vê Deus.

Isto mostra que a vida interior não consiste em fechar os olhos e olhar para dentro. A vida interior é olhar para dentro e para fora e encontrar o seu Bem-Amado em toda a parte. Mas não se pode fazer de Deus um Bem-Amado sem que o elemento amor seja despertado suficientemente. A pessoa que odeia seu inimigo e ama seu amigo não pode chamar Deus de seu Bem-Amado, pois não conhece Deus. Quando o amor atinge a sua plenitude, então a pessoa olha para o amigo com afeição, para o inimigo com perdão, para o estranho com simpatia. O amor expressa-se em todos os seus aspectos quando se eleva à sua plenitude e é o amor em sua plenitude que vale ser oferecido a Deus. Aí então é que o homem reconhece em Deus seu Bem-Amado, seu Ideal e por isso, visto que se eleva acima da estreita afeição deste mundo, na realidade é ele que sabe como se ama até seu amigo. Aquêles que ama a Deus é que conhece o amor, quando se eleva ao estado da plenitude do amor.

Tôdas as imagens da literatura Sufi na língua Persa, escritas por grandes poetas como Rumi, Hafiz e Hami, referem-se à relação entre o homem como o amante e Deus como o Bem-Amado; e quando lemos compreendendo isso e desenvolvendo-se nesta afeição, vemos então que imagens fizeram os místicos e em que nota seus corações se afinaram. Não é fácil desenvolver no coração o amor de Deus, porque não podemos amar quando não vemos ou imaginamos o objeto do amor. Deus deve tornar-se tangível para que O possamos amar. Uma vez, porém, que conseguimos amar a Deus, começamos realmente a jornada para o caminho espiritual.

Capítulo III

Cumprimento das obrigações da vida humana

A posição da pessoa que está vivendo a vida interior se torna semelhante à de uma pessoa crescida vivendo entre muitas crianças. Exteriormente não se nota tal diferença como é aparente na idade das crianças e da pessoa crescida, a diferença estando no alcance das suas vistas, o que nem sempre está aparente. A pessoa que vive a vida interior se torna mais velha do que as que a cercam e, entretanto, exteriormente é ela a mesma como todas as outras pessoas. Por conseguinte, o homem que chegou à plenitude da vida interior adota um procedimento inteiramente diverso daquele que está justamente principiando a palmilhar aquêles caminhos e também um comportamento diferente do homem que, intelectualmente, conhece alguma coisa acerca da vida interior mas, na realidade, não a vive. Seu modo de agir também é diferente no mundo, pois que o último criticará os outros que não sabem o que êle pensa saber e olhará para êles com orgulho e vaidade, ou com escárneo, a pensar que êles não alcançaram o mistério, a altura a que êle chegou e que êle compreende. Deseja desligar-se do vulgo, dizendo que os outros estão atrasados em sua evolução e que não pode ir com êles. «Eu estou mais avançado, diz êle, não posso juntar-me com êles em nada. Êles são diferentes, eu sou diferente». Ri-se das idéias pequenas dos que o cercam e olha para êles como seres humanos com os quais não se deve associar, com os quais não se deve juntar em todas as coisas que fazem porque está muito mais adiantado do que êles.

Para aquêles, porém, que atingiu a plenitude da vida interior é um prazer enorme misturar-se aos seus companheiros, tal como é para os pais brincar com seus filhinhos. Os melhores momentos de suas vidas são aquêles em que êles se sentem como criança na companhia dos filhos e quando podem se juntar ao brinquedo das crianças. Os pais que são gentis e amorosos, se o filho lhes traz uma xícara de boneca, fingirão que estão tomando chá e gostando disso. Não deixarão que o filho pense que lhe são superiores ou que aquilo é alguma coisa à qual não se devem juntar. Brincam com o filho e se sentem felizes, porque a felicidade dos filhos é também a sua. Este é o procedimento do homem que vive a vida interior e por esta razão é que êle concorda e se harmoniza com as pessoas de todos os graus de evolução, sejam quais forem suas idéias, seus pensamentos, suas crenças ou suas fés, qualquer que seja a forma de seu culto ou o modo de mostrar seu entusiasmo religioso. Êle não diz: «Estou muito mais

adiantado do que vós e juntar-me a vós seria retroceder». Aquêles que se adiantou muito nunca retrocede mas, juntando-se com outros, leva-os consigo para diante. Se prosseguir sozinho deverá considerar que se eximiu do dever a que estava obrigado para com o próximo. O cântaro vazio é que faz ruído quando tamborilamos sobre ele, mas o cântaro cheio d'água não produz som algum, é silencioso, não fala.

Assim vive o sábio entre toda a gente deste mundo e não se sente infeliz. Aquêles que ama a todos não é infeliz. Infeliz é aquêles que olha com desprezo para o mundo, odeia os seres humanos e pensa que lhes é superior. Aquêles que ama a todos pensa apenas que eles estão passando pelo mesmo processo por que ele passou. Da escuridão é que ele veio para a luz. É simplesmente uma diferença de momentos e ele passa com grande paciência esses momentos enquanto seus companheiros estão ainda nas trevas, não os deixando sentir-se molestados com isso, não olhando para eles com desprezo, pensando somente que, para cada alma há infância, juventude e maturidade. Assim, é natural para cada ser humano passar por este processo. Tenho visto, com meus próprios olhos, almas que atingiram a santidade e que alcançaram grande perfeição e, no entanto, essas mesmas almas ficariam com outro companheiro diante de um ídolo de pedra e o adorariam, não o deixando saber de modo algum que estão mais adiantados do que outros homens, mantendo-se numa aparência modesta e não mostrando pretensão alguma de estarem mais adiantados na sua evolução espiritual.

Tais almas, quanto mais se adiantam, mais humildes se tornam. Quanto mais elevado é o mistério que chegaram a compreender, menos falam a respeito dele. Dificilmente vocês acreditariam se lhes dissesse que, durante quatro anos na presença do meu *Murshid* (Mestre), não tive mais do que uma ou duas vezes uma conversação sobre assuntos espirituais. Usualmente a conversação girava sobre coisas terrenas, como faz todo mundo. Ninguém perceberia que ali estava um homem identificado com Deus, um homem sempre absorvido em Deus. Sua conversação era como a conversação de todas as outras pessoas, falava sobre as coisas pertencentes a este mundo, nunca uma conversação espiritual, nem qualquer demonstração especial de piedade ou espiritualidade e, no entanto, sua atmosfera, a voz da sua alma e sua presença revelavam tudo que estava oculto no seu coração. Aquêles que estão identificados com Deus e aquêles que tocaram a Sabedoria falam muito pouco do assunto. São aquêles que não conhecem o assunto os que tentam discuti-lo, não porque o conheçam mas porque estão eles próprios em dúvida. Quando há conhecimento há satisfação, não há tendência alguma para discussão. Quando se debate

é porque há alguma coisa que não foi satisfeita. Não há nada no mundo, riqueza, classe, posição, poder ou saber que possa dar tanta vaidade como nos dá a mais leve e pequena soma de conhecimento espiritual e, uma vez que a pessoa tenha essa vaidade, não poderá então dar um passo mais à frente, está pregada ao lugar em que se acha, porque a verdadeira idéia da realização espiritual está na ausência de egoísmo. O homem tem que imaginar que é alguma coisa ou nada. Nesta compreensão de que não é nada é que está a espiritualidade. Se temos alguma noção, ainda que pequena, das leis interiores da natureza e ficamos orgulhosos ou se temos pensamentos tais como «como sou bom, como sou delicado, generoso, de boas maneiras, influente ou atraente» – a menor idéia de alguma coisa deste teor tomando conta de nossa mente fecha as portas que conduzem ao mundo espiritual. É um caminho fácil de ser trilhado e ao mesmo tempo tão difícil. O orgulho não é natural num ser humano. O homem pode negar uma virtude mil vezes por palavras, mas não pode deixar de admiti-la no seu sentir, pois o próprio ego é orgulho. O orgulho é o ego, o homem não pode viver sem ele. A fim de atingir o conhecimento espiritual, para tornar-se consciente da vida interior, uma pessoa não precisa aprender muito porque aqui tem de saber o que já sabe, tendo apenas de descobri-lo por si mesmo. Para sua compreensão do conhecimento espiritual não precisa ela conhecer outra coisa senão a si próprio. Adquire o conhecimento do eu que lhe pertence, tão próximo e todavia tão longe.

Outra coisa que se nota naquele que ama a Deus é a mesma tendência notada no amante humano. Ele não fala a ninguém do seu amor. Não pode falar a respeito disso. O homem não pode dizer quanto ama o ser amado, palavra alguma pode expressar esse amor e, além do mais, não se sente bem falando a alguém sobre isso. Mesmo na presença do bem-amado, se pudesse, fecharia a boca. Como poderia, pois, o que ama a Deus fazer uma declaração e dizer «eu amo a Deus». O verdadeiro amante de Deus conserva seu amor, silenciosamente, oculto no seu coração como uma semente lançada no solo e se a semente cresce, cresce em suas ações para com o próximo. Não pode agir senão com delicadeza, não pode sentir senão indulgência. Cada movimento que faz, tudo que executa, fala de seu amor, mas não seus lábios.

Isto mostra que na vida interior o princípio mais importante a observar é não ser arrogante, ser quieto, sem dar mostra de sabedoria, sem manifestar erudição, sem desejo algum de fazer com que alguém saiba até onde a pessoa se adiantou, nem mesmo deixando-se ela própria convencer de quanto caminhou. A tarefa a executar é o

completo esquecimento de si mesma e a harmonização com o seu próximo, agindo de acôrdo com todos, encontrando-se com todos nos planos dêles, falando a todos na sua própria língua, respondendo ao riso de um amigo com um sorriso e à dor do outro com lágrimas, ficando ao lado de seus amigos em suas alegrias e tristezas, qualquer que seja o seu grau de evolução. Se o homem, no decorrer de sua vida, se tornasse um anjo, desempenharia muito pouco. O desempenho mais desejável para o homem é preencher as obrigações da vida humana.

Capítulo IV

A realização da vida interior

O princípio da pessoa que experimenta a vida interior é vir a ser tôdas as coisas para todos os homens no transcurso de sua vida. Em cada situação, em qualquer capacidade, ela responde à solicitação do momento. O povo pensa, muitas vêzes, que a pessoa espiritual deve ser um homem de aparência triste, de cara comprida, com uma expressão de seriedade e com uma atmosfera melancólica. Falando a verdade, êste retrato é exatamente o oposto de uma pessoa realmente espiritual. Em tôdas as capacidades aquêle que vive a vida interior tem de agir exteriormente como deve, conforme a ocasião. Deve agir de acôrdo com as circunstâncias e deve falar a cada um na sua própria linguagem, mantendo-se no mesmo nível e, todavia, realizando a vida interior.

Para o conhecedor da verdade, aquêle que alcançou o saber espiritual e que vive a vida interior, não há ocupação na vida que seja demasiado difícil, como homem de negócios, como profissional, rei, governador, pobre, mundano, clérigo ou monge. Ê diferente em todos os aspectos do que o povo sabe e vê nêle. Para aquêle que vive a vida interior o mundo é um palco em que êle é o ator. Tem de representar uma parte, algumas vêzes o seu papel é de uma pessoa zangada, outras vêzes é de um personagem amoroso e, assim, toma parte em tragédias e comédias. Da mesma forma atua constantemente aquêle que realiza a vida interior. Tal como o ator que não sente as emoções do personagem que representa, o homem espiritual tem de preencher convenientemente o lugar em que a vida o colocou. Desempenha tudo perfeita e corretamente a fim de cumprir sua missão na vida exterior. Ê amigo de seu amigo, parente de seus parentes. Com todos aquêles com quem está relacionado externamente mantém uma ligação correta, com pensamento e consideração e, no entanto, em sua auto-realização está êle acima de tôdas as ligações. Está na multidão e na solidude ao mesmo tempo. Ora mostra-se muito divertido, e ao mesmo tempo está muito sério. Pode parecer muito triste e, todavia, do seu coração estar jorrando alegria.

A pessoa, pois, que chegou à realização da vida interior é um mistério para tôda gente. Ninguém pode saber o que se passa no íntimo dessa pessoa, exceto que ela promete sinceridade, emite amor, impõe confiança, espalha bondade e dá uma impressão de Deus e da Verdade. Para o homem que chegou a realizar a vida interior, cada ato é sua meditação. Se está andando na rua é isto sua meditação, se

está trabalhando como carpinteiro, como ourives, ou em qualquer outro comércio ou negócio, essa é a sua meditação. Não importa se está olhando para o céu ou para a terra, ele está olhando para o objeto que adora. A leste ou oeste, norte ou sul, em todos os lados está o seu Deus. Em forma, em princípio, nada o restringe. Ele sabe das coisas e, no entanto, não pode falar, pois se um homem que vive a vida interior falasse de suas experiências confundiria muitas mentes.

Há muitos indivíduos neste mundo que, de manhã à noite, têm os olhos e ouvidos focalizados em cada canto escuro, querendo ouvir e ver o que podem descobrir e nada descobrem. Se alguém contasse a essa gente coisas maravilhosas, teria uma ocupação muito boa, pois todo o mundo o procuraria. Mas não é este o trabalho do homem auto-realizado. Ele vê e, no entanto, não olha. Se olhasse quanto veria! Há tanta coisa para ser vista por uma pessoa, cujo golpe de vista, onde quer que se aplique, penetra em todos os objetos e descobre sua profundidade e segredo. E se ela olhasse para as coisas e seus segredos e profundezas fossem descobertos, onde isto acabaria e que interesse teria isso para ela?

A vida interior, portanto, é ver todas as coisas sem, todavia, as ver, sentir todas as coisas sem expressá-las, pois não podem ser expressas inteiramente. Compreender todas as coisas e não as explicar. Até onde pode tal homem explicar e quanto pode o outro compreender? Cada um compreende conforme a capacidade que tem, não mais. A vida interior não é vivida fechando-se os olhos. Não precisamos fechar os olhos a este mundo a fim de viver a vida interior, podemos justamente abri-los.

A exata significação da vida interior é não só viver no corpo como também viver no coração, viver na alma. Por que, então, todos os homens não vivem a vida interior, quando têm também um coração e uma alma? É porque têm um coração e não estão, todavia, conscientes dele. Possuem uma alma e não sabem o que ela é. Quando o homem vive no cativeiro do corpo, limitado por esse corpo, pode apenas sentir uma determinada coisa tocando-a, vê somente olhando através de seus olhos, ouve apenas ouvindo com seus ouvidos. Quanto podem os ouvidos ouvir e os olhos ver? Toda essa experiência obtida pelos sentidos externos é limitada. Quando o homem vive nesta limitação, não sabe que uma outra parte de seu ser existe, que é muito mais elevada, mais maravilhosa, mais viva e mais sublime. Desde que começa a saber disso, o corpo passa a ser seu instrumento, pois passa a viver no seu coração e mais tarde, então, continua seu caminho vivendo em sua alma. Experimenta ele a vida independentemente do corpo e a isso chamamos a vida interior. No momento que o homem

passa a viver a vida interior, o temor da morte extingue-se, porque sabe que a morte chega para o corpo e não para o seu ser interior. Uma vez que ele começa a realizar a vida no coração e na alma, passa a olhar o corpo como uma capa. Se a capa está velha, joga-a fora e toma outra nova, pois seu ser não depende de sua capa. O temor da morte dura apenas enquanto o homem não chega à compreensão de que seu ser verdadeiro não depende do corpo.

A alegria, portanto, daquele que experimenta a vida interior é, sem comparação, maior do que a da média dos homens vivendo somente como um cativo no seu corpo mortal. A vida interior, todavia, não exige que o homem adote certa maneira de viver ou que viva uma vida ascética ou religiosa. Não importa qual for a sua ocupação exterior. O homem que vive a vida interior vive tudo através dela. O homem procura sempre uma pessoa espiritual numa pessoa religiosa ou talvez naquilo que ele chama uma boa pessoa ou em alguém com uma mente filosófica, mas esse não é precisamente o caso. Uma pessoa pode ser religiosa, mesmo filosófica, pode ser religiosa ou boa e, no entanto, não viver a vida interior.

Não há nenhuma aparência exterior, distinta, que possa provar que uma pessoa vive a vida interior, exceto uma coisa. Quando uma criança vai crescendo para a juventude, podeis ver na expressão dessa criança uma luz irradiando, certa consciência nova surgindo, um conhecimento novo chegando, que a criança não conhecia antes. Este é o sinal da juventude, mas a criança não o diz. Não pode dizê-lo, mesmo se quisesse, não pode explicá-lo. E, no entanto, podeis ver isto em cada movimento que a criança faz. Em cada expressão sua podeis verificar que ela agora está realizando a vida. O mesmo acontece com a alma. Quando a alma começa a realizar a vida, acima e abaixo desta vida, começa a mostrá-lo e embora o homem que isto realiza possa conter-se a fim de não mostrá-lo propositadamente, ainda assim por suas expressões, seus movimentos, olhares, por sua voz, por toda ação que pratique e cada uma de suas atitudes, o sábio pode descobrir e os outros podem sentir que ele tem consciência de algum mistério.

A vida interior é um nascer da alma e Cristo disse que a não ser que a alma nasça outra vez não pode ela entrar no reino do céu. Por conseguinte, realizar a vida interior é entrar no reino do céu e esta consciência, quando chega ao ser humano, mostra-se como um renascimento e com este renascimento chega a certeza da vida eterna.

Capítulo V

Liberdade de ação

À proporção que o homem avança na vida interior sente uma liberdade de pensamento, de palavra e de ação que surge como uma corrente natural através da sua jornada espiritual. E a razão por que esta liberdade surge e de onde ela vem pode ser explicada pelo fato de que existe um espírito de liberdade oculto dentro do ser humano coberto pelas convenções do mundo exterior. Quando o homem cresce fora dessas convenções então o espírito de liberdade, que até então estava enclausurado no seu íntimo, manifesta-se.

As leis dadas à humanidade são feitas por aqueles distantes de tais leis – os mais velhos, i. é, os mais evoluídos. Assim como há certas leis para as crianças, certas regras necessárias, também os indivíduos que ainda não evoluíram para olhar a vida do ponto de vista mais elevado são submetidos a certas leis que lhes são ensinadas sob a forma de religião e elas são tão necessárias para a humanidade como as regras impostas às crianças no lar. Se nenhuma regra fosse dada, as crianças ficariam intratáveis. Quando, porém, as crianças crescem começam a ver por si mesmas a razão por que lhes foram impostas tais regras e o benefício que as mesmas lhes trouxeram. Podem, então, fazer tais regras para si próprias, como melhor lhes convier.

A vida interior, pois, ajuda uma alma a crescer. Quando a alma evolui da submissão para a dominação faz, então, regras para si mesma. No Oriente, portanto, ninguém tenta criticar uma pessoa espiritual, ninguém se põe a julgar suas ações ou acusá-la de alguma coisa que chama de errado. Por este motivo disse Jesus Cristo: «Não julgueis», mas este ensinamento foi dado para mostrar que *não julgueis* se aplica ao nosso semelhante, pois ninguém pode julgar aquele que já se adiantou mais do que ele. Quando o homem tenta julgar um mais adiantado do que ele a consequência é que o avanço espiritual se deteriora, porque, por mais avançado que sejam, os que ainda não se adiantaram o derrubarão. A humanidade, assim, ao invés de ir para frente, retrocede. Que aconteceu no caso de Jesus Cristo? Ele foi julgado. A alma libertada, a alma que se fizera livre pela natureza divina foi julgada no tribunal do homem. Os homens menos adiantados consideravam-se suficientemente sabidos para julgar Cristo, não somente julgar mas também lavrar sentença.

Em qualquer período da civilização, pois, em que se tenha mostrado a tendência para julgar o mais adiantado, sempre ocorreu um

colapso de toda a civilização. O Sufi Surmad, um grande Santo, que viveu em Gwalia, foi chamado pelo imperador AURANGZEB para freqüentar a mesquita, porque era contra todas as regras daquele tempo alguém ficar afastado das orações regulares que se faziam na mesquita do Estado. Sendo Surmad um homem de êxtase, a todo o momento, de dia e de noite, vivendo em união com Deus, sendo ele mesmo consciente de Deus, esqueceu-se talvez ou recusou. Para ele um tempo certo de orar ou um lugar certo para fazer orações nada significava. Todo lugar para ele era lugar de oração, todo tempo era tempo de fazer orações, cada respiração sua era uma prece. Quando recusou-se a assistir às orações foi decapitado por ir contra as regras estabelecidas para todo mundo. A consequência foi que o Império Mongólico começou a declinar e sua queda pode ser atribuída àquela época. A civilização mongólica inteira, única no seu tempo, caiu aos pedaços.

Os hindus sempre conheceram esta filosofia porque eles tinham uma religião perfeita, uma religião na qual um aspecto de Deus era caracterizado como humano e seus diversos *Devas* nada mais eram do que vários característicos da natureza humana, cada um deles adorado e objeto de culto. Desta maneira não somente Deus, mas também toda a natureza humana, em todos os seus aspectos, era adorada e objeto de culto. É isto que faz perfeita a religião hindu. Quando o povo diz: «Este lugar é sagrado e o outro lugar não é sagrado, aquela determinada coisa é santa e todas as outras coisas não o são», divide desta forma a vida em pedaços, a vida que é uma, a vida que não pode ser dividida.

Aquêles, portanto, que se elevam acima das convenções ordinárias da vida pelo seu desenvolvimento interior, chegam a outro estado de consciência. Para eles as leis mundanas são as leis para as crianças. Aquêles que começam a ver esta diferença entre as leis que eles se impõem a si mesmos firmemente e as leis que são observadas pela humanidade, às vezes primeiramente condenam e depois não prestam atenção às leis comuns. Criticam essas leis e perguntam: «Para que tudo isso?» Mas aqueles que chegam à completa realização das leis interiores mostram respeito até pelas leis das crianças, sabendo que elas *são* as leis para as crianças e não para as pessoas crescidas. Ainda assim respeitam essas leis porque sabem que não pode ser de outra maneira. As leis que eles conhecem só podem manifestar-se àqueles cuja alma se eleva para essa realização, mas antes que a alma se eleva deve ter alguma lei pela qual viva em harmonia. Por conseguinte as almas adiantadas olham com respeito para tais leis e as observam quando estão na comunidade. Não as condenam

nem as criticarão. Eles se capacitam de que a harmonia é a principal coisa na vida e que não podemos ser felizes através da vida se não nos harmonizarmos com tudo que nos cerca. Qualquer que seja nosso grau de evolução, qualquer que seja o nosso alcance de vista sobre a vida e qualquer que seja a nossa liberdade, devemos respeitar as leis da maioria.

Temos agora a questão: aqueles que se adiantarem espiritualmente têm alguma concepção especial da moral? De fato, eles a têm e a sua moral é uma grande moral, muito maior do que a média dos seres humanos pode conceber. Não é que, tornando-se livres espiritualmente das leis da generalidade, se tornem livres de suas próprias leis. Têm as próprias a que são obrigados a respeitar, que são muito mais altas e muito mais importantes. Sem dúvida, sua maneira de ver as coisas pode ser criticada e pode, geralmente, não ser compreendida. No entanto, sua lei é mais aparentada com a natureza, suas leis estão em harmonia com o espírito, suas leis têm seu efeito como fenômenos e olhando as duas morais que são contrárias uma à outra, a moral da generalidade e a sua própria moral, chegam eles a um plano e a um estado em que as suas mãos e pés estão pregados. É esta a significação simbólica da cravação de Cristo na cruz.

Capítulo VI

A lei da vida interior

Os que vivem a vida interior começam a ver uma lei que está oculta para o comum dos homens. Existe a lei da natureza, conhecida como ciência e a lei da vida chamada lei moral, mas além da ciência e da moral existe outra lei. Esta pode ser chamada lei oculta, ou em outras palavras, lei interior, uma lei que pode ser compreendida por um coração aberto e uma alma despertada.

Esta lei manifesta-se aos olhos do vidente de muitas e variadas formas. Às vezes aparece de uma forma inteiramente contrária ao efeito que mais tarde tem na sua manifestação. O olho do vidente torna-se uma espada que abre pelo meio, por assim dizer, todas as coisas, inclusive os corações dos homens e vê, claramente através de tudo que eles contêm, mas é um abrir ao meio que, ao mesmo tempo, cura.

Diz o Alcorão: «Ele que ensinou com a pena, ensinou ao homem o que o homem não sabia». O que significa isso? Quer dizer que, para o homem que vive a vida interior, tudo que ele vê se torna uma escrita e esse mundo visível torna-se um livro. Ele o lê tão simplesmente como lê uma carta escrita por um amigo. Além disso, ouve uma voz dentro de si que, para ele, se torna uma linguagem. É uma linguagem interior, suas palavras não são as mesmas palavras da linguagem externa, é uma linguagem divina. É uma linguagem sem palavras que só pode ser chamada de voz e, todavia, serve como uma linguagem. É semelhante à música que, para o musicista, é tão clara como a linguagem. Outra pessoa sente prazer na música, mas somente o musicista sabe o que ela diz, o que é cada nota, como é expressa e o que revela. Cada frase musical tem uma significação para ele, cada peça de música é para ele uma pintura, mas isto se refere somente ao verdadeiro musicista.

Há pessoas que declaram ter clarividência e clariaudiência e, muitas vezes, enganam outras dando falsas profecias, mas aquele que vive a vida interior não precisa profetizar, não precisa contar aos outros o que vê e o que ouve. Não é apenas porque não se sente inclinado a fazê-lo, mas também porque não vê necessidade disso, além da impossibilidade de expressar-se completamente. Como é difícil traduzir na íntegra a poesia de uma linguagem para a poesia de outra! Entretanto, isso é apenas interpretar as idéias de uma parte da terra para a gente da outra parte da mesma terra. Quão mais difícil torna-se, pois, traduzir ou interpretar as idéias do mundo di-

vino para o mundo humano. Em que palavras podem ser expressas, que frases podem ser usadas para elas e, depois de serem expressas mesmo em palavras e frases, quem as compreenderá? É a língua de um mundo diferente.

Assim, pois, quando os profetas e os videntes de todos os tempos deram à humanidade certa mensagem e certa lei, foi apenas a dádiva de uma gôta do oceano que eles receberam em seus corações. Isso também é uma grande dificuldade, pois mesmo essa gôta não é inteligível. Todo Cristão entende a Bíblia? Todo Muçulmano conhece o Alcorão ou todo Hindu conhece o Vedanta? Não, podem conhecer as palavras dos versículos, mas nem sempre o verdadeiro significado. Há entre os Muçulmanos alguns que sabem de cor todo o Alcorão, mas isto não é o bastante para chegar ao objetivo. A natureza tôda é um livro secreto e, no entanto, é um livro aberto para o vidente. Como pode o homem traduzir êsse livro, como pode interpretá-lo? É como tentar trazer o mar à terra. Podemos trazê-lo, mas quanto?

A compreensão desta lei dá ao vidente uma visão da vida completamente diferente, que o faz mais inclinado a apreciar tudo que é bom e belo, a admirar tudo que é digno de admiração, a fruir tudo que é digno de ser fruído, a experimentar tudo que vale a pena experimentar. Desperta no vidente a simpatia para amar, tolerar, perdoar, sofrer com paciência e compadecer-se. Inclina-o a suportar, proteger e servir aos necessitados. Mas pode êle dizer o que realmente sente, como realmente sente? Não, êle não pode dizê-lo, mesmo a si próprio.

Portanto, aquêle que vive a vida interior é tôdas as coisas: é semelhante a um médico que sabe de coisas que um médico não pode saber, assemelha-se a um astrólogo e sabe muito mais do que o astrólogo, parece-se com um artista mas sabe o que nenhum artista pode saber, a um musicista mas sabe o que êste não sabe, a um poeta que sabe o que o poeta não pode perceber, pois que se torna o artista do mundo inteiro, o cantor da divina canção. Torna-se o astrólogo de todo o cosmos, que está oculto à vista dos homens. Não precisa de coisas exteriores como sinais de que conhece a vida eterna. Sua própria vida é a evidência da vida interminável. Para êle a morte é uma sombra, é uma mudança, é como voltar a face de um lado para o outro. Para êle tôdas as coisas têm sua significação, cada movimento neste mundo: o movimento da água, do ar, do relâmpago, do trovão e do vento. Cada movimento tem uma mensagem para êle, trazendo-lhe um sinal. Para outra pessoa é apenas o trovão, apenas uma tempestade, mas para êle cada movimento tem sua significa-

ção. Quando êle se eleva em seu desenvolvimento, não somente cada movimento tem sua significação mas em cada movimento e acima de cada movimento exerce o seu comando. Esta parte de sua vida é que lhe traz a maestria.

Além disso, êle vê através de tudo, de todos os negócios dêste mundo, de indivíduos e multidões, que confundem as pessoas, que lhes trazem desespero e lhes causam depressão, que lhes dão alegria e prazer, que as divertem. Sabe porque isso acontece, de onde vem, o que está por trás disso, a causa e atrás da causa aparente qual é a causa oculta e se êle quiser buscar a causa atrás da causa poderá rastrear até a causa primária, pois a vida interior é vivida vivendo-se com a causa primária, estando-se em unidade com a causa primária. Aquêle, portanto, que vive a vida interior, em outras palavras, que vive a vida de Deus, Deus está dentro dêle e êle está em Deus.

Capítulo VII

O objetivo da vida interior

É o poder o objetivo da pessoa espiritual ou é a inspiração o que ela procura? De fato, ela não persegue nenhuma destas coisas, mas todas as coisas, tais como o poder e a inspiração, vão seguindo a pessoa à medida que prossegue no caminho para a meta espiritual. A meta da pessoa espiritual é a realização de si mesma e sua jornada é para a profundidade do seu próprio ser, do seu Deus, do seu Ideal.

Sacrifica tal pessoa todos os interesses na vida ou considera os diferentes objetivos que as pessoas têm nas suas vidas como alguma coisa conduzindo-as para fora do caminho? Absolutamente não. Sem dúvida seu objetivo é o mais elevado que uma alma possa ter, mas todos os outros objetivos que vê diante de si na vida não impedem necessariamente seu caminho. Esses objetivos passam a ser como uma escadaria na sua estrada, tornando seu caminho fácil de andar. A pessoa, portanto, que vive a vida interior não condena e não critica nunca os objetivos dos outros, por pequenos ou ridículos que possam parecer, porque ela sabe que todo objetivo na vida de uma pessoa é apenas um degrau que a conduz para diante se ela apenas deseja ir para diante.

Há um tempo na vida de uma alma em que tem desejo de brincar com bonecas. O que procura então são os brinquedos. Do ponto de vista espiritual não há mal algum nisso e o homem com o tempo vê o caminho que conduz à meta. São apenas interesses passageiros conduzindo a outros e desta maneira o homem segue em frente.

Portanto, segundo a opinião do vidente, o homem coloca diante de si, em diferentes ocasiões, objetivos como a riqueza, o prazer ou um paraíso material. A pessoa espiritual começa a sua viagem do ponto onde estes objetivos terminam. O processo de evolução não é um caminho retilíneo, assemelha-se mais a uma roda que está sempre a girar. Assim, a experiência da pessoa que palmilha a estrada espiritual começa a mostrar uma tendência para baixo e depois outra vez para cima. Por exemplo, no caminho espiritual uma pessoa retrocede, experimenta a juventude novamente, pois a espiritualidade dá saúde à mente e ao corpo, sendo a verdadeira vida. A pessoa sente vigor, fortaleza, aspiração, entusiasmo, energia e um espírito vivaz que a faz jovem, qualquer que seja a sua idade. Fica então como uma criança, ansiosa por brincar, pronta para rir, feliz entre as crianças, mostra em sua personalidade traços da meninice, especialmente aquele ar que a gente vê nas crianças, onde não há aborrecimento algum,

ansiedade ou qualquer sentimento de amargura contra alguém, onde há um desejo de ser amistoso com todos, onde não há orgulho ou presunção, mas atitude para associar-se com alguém, seja qual for sua classe ou casta, nação ou raça. Assim a pessoa torna-se semelhante a uma criança. A tendência para as lágrimas, a facilidade para o riso, tudo isso encontra-se na pessoa espiritual.

À medida que a pessoa espiritual se adianta, mostra infância na sua natureza. Pode-se perceber isto na sua inocência. Seu coração pode estar iluminado de sabedoria e, no entanto, é inocente. É facilmente enganada, mesmo tendo conhecimento de sê-lo, sendo, além disso, feliz sob todas as condições, semelhante a uma criança. Como a criança não importa honra ou insulto, a pessoa espiritual também não se incomoda com isso. Quando chega a este estágio, responde ao insulto com um sorriso. As honras que lhe são prestadas são como as honras prestadas a uma criancinha, que não sabe a quem elas são oferecidas. Somente a pessoa que prestou as honras sabe que elas foram prestadas a alguém. A pessoa espiritual não tem consciência disso, nem se sente feliz e não se orgulha disso. Nada representa para ela. Aquêlo que a honrou honrou-se a si mesmo, desde que para a criancinha nada valerá se alguém falar a seu favor ou contra. A criancinha não se importa, está pronta para rir em ambos os casos. Assim é a pessoa espiritual. À medida que a alma espiritual prossegue mais além, começa a mostrar os verdadeiros traços de humanidade, pois aqui começa realmente a humanidade. Podemos ver em tal pessoa os sinais que são os puros característicos do ser humano, destituído dos traços animais. Por exemplo, há nela uma tendência para apreciar todo o pequeno ato bom de alguém, para admirar o bem, onde quer que o veja em qualquer pessoa. Uma tendência para simpatizar, qualquer que seja a condição da pessoa, santo ou pecador. Uma tendência para interessar-se pelos negócios de seus amigos quando convidado a fazê-lo. Uma tendência ao sacrifício sem considerar o que sacrifica, enquanto é levado a praticar aquela ação. Respeito, gratidão, sinceridade, fidelidade, paciência, resignação, todas estas qualidades começam a mostrar-se no caráter daquele homem. É neste estágio que verdadeiramente êle pode julgar, pois neste estágio o senso de justiça desperta.

À proporção, porém, que êle cresce, continua também a regredir. Mostra agora os sinais do reino animal. Por exemplo, uma qualidade como a do elefante que, com toda sua força e potência de gigante, está apto a tomar a carga colocada em seu dorso, como o cavalo, que está pronto a servir seu cavaleiro e a vaca, que vive no

mundo harmoniosamente, que vem para casa sem ser dirigida, oferece o leite que, por direito, é de seu bezerro. Estas qualidades chegam à pessoa espiritual. A mesma coisa é ensinada por Cristo.

Quando êle ainda mais se adianta, é que nêle se desenvolve a qualidade do reino vegetal, das plantas que produzem flôres e frutos, pacientemente esperando pela chuva do alto. Nunca exige qualquer recompensa daqueles que vêm colhêr flôres e frutos, dando e nunca esperando uma recompensa, desejando apenas dar expansão à beleza, de acôrdo com a capacidade que está oculta nêles e deixando que a beleza, seja apanhada pelos que dela sejam dignos ou indignos, seja quem fôr, sem nenhuma esperança de aprêço ou agradecimento.

Quando a pessoa espiritual avança mais ainda, chega ao estágio do reino mineral. Converte-se numa rocha para os outros nela se apoiarem, dela dependerem, uma rocha que permanece imóvel no meio das vagas constantemente revôltas do mar da vida, uma rocha para suportar tôdas as coisas dêste mundo, cuja influência tem um efeito dissonante sôbre os sêres humanos sensíveis, uma rocha de constância na amizade, de firmeza no amor, de lealdade a todo o ideal pelo qual a pessoa tomou sua posição. Podemos depender dessa pessoa através da vida e da morte, aqui e além. Neste mundo, onde nada é seguro, que está cheio de mudanças a cada momento, essa alma chegou ao estágio em que mostra, através de tôdas essas mudanças, aquela qualidade semelhante à rocha, provando com isso o seu avanço para o reino mineral.

O seu avanço seguinte é para a qualidade genial de *jinn*, que representa a onisciência, a compreensão de tudo. Não há nada que tal homem não possa compreender. Por mais difícil que seja a situação, por mais sutil que seja o problema, seja qual fôr a condição daqueles que o cercam, êle compreende tudo. Uma pessoa pode vir a êle endurecida pelas faltas que houver cometido em tôda sua vida, perante esta compreensão êle se funde, seja um amigo ou um inimigo, êle compreende ambos. Êle tem não só o conhecimento da natureza humana como também o dos objetos, igualmente das condições da vida em geral, em todos os seus aspectos.

E quando êle se adianta ainda mais, sua natureza se desenvolve na de um anjo. A natureza do anjo é a de adorador. Portanto, adora Deus em tôdas as criaturas. Não se sente maior ou julga ser melhor ou mais espiritual êle mesmo do que qualquer outra pessoa. Nesta realização êle é o adorador de todos os nomes e formas existentes porque os considera todos como nomes e formas de Deus. Não há ninguém, embora degenerado ou visto como inferior pelo mundo,

que seja algo diminuto aos seus olhos. Aos seus olhos não existe ninguém senão o Ser Divino e, desta maneira, cada momento de sua vida é devotado à adoração. Para êsse homem não é mais necessário que tenha de adorar Deus em determinado tempo ou numa certa casa ou de certa maneira. Não há um momento em que êle não esteja em adoração. A todo instante de sua vida êle está em adoração, está diante de Deus e estando diante de Deus a todo momento da sua vida fica tão purificado que seu coração se torna um cristal, onde tudo é claro. Tudo reflete-se nêle e ninguém pode esconder dêle seus pensamentos, nada é escondido dêle, tudo sabe tão claramente como é sabido pela outra pessoa e mais ainda, pois tôda pessoa conhece sua própria condição e, no entanto, não conhece a razão. O ser espiritual, porém, neste estágio conhece a condição da pessoa e a razão por trás dela. Conhece, portanto, mais acêrca de cada pessoa do que essa pessoa conhece de si mesma.

Êste é o estágio em que seu progresso culmina e chega à sua plenitude e a êste respeito disse Cristo: «Sêde perfeitos, como Vosso Pai no céu é perfeito». Quando chega êste estágio, não há palavras para exprimi-lo. É uma sensação, é uma compreensão, é um sentimento que as palavras nunca podem explicar. Há só uma coisa que se pode dizer: quando uma pessoa tocou êsse estágio que se chama perfeição, seu pensamento, sua fala, sua ação, sua atmosfera, tudo se torna produto de Deus. Ela espalha Deus para todos os lados. Mesmo se não falar, ainda assim espalhará Deus. Mesmo se não fizer coisa alguma, ainda assim trará Deus consigo. E assim essas pessoas que realizaram Deus, trazem para o mundo o Deus vivo. Presentemente existe no mundo apenas uma crença em Deus, Deus existe na imaginação, no ideal. Uma alma dessas, que tocou a Divina Perfeição, é que traz para a terra um Deus vivo, que sem ela permaneceria sòmente nos céus.

Capítulo VIII

A conquista da vida interior

Cinco coisas são necessárias para se conquistar a vida interior. A primeira delas, que é essencial, é o domínio da mente, o que é conseguido se desaprendermos tudo que tenhamos aprendido.

O fato de uma pessoa já ter adquirido outros conhecimentos na vida, não quer dizer que vai obter o conhecimento interior, pois esse conhecimento interior exige um alicerce firme como o de uma rocha. Não se pode construir uma casa de rochas sobre um alicerce de areia. Para fazer um alicerce nas rochas temos que cavar na areia e construir o alicerce embaixo das rochas. Muitas vezes, pois, uma pessoa intelectual que, através da vida, tenha aprendido e compreendido coisas pela força do intelecto, tem dificuldade em atingir a vida interior, porque estes dois caminhos – o caminho intelectual e o caminho da vida interior – são diferentes: um vai para o Norte e o outro para o Sul. Quando alguém diz: «Andei agora tantas milhas para o Sul, encontrarei, pois, mais cedo alguma coisa que exista no Norte?» deve saber que não a encontrará mais cedo e sim mais tarde, porque o quanto andou para o Sul é o quanto terá que andar para trás a fim de alcançar o Norte.

Por conseguinte, devemos compreender que tudo o que o homem aprende e experimenta nesta vida terrena, tudo que ele chama de aprender ou saber, é usado somente no mundo em que está aprendendo e representa, no seu caso, o mesmo que a casca do ovo para o pinto. Quando, porém, encaminha-se para a vida interior, esse aprendizado e conhecimento não tem nenhuma utilidade para ele. Quanto mais o homem fôr capaz de esquecer esse conhecimento, de desaprender, maior capacidade terá de atingir o objetivo que tem em vista ao trilhar o caminho espiritual.

Para as pessoas que receberam ensinamentos e têm experiência da vida exterior, é difícil compreenderem que, depois de seu grande avanço nos conhecimentos do mundo, precisam voltar atrás. Muitas vezes não podem compreender. Muitos acham isso estranho e ficam, portanto, desapontados. É como se aprendêssemos a língua de um determinado país quando desejamos ir a outro país onde aquela língua não é compreendida, nem compreendemos a língua deste outro país. Assim como há o pólo norte e o pólo sul, existe a vida exterior e a vida interior. A diferença ainda é maior porque o espaço entre a vida interior e a vida exterior é mais vasto do que a distância entre o pólo norte e o pólo sul. A pessoa que está avançando para o

Sul não está se aproximando mais do pólo norte. Ao contrário, está indo para mais longe dele. Para alcançar o pólo norte deve precisamente voltar. Todavia, isso não é difícil para a alma que com pertinácia palmilha o Caminho. Basta usar o entusiasmo na direção oposta, transformar o entusiasmo que tem para aprender alguma coisa do mundo em entusiasmo por esquecê-la e desaprendê-la, a fim de aprender alguma coisa da vida interior.

Agora vem a questão: como podemos desaprender? Aprender é formar um nó na mente. Seja o que fôr que aprendamos, pela experiência ou por intermédio de alguém, fazemos com isso um nó na nossa mente e nela encontramos tantos nós quantas forem as coisas que tivermos aprendido. Desaprender é desatar o nó e desaprender é tão penoso como desatar um nó. Quanto esforço é preciso, quanta paciência se requer para desatar um nó quando demos esse nó e apertamos de ambos os lados! Assim, precisamos de paciência e esforço para desatar os nós na mente. O que ajuda a desatar esses nós? A luz da razão trabalhando com toda a força desata os nós mentais. Um nó é uma razão limitada. Quando desatamos o nó sua limitação desaparece, abre-se, e quando a mente fica lisa pelo desaprender e pela extirpação de todas as impressões, boas e más, certas e erradas, então o terreno do coração fica igual a um campo cultivado, justamente como fica a terra depois de arada. Todos os velhos troncos e raízes, calhaus e rochas são retirados e ela fica transformada em campo pronto para ser semeado. Se há rochas, pedras e tijolos ainda ali espalhados e ainda restam algumas das velhas raízes, então é difícil lançar a semente, pois o campo não está nas condições em que deseja o fazendeiro.

A segunda coisa para alcançarmos a vida interior é procurarmos um guia espiritual, alguém em que uma pessoa possa confiar inteiramente e a quem possa fazer qualquer confidência, alguma pessoa a quem possa respeitar e com a qual simpatize, o que culminará no que se chama de devoção. Uma vez encontrado esse alguém na vida, a quem considere seu *Guru*, seu *Murshid* (Mestre), seu Guia, deve-lhe fazer confidências de modo a que nenhuma coisa lhe seja ocultada. Se alguma coisa fôr ocultada, então é melhor retirar o que já lhe foi confidenciado, pois tudo deve ser feito por completo: ou se tem confiança ou não se confia. Neste caminho da perfeição todas as coisas devem ser feitas de maneira completa.

Temos agora os métodos do Guia, que dependem do seu temperamento e da sua discriminação em achar para cada uma das pessoas que está sendo guiada uma fórmula especial. Ele pode conduzir

essas pessoas a seu destino pela estrada real ou através de ruas e becos, no rumo do mar ou através da cidade, por terra ou por água, da maneira que lhe parecer melhor, sob certas circunstâncias.

A terceira coisa necessária para a conquista da espiritualidade é receber o conhecimento. Este é um conhecimento do mundo interior e não pode ser comparado com o conhecimento que houvermos adquirido antes. Eis porque é necessário desaprender o que já tivermos aprendido. O homem não pode conciliar o que recebe neste caminho com as idéias que tinha anteriormente. As duas coisas não podem marchar juntas. Há, portanto, três estágios de receber conhecimentos, pelos quais o ser que está sendo guiado tem que passar. O primeiro estágio é receber o conhecimento quando a pessoa não faz nada senão receber. O estágio seguinte; o período depois disso, o estágio da assimilação do que tenha aprendido. O homem pensa nisso, pondera sobre isso, a fim de que o que tiver aprendido possa permanecer na sua mente. É justamente como o alimento que comemos e depois assimilamos. O terceiro estágio é o de raciocinar por si mesmo. O homem não raciocina sobre uma coisa logo que a recebe, se o fizesse perderia a coisa toda, pois é como uma pessoa que aprendesse o A, o B e o C num estágio e perguntasse algo a respeito das palavras que não começassem por aquelas letras. Estaria raciocinando muito antes do que devia, pois ainda não tinha aprendido as outras letras. Há um tempo que, necessariamente, deve ser dado para recebermos como se dá um tempo para comer. Enquanto estamos comendo não estamos correndo na rua para assimilar o alimento. Depois de terminar nosso jantar podemos então fazer tudo que fôr possível para ajudar a nossa digestão. Assimilar é compreender claramente, sentir e reter na memória o conhecimento dentro do próprio eu, não somente isso, mas também esperar até que o benefício e a iluminação do conhecimento venha chegando como resultado da realização.

A terceira parte, pois, para receber o conhecimento é o raciocínio, racionando assim: «Por que isto é assim? Que benefício isso me trouxe? Como tornar isso prático na vida? Como pode isso beneficiar-me, a mim e aos outros?» É este o terceiro estágio. Se estes estágios são confusos então todo o processo torna-se confuso e a pessoa não pode colhêr aquêle benefício que almeja ao trilhar o caminho espiritual.

O quarto grau na conquista da vida interior é a meditação. Se a pessoa desaprendeu tudo que aprendeu, se tiver um mestre, e se recebeu o conhecimento da vida interior, a meditação ainda é a coisa mais necessária que, na linguagem Sufi, se chama *Riazat*. Em pri-

meiro lugar, a meditação é feita maquinalmente, numa hora que se fixa como a hora da devoção ou concentração. O passo seguinte é pensar nessa idéia de meditação noutras ocasiões durante o dia e o terceiro estágio é a meditação contínua pelos dias e noites afora. A pessoa, então, atingiu a meditação correta. Se uma pessoa fizer uma meditação apenas durante quinze minutos ao anoitecer e depois esquecer-se de tudo a respeito disso o dia inteiro, é a mesma coisa que ir à igreja no domingo e esquecer durante os outros dias da semana tudo acerca disso.

O treino intelectual, sem dúvida, tem sua utilidade no aperfeiçoamento da vida interior, mas a principal coisa é a meditação. Este é o verdadeiro treino. O estudo de um ano e a meditação de um dia se equivalem. Como meditação entende-se a correta maneira de meditar. Se uma pessoa fecha os olhos e senta-se sem nada fazer, é o mesmo que dormir. A meditação não é apenas um exercício a ser praticado, na meditação a alma recebe uma carga de nova luz e vida, com inspiração e vigor. Há na meditação toda sorte de bênção.

Alguns cansam-se da meditação, mas isto não quer dizer que meditem. Eles se cansam antes de terem chegado ao estágio em que verdadeiramente experimentam o efeito da meditação, como aqueles que ficam exaustos de tocar violino. Estão cansados porque ainda não tocaram o violino. Se chegarem a tocar, jamais se cansarão. A dificuldade é tocar o violino e o difícil é ter paciência com o seu próprio tocar.

É preciso paciência na meditação. Uma pessoa fica cansada porque está acostumada com a atividade do dia inteiro. Seus nervos estão propensos a prosseguir nessa atividade, que não é realmente para seu benefício e, todavia, lhe está dando a disposição para prosseguir e quando uma pessoa fica sentada com os olhos fechados, sente-se incômodo, pois a mente – que tem estado ativa o dia todo – fica agitada, justamente como um cavalo depois de ter feito uma longa carreira. Se quiserdes que êsse cavalo fique parado, êle fica indócil. Não pode ficar quieto porque todos os seus nervos estão ativos e é quase impossível manter êsse cavalo quieto.

O mesmo acontece com o homem. Encontrei-me uma vez com um homem habituado a meditar e enquanto estávamos sentados junto ao fogo conversando a respeito de várias coisas, êle silenciou e tive que ficar quieto até que êle abrisse os olhos. Perguntei-lhe: «É lindo, não é?» E êle respondeu: «Nunca é bastante». Para os que experimentam a alegria da meditação, nada há no mundo que seja mais interessante e lhes cause maior alegria. Experimentam a paz

interior e a alegria, que não podem ser explicadas por palavras, tocam a perfeição, ou o espírito da luz, da vida e do amor, tudo está ali.

A quinta coisa necessária no caminho espiritual é o viver de cada dia da vida. Não há moral estrita que um Guia espiritual imponha a uma pessoa, pois êste trabalho está afeto às religiões. É ao lado exotérico do trabalho espiritual que pertence a moral externa, mas a essência da moral é praticada pelas pessoas que estão marchando no caminho espiritual. Seu primeiro princípio moral é evitar constantemente ofender os sentimentos dos outros. O segundo princípio moral é evitar que a própria pessoa se deixe afetar pelas influências constantemente destoantes, que toda alma tem que encontrar na vida. O terceiro princípio é manter seu equilíbrio em todas as diferentes situações e condições que perturbam êste estado tranqüilo da mente. O quarto princípio é amar incessantemente todos os que mereçam amor e dar aos que não merecem amor o seu perdão e isto é constantemente praticado por essas pessoas. O quinto princípio é desligar-se no meio da multidão, mas por desligamento não quero dizer separação. Desligamento significa apenas elevar-se acima dos laços que prendem o homem e o retardam na sua viagem para a meta final.

Capítulo IX

O homem-anjo

A palavra hindu *Deva* significa um homem-anjo e o termo Sufi é *Farishtakhaslat*. Cada alma tem, como primeira expressão, uma vida angélica e, assim, nada há de surpreendente se o homem mostrar traços angelicais em sua vida, já que isto existe nas profundezas de sua alma. A alma vem de diferentes esferas e planos da existência e participa de atributos diferentes, sendo que os atributos do mundo mais baixo ficam tão agrupados e apegados em torno da alma, que ela quase se esquece da sua primeira experiência, do seu mais puro ser. A alma que, através de toda experiência do mundo, tende a voltar-se para a sua origem, para o seu estado angélico, mostra um caráter diferente das características gerais dos seres humanos. Apresenta essa alma a mesma tendência do compasso dos navegantes, o qual, de qualquer maneira que fôr movido ou voltado, aponta sempre numa certa direção. O mesmo acontece com a alma, cuja natureza é apontar para a origem e fonte de onde vêm todas as almas.

Esta alma pode ter a mesma tendência desde a meninice, na juventude, e quando crescida pode ter ainda a mesma tendência. Pode desenvolvê-la cada vez mais, mas essa é uma tendência que nasceu com a alma e o seu magnetismo é grande. Atrai todas as almas porque está em contato com o seu verdadeiro eu e êsse verdadeiro eu é o verdadeiro eu de cada alma com quem tem ela contatos e, portanto, atua como um magneto em relação a estas almas. *Deva* é o nome desta espécie pura de alma humana.

O tipo de alma que se segue ao *Deva* é o *Jinn*, do qual vem a palavra *Djin* (gênio). É êste um característico da alma, que se mantém em contato com a região interior e que se reflete exteriormente em tudo que é belo. Enquanto a alma de cada um de nós está olhando a beleza exterior, a atenção da alma *Jinn* dirige-se não tanto para a beleza que se reflete exteriormente quanto para a fonte dessa beleza, que está no íntimo.

Entre os que vivem a vida interior é que vamos encontrar, em grande maioria, êsses dois tipos característicos do *Deva* ou anjo e do *Jinn* ou *Djin* (gênio), porque são êles menos absorvidos pela vida terrena e, assim, são mais atraídos para a vida interior. Isto não quer dizer que não se ocupam com a vida mundana e não significa que não tenham nenhum interêsse neste mundo. De fato é o interêsse pela vida externa que traz a alma para ela. Se a alma não se inte-

ressasse pelo mundo, não viria para cá. É o interesse que a traz, mas, para semelhante alma, embora a vida exterior seja interessante, é, ao mesmo tempo, um desapontamento. Tudo que interessa a uma alma delicada neste mundo só interessa enquanto ela não o toca. Logo que o toca a alma perde o interesse. Sua tendência natural é recuar. As coisas que prendem o comum das almas não podem prender essa alma delicada, podem apenas atraí-la, pois esta alma está procurando algo e vê seu reflexo exteriormente, mas ao tocá-lo constata que era uma sombra, que não era real e volta desapontada. Assim, a vida do *Deva* ou *Jinn* passa-se desta maneira.

O característico da lebre, na descrição dos poetas da Índia, é que ela, quando está com sede, percorre a floresta à procura de água e muito lhe agrada ouvir o som do trovão e vai correndo de um lado para outro com desejo de beber. Mas, algumas vezes, trata-se somente de trovão e não chove, ou se chove é apenas um chuvisco que não traz bastante água para beber, e a lebre fica ainda com sede. Assim é, neste mundo, a sede de uma alma delicada. A alma do homem propenso à espiritualidade está constantemente sedenta, procurando alguma coisa, em busca de alguma coisa, e quando pensa que a encontra, essa coisa passa a ser diferente. Assim, a vida passa a ser uma luta contínua e um contínuo desapontamento e o resultado é que, ao invés de tomar interesse em todas as coisas, uma espécie de indiferença começa a produzir-se. No entanto, não há indiferença alguma no verdadeiro caráter dessa alma, há somente amor.

Conquanto a vida pareça fazer com que essa alma se torne indiferente, ela realmente não pode tornar-se indiferente e é esta condição trabalhando através da vida que dá ao homem certo sentimento, ao qual somente uma palavra hindu é aplicável, pois nenhuma outra língua tem uma palavra adequada para este significado particular, e esta palavra hindu é *Vairâgya*, de onde vem o termo *Vairâgi*. *Vairâgi* significa a pessoa que se tornou indiferente e, no entanto, indiferença não é a palavra para isso. Este termo aplica-se a uma pessoa que não dá mais valor às coisas que atraem o ser humano. Todas essas coisas não têm mais atrativo para essa pessoa, não mais a escravizam. Pode ainda interessar-se por todas as coisas desta vida mas não está mais presa a elas. O primeiro sentimento do *Vairâgi* é afastar-se de tudo. Essa pessoa mostra a natureza da lebre, que foge correndo ao ouvir o ruído de uma folha, pois essa pessoa torna-se sensível e convicta dos resultados decepcionantes criados da limitação e mutabilidade da vida terrena. Ferida no íntimo, torna-se sensível e a primeira coisa que ocorre a esta mente é

voar, ocultar-se em algum lugar, meter-se numa toca nas montanhas ou dentro da floresta, onde não encontrará ninguém. Nenhum negócio deste mundo, nenhum parentesco, nenhuma amizade, nenhuma riqueza, nenhuma hierarquia, posição ou conforto, nada a empolga. No entanto, não quer isso dizer que lhe falta de maneira alguma o que chamamos de amor ou gentileza, pois se acaso vive neste mundo é somente por amor. Não está interessada neste mundo e é somente o amor que a retém aqui – o amor que não mais se expressa na forma de apêgo, mas tão somente na forma de gentileza, perdão, generosidade, serviço, consideração, simpatia, desejo de auxiliar da maneira que puder, jamais esperando recompensa do mundo, mas sempre fazendo tudo que puder, apiedando-se das condições, conhecendo as limitações da vida e sua contínua mutabilidade.

Quando esse *Vairâgi* fica mais desenvolvido, fica então, semelhante a uma serpente. Torna-se sábio como a serpente. A serpente nunca está interessada em movimentar-se no meio da multidão, tem sempre seu reduto onde se oculta. Sai apenas quando tem fome ou sede e uma vez que se alimenta não procura mais o que comer ou beber como fazem os cães e gatos. Podemos alimentá-los uma vez, outras vezes, e eles sempre querem mais. A serpente, uma vez alimentada, vai para dentro de sua toca e lá fica até precisar novamente de alimento: perdeu toda voracidade. O mesmo acontece com a alma do *Vairâgi*: quer viver neste mundo apenas por amor aos outros, não por ele próprio. Sua relação com as pessoas deste mundo é para servi-las, não pedindo que o sirvam, é para amá-las, não para lhes pedir amor, para ser amigo delas e não para pedir-lhes amizade. Nunca deixa enganar-se uma segunda vez. Um desaponto é suficiente. Uma vez que o *Vairâgi* compreendeu quanto há de falso na vida comum, nunca deixa enganar-se novamente. Vê o mundo com os olhos da experiência e diz: «Não espero coisa alguma de você. Se venho a você é para dar-lhe e não para tomar-lhe. Faço tudo para você mas não fico preso a você». Esta é a senha do *Vairâgi*.

Quando o *Vairâgi* está mais desenvolvido ainda neste sentimento de *Vairâgya*, torna-se então um leão. Não é mais a serpente procurando a solidão, embora ainda goste dela. Não é mais a lebre afastando-se a correr da multidão. É o leão, que pára e enfrenta as dificuldades. Não tem mais aquela sensibilidade, mas persevera com toda força e poder, com todo o equilíbrio, com toda a paciência, e com um bravo espírito fica de pé no mundo no meio da multidão. Para quê? Para suportar todas as coisas que lhe chegam, para so-

frer tôdas as influências destoantes que o mundo oferece a uma pessoa sensível, para olhar dentro dos olhos de todos, sendo bravo, de espírito fortificado pela verdade e de consciência limpa.

É desta maneira que a alma semelhante ao leão do *Deva*, o homem-anjo, chega em socorro da humanidade. É este «*Vairâgi*» desenvolvido que é chamado de mestre ou santo, profeta ou sábio. Ele é como o fruto que amadurece na árvore com a ajuda do sol. Desta maneira, essa alma que está amadurecida pela experiência da vida e não se deixou corromper por essa experiência e sim sustentou a verdade com equilíbrio, esperança e paciência, guiada pelo amor à humanidade e o desejo de servir a Deus, sem qualquer desejo de apreciação ou recompensa de baixo ou de cima – esta alma é a do *Deva*, que traz a Mensagem Divina, tôdas as vezes que a Mensagem vier para uma comunidade, uma nação ou ao mundo.

Capítulo X

Cinco diferentes espécies de almas espirituais

Os que vivem a vida interior têm de adotar uma certa forma exterior para viver no mundo, no meio de tôda sorte de gente. Há cinco maneiras principais e conhecidas, adotadas pelas almas espirituais para viver no mundo, embora existam muitas outras. Muitas vezes essas almas encontram-se em tais formas de vida que nunca poderíamos imaginar, por um momento, que estão vivendo a vida interior. Foi por esta razão que todos os sábios até hoje nos ensinam respeitar todo ser humano, seja qual fôr o seu caráter exterior, aconselhando o homem a pensar em quem está por trás daquela vestimenta e o que ela é.

Entre os cinco princípios característicos do ser espiritual, o primeiro é o caráter religioso. É a pessoa que vive a vida religiosa, a vida de uma pessoa ortodoxa, semelhante às demais pessoas, mas que não mostra traço algum exterior de um conhecimento mais profundo ou visão mais ampla, embora realize isso interiormente. Exteriormente vai ao seu templo ou igreja, como as demais pessoas. Oferece suas orações à Divindade como todo mundo, lê as Escrituras da mesma forma que as demais pessoas, recebe os sacramentos e pede a bênção da igreja da mesma maneira que os outros. Não mostra diferença alguma, nenhuma característica especial que denote exteriormente que é uma pessoa espiritualmente avançada, mas, ao mesmo tempo, enquanto os outros estão fazendo todos os atos religiosos exteriormente, ela os realiza na sua vida, de verdade. Todo ato religioso é para ela uma revelação simbólica, a prece é uma meditação, a Escritura é o meio de recordar, pois o Livro Sagrado refere-se, para ela, ao que lê na vida e na natureza. Assim, enquanto exteriormente é um homem religioso como os demais no mundo, intimamente é um homem espiritual.

Outro aspecto do homem espiritual vamos encontrar na mente filosófica. Ele pode não mostrar absolutamente nenhum traço de ortodoxia ou piedade, pode perfeitamente aparentar ser um homem do mundo em negócios ou em assuntos da vida mundana. Aceita tôdas as coisas com brandura, tolera e suporta tudo. Com a sua compreensão leva a vida facilmente. Compreende tôdas as exigências da vida. Ninguém jamais pensará que ele está vivendo a vida interior. Pode estar concluindo uma negociação e, no entanto, pode ter ao mesmo tempo a exata compreensão de Deus e da verdade. Pode não parecer absolutamente meditativo ou contemplativo e, no entanto,

pode a todos os instantes de sua vida ser devotado à contemplação. Pode tomar sua ocupação na vida cotidiana como um meio de realização espiritual. Por sua aparência externa ninguém pode pensar, por um momento, que êle esteja espiritualmente desenvolvido em tão alto grau, apenas aquêles que entram em contato com êle convencem-se com o tempo que se trata de uma pessoa honesta, que é justa e equitativa em seus princípios e em sua vida, que é sincera. Essa é tôda a religião que êsse homem precisa. Desta maneira, sua vida externa torna-se sua religião e sua realização interior sua espiritualidade.

A terceira forma de um ser espiritual é a de ser um servidor, o que faz o bem aos outros. Nesta forma podem estar ocultos santos. Eles nunca falam acêrca de espiritualidade, nem falam muito sôbre a filosofia da vida. A filosofia e religião dêles estão em seus atos. O amor transborda de seus corações a todos os momentos de suas vidas e estão sempre ocupados em fazer bem aos outros. Consideram todos que dêles se aproximam como irmãos ou irmãs, como seus filhos. Interessam-se pelas alegrias e tristezas de todos e fazem tudo ao seu alcance para guiá-los, instruí-los e aconselhá-los através de sua vida. Desta forma a pessoa espiritual pode ser um professor, um pregador ou um filantropo, mas em qualquer forma que se apresentar, o principal na sua vida é o serviço à humanidade – fazendo o bem aos outros, trazendo felicidade de alguma forma a alguém. A alegria que isso traz é o êxtase espiritual, pois todo ato de bondade e gentileza tem uma alegria particular que traz o ar do céu. Quando alguém está sempre ocupado em fazer bem aos outros, sente uma constante alegria e essa alegria cria uma atmosfera celestial, criando dentro dêle um paraíso, que é sua vida interior. Êste mundo é tão cheio de espinhos, tão cheio de tormentos, dores e tristezas e nêle vive o ser espiritual, mas pelo simples fato de tentar remover os espinhos do caminho dos outros, embora êsses espinhos espetem as mãos dos que os removem, êle se eleva e obtém uma alegria íntima, que é sua realização espiritual.

Há uma quarta forma de um ser espiritual, que é a forma mística. Essa forma é difícil de ser compreendida, porque o místico nasce místico. O misticismo não é uma coisa que se aprende, é um temperamento. Um místico pode ter a face voltada para o Norte enquanto está olhando para o Sul. Um místico pode ter a cabeça inclinada para baixo e, no entanto, pode estar olhando para cima. Seus olhos podem estar abertos para o exterior enquanto está olhando para o interior. Seus olhos podem estar fechados e, no entanto, pode estar olhando para exterior. O homem comum não pode compre-

ender o místico e por isso as pessoas não sabem como lidar com êle. Seu *sim* não é o mesmo *sim* que todo mundo diz, seu *não* não tem a mesma significação do *não* que todos compreendem. Em quase tôdas as frases que profere há um significado simbólico. Cada uma das suas ações exteriores tem uma significação interior. Um homem que não compreende sua significação simbólica pode ficar perplexo ao ouvir uma frase que só lhe traz confusão.

Um místico pode dar um passo exteriormente, interiormente deu mil. Pode estar numa cidade e pode estar trabalhando noutra lugar ao mesmo tempo. Um místico é um fenômeno em si mesmo e uma confusão para os que o cercam. Não pode dizer-lhes o que está fazendo, nem êles compreenderão o verdadeiro segredo do místico, pois é alguém que está vivendo a vida interior e ao mesmo tempo cobre essa vida interior com ação exterior. Sua palavra ou movimento não é mais do que a capa de alguma ação interior. Assim, pois, aquêles que compreendem o místico nunca discutem com êle. Quando êle diz *vá* êles vão, quando êle diz *venha*, êles vêm. Quando o místico vem a êles não dizem *não venha*. Compreendem que é o tempo em que êle deve vir e quando êle os deixa, não pedem que fique porque sabem que é o tempo em que êle deve partir.

Nem o riso nem as lágrimas de um místico devem tomados como qualquer expressão exterior que signifique alguma coisa. Suas lágrimas podem ser talvez a capa de uma alegria muito grande, seu sorriso, suas risadas podem ser uma cobertura para um sentimento muito profundo. Seus olhos abertos, seus olhos fechados, o voltar de sua face, seu olhar, seu silêncio, sua conversa, nada disso significa o que estamos acostumados a atribuir aos outros. Não quer isso dizer que o místico faz isso propositadamente, nasceu assim. Ninguém poderia fazer isso de propósito mesmo se quisesse, ninguém tem o poder de fazê-lo. A verdade é que a alma de um místico é uma alma dançante. Ela realizou a lei interior, sondou êsse mistério pelo qual anseiam as almas e na alegria dêsse mistério a vida inteira do místico torna-se um mistério. Podeis ver o místico vinte vêzes por dia e vinte vêzes terá êle uma expressão diferente. Cada vez seu estado de espírito é diferente e, no entanto, seu estado de espírito exterior pode não ser absolutamente seu estado de espírito interior. O místico é um exemplo do mistério de Deus na forma humana.

A quinta forma de uma pessoa que vive a vida interior é uma forma estranha, uma forma que muito pouca gente pode compreender. Essa pessoa põe a máscara da inocência exteriormente de tal forma que os que não compreendem podem fãcilmente considerá-la desequilibrada, peculiar ou estranha. Ela não se importa com isso

pela simples razão de ser apenas seu escudo. Se essa pessoa admitisse diante da humanidade a força que tem, milhares de pessoas iriam atrás dela e não poderia ter um momento sequer para viver sua vida interior. A enorme força que possui intimamente governa terras e países, controlando-os e mantendo-os livres de desastres, tais como inundações e pragas e também guerras, mantendo a harmonia no país ou no lugar onde vive e tudo isso é feito pelo seu silêncio, pela sua constante realização da vida interior. Essa pessoa parecerá um ser estranho àqueles que não possuem uma profunda introspecção. Na linguagem do Oriente ela é chamada Madzub. Essa mesma idéia se encontrava entre os antigos gregos e traços dela são ainda existentes em alguns lugares, em grande maioria, porém, no Oriente. Ainda hoje encontramos almas no Oriente vivendo com essa aparência de um homem auto-realizado, que não mostra exteriormente nenhum traço de filosofia, misticismo ou religião, ou qualquer moral particular, e, no entanto, sua presença é uma bateria de força, seu olhar é grandemente inspirador, tem uma expressão de comando em sua face e se acaso fala, sua palavra é a promessa de Deus. O que diz é a verdade, mas raramente pronuncia uma palavra, é difícil obter dele uma palavra, mas uma vez que fale, o que ele diz acontece.

Não tem fim na vida a variedade da aparência externa das almas espirituais. Ao mesmo tempo, não há melhor maneira de viver neste mundo a vida interior do que ser, exterior e interiormente, você mesmo. Seja qual fôr a profissão de uma pessoa, seu trabalho ou sua parte na vida exterior, deve ela executá-la com sinceridade e verdadeiramente para poder desempenhar sua missão na vida exterior, por completo, mantendo, ao mesmo tempo, a realização interior, para que a vida externa, qualquer que seja a nossa ocupação, reflita a realização interior da verdade.

O OBJETIVO DA VIDA

Capítulo I

A primeira coisa de que um pesquisador da verdade deve inteirar-se é o objetivo da vida. Logo que uma alma começa a se sentir livre da intoxicação da vida, a primeira coisa que pergunta a si mesma é: «Qual o objetivo de minha vida?» Cada alma tem o seu objetivo próprio mas, no fim, todos os objetivos se resumem num só, e êsse é o objetivo procurado pelo místico; pois tôdas as almas, tomando o caminho certo ou errado, chegarão a êsse objetivo mais cedo ou mais tarde – um objetivo que tem de ser cumprido, um objetivo para o qual tôda a Criação foi destinada. Todavia, a diferença entre a alma pesquisadora e a alma que cegamente trabalha para êsse objetivo é semelhante à diferença entre o material e seu fabricante. O barro, quando é trabalhado, tem a finalidade de produzir um vaso e essa finalidade tem também o oleiro, mas é o oleiro, e não o barro que tem a satisfação, o privilégio de sentir-se feliz pelo cumprimento daquele objetivo. Assim acontece com os seres que inconscientemente se esforçam pelo mesmo objetivo e as almas que conscientemente a isso se devotam, ambos, afinal, caminhando para a mesma realização. A diferença está na consciência.

O primeiro passo no caminho espiritual é quando a alma descobre o seu objetivo exterior na vida, pois nem tôdas as almas na terra têm a mesma idéia da sua missão exterior na vida. As almas que não fazem idéia dessa missão podem seguir, talvez, por tôda a vida e não se compenetram dessa idéia até o final de seus dias, mas as almas que disso cuidarem cedo ou tarde conseguirão, pois, em seus próprios corações ouvirão continuamente a resposta à sua pergunta.

Como diz Saadi¹ «Cada alma é criada para um fim determinado e a luz desse objetivo está acesa nessa alma». Se já existe uma chama acesa, mesmo antes de nascida a pessoa na terra, ela assim permanece, para que a pessoa encontre por si mesma o objetivo de sua vida, embora tôdas as coisas ao redor dela também apontem para êsse objetivo.

Podemos perguntar: «Qual o melhor caminho para uma pessoa compreender o objetivo de sua alma?» Se ela seguir a tendência de sua própria mente, se seguir o caminho para o qual sente atração,

1 – Mucharrif-ed-Din, o maior poeta persa, nascido em Chiraz, autor de *Gulistan ou Jardim das Rosas* (1184 – 1991). (N. do T.)

se não se satisfaz com qualquer outra coisa, então dirá: «Existe alguma coisa à minha espera (que ela, no momento, não conhece) que me trará satisfação». Além disso, para uma pessoa intuitiva e mística, isso torna-se mais fácil ainda, pois continuamente Ihe é dito qual o objetivo de sua vida, a natureza possuindo tal perfeição de sabedoria. Vemos que os insetos, por instinto, controem suas casinhas e protegem-se, armazenando também seus alimentos. As abelhas que têm o dom de fazer mel, são ensinadas a fazê-lo. Assim, a natureza vem ensinando a cada alma como procurar seu objetivo. A natureza fez cada alma para um determinado objetivo e, continuamente, chama cada uma delas para ver o seu objetivo. Se a alma não atende a êsse chamado e dorme, a culpa não é da natureza que está continuamente chamando. Portanto, se eu tivesse de dizer em poucas palavras como encontrar o objetivo de alguém, diria: «Despertando do sono».

Alguém pode perguntar: «O objetivo exterior conduziria ao objetivo interior da vida?» Certamente. Tudo que fazemos, seja espiritual ou material, é apenas um degrau para chegarmos ao objetivo interior, se o tomarmos apenas como tal. Se erramos, o êrro está em nós mesmos. Estamos trabalhando, da mesma forma, para o objetivo interior, pois tudo é criado para trabalhar como um esquema e, portanto, cada indivíduo está agindo para a realização do objetivo divino. Se há uma diferença, essa diferença pode ser encontrada no referido indivíduo.

São cinco os aspectos que nos indicam a tendência para o cumprimento dêsse objetivo interior: o desejo de viver, o desejo de saber, o desejo de poder, o desejo de felicidade e o desejo de paz. Estas cinco aspirações trabalham consciente ou inconscientemente nas profundezas de cada alma. Tôdas cinco, operando dentro de nós, levam-nos a agir certo ou erradamente e, entretanto, êstes cinco aspectos pertencem ao objetivo único, em cujo cumprimento o objetivo de tôda a criação é consumado. Quando o anseio de viver levamos ao contato de nossa verdadeira vida – uma vida que não está sujeita à morte – então o anseio de viver é satisfeito. Quando alguém chega a perceber inteiramente o conhecimento da própria existência, no qual há de encontrar o conhecimento divino e o mistério de tôda a revelação, aí então o objetivo de saber é alcançado. Quando alguém é capaz de entrar em contato com o Poder Onipotente, então o desejo de poder é alcançado. Quando podemos encontrar a felicidade em nosso próprio coração, independentemente de tôdas as coisas exteriores, o objetivo do desejo de felicidade é alcançado. Quando somos capazes de elevar-nos acima de tôdas as condições e in-

fluências que perturbam a paz de espírito e achamos a nossa paz no meio da multidão e fora do mundo, em nós o desejo de paz é satisfeito. A realização do objetivo não está num ou noutro dêsses cinco desejos, é no cumprimento dêsses cinco desejos que o objetivo da pessoa é alcançado, o objetivo para o qual nasceu cada alma na terra.

Capítulo II

O desejo de viver

O desejo de viver não é um desejo unicamente dos seres humanos, mas podemos encontrá-lo também continuamente entre as mais insignificantes e pequeninas criaturas que se movem sobre a terra e vivem no chão. Quando notamos que até o mais pequenino inseto deseja evitar qualquer perseguição e procura escudar-se contra qualquer tentativa feita para tocá-lo, temendo que a vida se lhe escape, temos uma prova de que até a menor criatura deste mundo tem o desejo de viver, embora o homem não possa encontrar nela um traço de inteligência.

Este desejo de viver, que se desenvolve em muitos e variados aspectos nas criaturas inferiores, é que está por trás do temor, da tendência de buscar uma defesa, da maneira inteligente de olhar ao redor de si como faz a lebre nos campos e o veado que, continuamente, está atento para se proteger contra os outros animais. Tal desejo desenvolvido no homem revela ainda maiores fenômenos de inteligência. A guerra e a paz são conseqüências do desejo de viver: atrás da guerra encontramos como causa o desejo de viver e a causa da paz é também o desejo de viver. Não há uma alma normal que viva sobre a terra que não tenha o desejo de viver. A pessoa mais angustiada, no auge da infelicidade, exclamará: «É preferível não viver, procuro a morte», mas este não é um estado normal. Podemos perguntar: «Por que a morte não é uma coisa desejável, uma vez que nos vem apenas libertar do corpo pesado?» Não podemos, porém, tornar leve o nosso corpo denso? A própria matéria pode tornar-se espírito. Se o sangue divino começa a circular nas veias de uma pessoa, seu corpo deixará de ser um corpo pesado: tornar-se-lhe-á tão leve como o vapor. O corpo é pesado quando cai em cima dele o peso da terra. Quando, porém, tiramos de cima do corpo o peso da terra, ele fica mais leve do que o ar.

«Mas – podemos dizer – a morte não é um acréscimo de vida?» É uma outra fase da vida. O corpo é um instrumento completo, por que não fazer dele o melhor? Por que apressarmos a morte se podemos estar aqui e fazer, enquanto aqui estamos, alguma coisa de valor? Muitas vezes desejamos a morte por não sabermos o que temos a fazer aqui, por não estarmos ainda familiarizados com o objetivo da vida. É isso que faz desejarmos a morte. Cada momento na vida tem sua missão, cada momento na vida é uma oportunidade. Por que perdermos essa oportunidade? Por que não usar cada mo-

mento de nossa vida no sentido de cumprir o nosso objetivo, já que aqui estamos para isso? A questão é estimular-nos, a nós mesmos, para fazermos o melhor uso possível de cada momento de nossa vida. Isto trará tal felicidade para uma pessoa que ela não desejará partir. Mesmo que o anjo da morte chegue e queira empurrá-la para a morte, ela dirá: «Deixe-me ficar aqui mais tempo, deixe-me acabar alguma coisa que eu desejaria acabar».

Esta deve ser a atitude. Quando uma pessoa está em suas condições normais de espírito, o seu único desejo, o seu desejo mais íntimo, é viver. Que mostra isso? Mostra que todos os outros desejos o homem os adquiriu depois de chegar à terra, mas o desejo de viver ele o trouxe consigo para a terra. Só por isso, por não compreender a significação desse desejo, sua natureza e caráter, seu segredo, é que o homem se submete a ser destruído pelo que denominamos de morte, pela mortalidade.

Se o desejo de viver é o mais íntimo desejo do homem, se há nele uma substância divina, então há também a resposta a esse desejo, há uma possibilidade de tal desejo ser satisfeito. Quando, porém, não mergulhamos fundo nos segredos da vida, sem o conhecimento da vida e da morte, ficamos sujeitos a desapontamento e esse desapontamento é a morte. Pode alguém dizer: «Se o desejo de viver é natural, não seria melhor viver e prolongar a juventude do corpo? E como pode ser isso feito?» Há três aspectos que os hindus personificam como Brahma, Vishnu e Shiva (Maheish) ou sejam: O Deus-Criador, o Deus-Sustentador e o Deus-Destruidor. Retendo-se a juventude, surge o conflito entre os dois Deuses, o Deus-Criador e o Deus-Destruidor, pois o Deus-Destruidor está destruindo e o Deus-Criador está criando. Se o Deus-Criador é mais forte dentro de vós terá, então, uma vitória sobre o Deus-Destruidor. Todavia, não há nada destituído de beleza neste mundo. Se a alma recebeu a bênção divina, gozará de todos os aspectos da vida. A infância é interessante, a meninice tem uma beleza, a juventude tem seu espírito, a idade tem seu entendimento e dignidade, sua sabedoria e beleza. Não há nenhuma nota no piano que não tenha sua atuação particular, que não tenha sua parte particular na sinfonia da natureza. Seja ela a sétima oitava mais baixa ou a sétima oitava mais alta, seja sustentado ou bemol ou natural, de qualquer clave que seja, logo que mãos harmoniosas a tenham tocado ela cria harmonia, faz dela uma sinfonia. E, assim estamos nós todos como notas diante desse Músico Divino e desde que suas mãos benfazejas nos toquem, seja qual for a condição de vida de cada um de nós, seja menino ou jovem, velho ou novo, a beleza se manifestará e se juntará à sinfonia da vida.

O êrro está no homem querer viver através da parte mortal do seu ser. Isso é que traz desapontamento, porque êle conhece apenas aquela parte do seu ser que é mortal e se identifica com seu ser mortal. Difícilmente um entre mil compreende que a vida vive e a morte morre. Aquilo que vive não pode morrer, o que morre não viverá. Ê sòmente um fenômeno da vida o que faz mesmo daquilo que não está vivo, no momento, uma espécie de ilusão de vida. Quando estudamos o corpo morto, o maior estudo que pudermos fazer, verificamos que tão logo a vida tenha deixado o corpo, todo o encanto se esvai dêsse corpo. Por que não se encontra ali aquela atração que sempre existiu? Por que o corpo está destituído de tôda beleza, magnetismo e atração? Por que razão aquêles que amaram aquela pessoa se afastam do seu corpo morto, desejam removê-lo? Que coisa dêle partiu, que está morto nêle? A parte que é sujeita à morte, está morta, a vida que nêle viveu ainda está viva, apenas, êsse corpo estava cobrindo uma vida e agora essa vida partiu. Entretanto, o ser vivo não está morto. Aquêle invólucro mortal que o cobria é que morreu. Não é, pois, a falta desta noção que faz com que uma pessoa tema a morte?

Afinal, o que é a morte? Diz o Profeta que as almas iluminadas nunca receiam a morte. A morte é a última coisa que elas temem. No entanto, de nada mais receamos do que pela própria vida. Sacrificaríamos tudo no mundo: riqueza, posição, poder ou possessão, para conservar a vida. Se viver é um desejo inato, o mais necessário então é acharmos o processo, o caminho, pelo qual fiquemos em contato com essa parte real de nós mesmos, que pode ser chamada o nosso ser, nosso eu, e, assim, ficaremos livres do que se denomina mortalidade. Ê um ignorante aquêle que apenas conhece o rés-do-chão da sua casa. Pensa morrer quando sobe ao primeiro andar de sua casa, não sabe que apenas deixou o andar térreo e subiu ao primeiro andar. Por que existe essa ignorância? Porque êle nunca tentou ir ao primeiro andar. O andar térreo é suficiente para êle. O primeiro andar não existe para êle, embora seja um andar na sua própria casa.

Deve a imortalidade ser ganha ou adquirida? Não, ela deve ser descoberta. Ê questão de tornar a nossa visão apenas mais aguda. Em outras palavras é pesquisarmos nós mesmos e isto é a última coisa que fazemos. Os homens sentem o maior prazer em explorar o túmulo de Tutank-Amen, no Egito, à busca de mistérios, sem olharem para o mistério oculto em seus próprios corações. Se falarmos em qualquer mistério exterior terão prazer em explorá-lo, quando, porém, dizemos que olhem para si mesmos, pensam que isso é

simples demais. Raciocinam: «Conheço-me a mim mesmo, sou um ser mortal, não desejo morrer, mas a morte espera-me». Criam dificuldades, levantam complexidades porque a sua própria inteligência é complexa. Não gostam do caminho reto, apreciam o caminho em ziguezague. Divertem-se com *quebra-cabeças*. Têm prazer muito maior em se sentirem incapazes de achar a porta durante um longo tempo. Aquêle que aprecia os *quebra-cabeças* fica espantado quando vê a porta de saída. Ê como disse o Profeta: «Morra antes de morrer». Que significa isto? Não significa *suicida-te*, significa apenas «estuda o estado, a condição da morte». Não é preciso morrer, façamos de conta que morremos. Podemos representar a morte e descobrir o que ela é. O culto místico é, todo êle, essa representação, a representação da morte. Essa representação torna-se o meio pelo qual passamos a entender o mistério oculto atrás da vida.

O homem é constituído de espírito e matéria. Que é matéria? Espírito cristalizado. Que é espírito? A substância original. O espírito pode ser comparado à água corrente e a matéria ao gelo, mas onde existir água e gelo, a água correrá e o gelo ficará onde estiver. Isto não quer dizer que o gelo não voltará à sua condição original, retornará, mas sua vez ainda não chegou. Por conseguinte, primeiro virá a água e o gelo ficará onde estiver. A substância fica onde está, mas a vida, o espírito, passa adiante. O necessário é antes fazermos com que o nosso espírito se torne independente do invólucro mortal, ainda que por um momento. Assim, o temor da morte naturalmente desaparece, porque começamos a ver, aqui na terra, a condição depois da morte. Ê o invólucro físico, por assim dizer, que aprisionou a alma nêle e a alma, encontrando-se encarcerada, não pode ver a si mesma. O que pode ver é o invólucro. Rumi¹ explica isto belissimamente num poema que escreveu a dormir – porque é, naturalmente, a dormir que a alma se torna independente desta aparência mortal. Disse êle:

*«Cada noite, Senhor, são por Ti libertadas
Nossas almas, do corpo e dos empecilhos,
Limpas vindo a ficar como tábulas rasas.*

1 – Rumi – o maior poeta Sufi da Pérsia, Miauláná Jalál-uddin Rumi, nascido a 30 de setembro de 1207 em Balkh, Kharásan, e morto a 17 de dezembro de 1273. De antiga família e grande nome como educador, místico, poeta e músico, entre outras compôs a sua obra máxima o *Masnavi* ou, como se tornou mais conhecida, o *Masnavi Espiritual*, produção da mais alta intuição poética e religiosa, em 6 livros ou *Daftars*, com cêrca de 40.000 versos e em rimas duplas. Na tradução dos versos aqui citados buscamos ser o mais fiel possível, em métrica adequada ao assunto superior. (N. do T.)

*São postos, cada noite, os espíritos livres,
Fora dessa prisão, ninguém os dominando,
Nem dêles recebendo a menor sujeição.
À noite o prisioneiro em seu cárcere não pensa.
Não cogitam os reis na própria majestade.
Ninguém cuidando, então, de perder ou ganhar;
Então, nenhuma consideração a tal ou qual, se deve».*

A contínua aspiração da alma é libertar-se dessa prisão. Rumi principia o seu livro, o *Masnavi*, com esta lamentação da alma, para libertar-se. Mas é a libertação da alma pela morte real, pelo suicídio? Não! Nenhum místico tem feito isto, não se pensa nisso. Representando a morte é que se chega ao conhecimento da vida e da morte e é o segredo da vida que faz a alma livre. Os diferentes planos da existência, que se acham ocultos atrás do invólucro deste corpo físico, logo começam a manifestar-se à pessoa que faz a representação da morte. Os diferentes meios de concentração, de meditação, prescritos pelo mestre aos discípulos, são todos êles êsse processo de representação. Em si mesmos não são mais do que uma representação. O que é importante é o que se colhe como resultado dessa representação, o que se descobre no fim. Sem dúvida a representação começa pela negação de si mesmo e a pessoa que gosta de pronunciar vinte vezes ao dia *Eu*, não gosta de dizer: «Não sou eu és Tu». Não sabe que essa reivindicação *Eu* é a raiz de todos os seus tormentos e essa reivindicação é que nos faz sentir ofendidos por qualquer pequeno insulto, por qualquer pequena perturbação. A soma de sofrimentos que essa ilusão nos dá é tão grande quanto nos seria benéfico nos afastarmos dela, mas isto é a última coisa que uma pessoa faria. Daria o seu último centavo mas nunca o pensamento do *Eu*. Conservá-lo-ia, é a coisa mais querida. Aí está tôda a dificuldade e o único entrave no caminho espiritual.

Muitas vezes perguntamos: «Até onde temos que ir no caminho espiritual?» Não há limite na extensão dêsse caminho, no entanto, se estivermos preparados, êle não exigirá longo tempo. Num momento chegaremos lá. Quanta verdade há na sabedoria dos antigos mestres ao dizerem aos seus continuadores: «Não vá diretamente ao templo, primeiramente dê 50 voltas em torno dêle». Queriam dizer: «Primeiramente canse-se um pouco, depois entre». Então você lhe dará valor. Damos valor a alguma coisa pela qual fazemos esforço. Se ela vem sem esforço, não vale nada para nós. Se o govêrno cobrar uma taxa pelo ar que respiramos, o povo protestará contra ela, entretanto, o povo não sabe que não há comparação entre o ar e o di-

nheiro que êle possui. O valor de um é, incomparavelmente, maior do que o do outro. Entretanto, as coisas mais valiosas são alcançadas com o menor esforço, mas não fazemos uma idéia exata da sua importância. Preferimos alguma coisa obtida com um grande esforço e que, afinal, redundará em nada.

È muito simples imaginar: «Por que tem cada ser êsse desejo inato de viver se a vida contínua é impossível?» Porque não há desejo no mundo que não tenha uma resposta. A resposta a qualquer desejo está em alguma parte, a satisfação de qualquer desejo deve chegar um dia. Por conseguinte, êsse desejo de viver deve, sem dúvida, ser satisfeito. E a satisfação dêsse desejo está em sobrepor-se à ilusão, que é causada pela ignorância do segredo da vida.

Capítulo III

O desejo de saber

O desejo de conhecer pode ser observado nos seres inferiores como também na humanidade. Se observarmos os movimentos dos pássaros e animais na floresta, veremos que, além de procurarem seu alimento, de se divertirem com seus companheiros, de se protegerem contra os inimigos, se interessam também por tôdas as sensações que lhes chegam através de seus cinco sentidos. O som, a côr, o tato, o olfato, cada sensação tem um efeito sôbre eles. Podemos observar nos animais o desejo natural de conhecer alguma coisa e êsse desejo corresponde ao que chamamos curiosidade na evolução humana. Desde a infância parece predominante essa tendência e, quanto mais a criança mostra essa inclinação, mais promissora é, pois isso demonstra que a alma da criança está muito mais avançada. Entre os adultos o que mais nos chama a atenção sôbre sua personalidade é êsse brilho da inteligência, sem falar na sua bondade e virtude. Se isso é uma coisa de tanta importância na vida, deve alcançar uma finalidade muito importante. E que finalidade é essa? Essa finalidade é o conhecimento da verdade derradeira, que integra o objetivo da vida.

Uma alma curiosa começa a tentar conhecer tudo que vê, tudo que se põe em contato com ela. O que deseja conhecer em primeiro lugar é o nome de um objeto, como se chama, para que serve, o que é, para que é usado, como se usa, como é feito, como fazer melhor uma coisa, como tirar dela o maior proveito. Êsse conhecimento é o que chamamos aprender. As diferentes divisões do aprender, chamadas por diversos nomes, são a classificação dêste conhecimento que adquirimos pelo estudo da vida exterior, mas a vida é tão curta e o campo dêste conhecimento é tão vasto que uma pessoa pode seguir estudando, estudando sempre. Talvez possa estudar um ramo de conhecimento e achar que uma vida não é suficiente para ficar inteiramente familiarizado com êsse ramo especial de conhecimento. Há outra pessoa que não está satisfeita em entrar em contato com um só ramo de conhecimento, deseja contatar muitos ramos de conhecimento. Pode familiarizar-se, até um certo grau, com diferentes aspectos do conhecimento. Isso poderá fazer dessa pessoa talvez, se alcançar alguma coisa, o que se pode chamar um *sabe-tudo*. Entretanto, não é o que satisfará ao objetivo de sua vida. *Farabi*, o grande cientista árabe dos antigos tempos, sustentava que era senhor de muitos ramos do conhecimento mas, quando chegou o momento de

mostrar sua bagagem de conhecimento em relação à música, ficou provado que lhe faltava a parte essencial, que não estava na teoria da música mas na prática da música.

O saber, porém, pode ser dividido em dois aspectos: um aspecto é o saber, que se chama aprender. O outro aspecto é o conhecer. O aprender vem da razão: «Ê assim, por isto ou por aquilo». Isto é o saber, mas há um conhecer que não pode ser explicado pelo *porquê*. Pode apenas ser dito que assim é, não pode ser outra coisa. O saber com o seu *porquê* anexo é contraditado mil vêzes depois. Um cientista, um inventor, uma pessoa instruída tem um argumento. Vem outra pessoa e diz: «Não é isso que penso. Descobri a verdade a respeito, a qual quem viu antes não percebeu direito». Sempre foi assim e será sempre assim a respeito do conhecimento exterior, mas em relação ao conhecimento, que é o conhecimento central, nunca houve e nunca haverá diferença. Os santos, sábios, videntes, místicos e profetas de todos os tempos, em qualquer parte do mundo onde tenham nascido, quando alcançaram êste domínio do conhecimento, concordaram todos com a mesma coisa. Ê por isso que eles chamam a isso Verdade. Não foi porque esta era a concepção de uma pessoa ou a doutrina de certo povo, ou o ensinamento de uma determinada religião. Não, era o conhecimento de tôda alma iluminada. E cada alma, seja no passado, no presente ou no futuro, ao chegar a êsse grau de conhecimento, saberá a mesma coisa. Ê, pois, nesse conhecimento que deve ser encontrada a realização do objetivo da vinda de uma pessoa à terra.

Agora podemos perguntar: «Qual é êsse conhecimento? Como podemos obtê-lo?» A primeira condição é separar êsse conhecimento exterior do saber interior. O falso e o verdadeiro são duas coisas que não podem andar juntas. Temos de separar o real do irreal. O conhecimento adquirido do mundo exterior é o conhecimento do que cobre tôdas as coisas, não do espírito de tôdas as coisas. Ê por isto, pois, que êsse conhecimento não pode ser a essência do saber, não é o conhecimento do espírito de tôdas as coisas, é o conhecimento do que cobre tôdas as coisas, o que nós estudamos e chamamos aprender e a êle dão os homens a maior importância. Podemos dizer: «Que devemos fazer quando o apêlo da razão intelectual para o conhecimento e o aprender é tal que ameaça destruir a nossa própria fé na possibilidade de conhecer por nós mesmos?» A resposta é, nesse caso, prosseguir com o saber intelectual até a pessoa se sentir satisfeita ou cansada dêle, pois ninguém deve correr atrás de alimento se não sente fome. O alimento que se busca na ausência da fome pro-

vará ser um veneno. O conhecimento de nós mesmos sendo grande como é, se não existir êsse desejo natural violento como fogo, não se manifesta.

Poder-se-ia perguntar: «Por que então não experimentamos chegar ao fundo de tôdas as coisas no exterior? Não alcançaríamos, por êste meio, o mesmo conhecimento?» Não é possível. O meio mais fácil, o caminho possível é conseguirmos o conhecimento de nós mesmos. É o efeito posterior à consecussão do conhecimento de nós mesmos que nos dá uma visão penetrante das coisas exteriores, do espírito das coisas que se encontram fora de nós. A questão reside na própria pessoa, no conhecimento de si mesma, em saber qual é êsse conhecimento. Conhecemo-nos? Nenhum de nós, por um momento sequer, pensa que não nos conhecemos. É esta a dificuldade. Cada um diz: «Eu me conheço melhor do que conheço outro qualquer. Que há para aprender em mim mesmo? É a anatomia do corpo?» Sim, a primeira coisa a compreender é a estrutura do corpo. É a primeira lição.

Por êsse estudo verificaremos que há cinco aspectos diferentes que constituem nosso corpo físico. Os místicos, por conveniência, dão-lhes os nomes de terra, água, fogo, ar e éter, mas não devem ser comparados com os têrmos científicos. Servem sòmente para a conveniência de um místico. Veremos, então, os diferentes sentidos, os órgãos dos sentidos: cada sentido representa um dêsses elementos. Chegamos às tendências e necessidades naturais da vida e cada ação que praticamos tem uma relação com um dêstes cinco elementos. Êste estudo do mecanismo faz com que a pessoa compreenda que alguma coisa a que sempre chamou *eu mesmo* não é senão um mecanismo, um mecanismo feito de cinco elementos, os elementos que se tomam emprestados do mundo exterior. Achará que a sua mente, que tem experiência através de todos os órgãos dos sentidos, permanece à distância como um expectador, que concebe e percebe o mundo exterior através dêsse mecanismo por êle chamado seu corpo. Êste conhecimento despertará um pensador profundo para o fato de que não se trata de seu corpo, embora, consciente ou inconscientemente, exista uma pessoa entre mil que imagine claramente o seguinte: «Meu corpo é meu instrumento, eu não sou o meu corpo». Aquêle que chegou à compreensão de que o seu corpo é o seu instrumento e é o controlador desta prisão, é o engenheiro da máquina.

Vem agora o plano seguinte do conhecimento de si mesmo, isto é, a exploração do que chamamos a mente. Por um estudo minucioso da mente verificaremos que as diferentes qualidades, como a razão, a memória, o pensamento, o sentimento e o ego, tôdas estas cinco

modalidades constituem a mente. Alguém achará que há nisto uma superfície e um fundo. Seu fundo é o coração e a mente a sua superfície. Cada qualidade mental representa um dêsses cinco elementos. Isto leva-nos a pensar novamente que mesmo a mente, que se acha acima do corpo físico, é um mecanismo. Quanto mais nos familiarizamos com o mecanismo, tanto mais estaremos aptos a manejá-lo, para tirar dêle o maior proveito. A ignorância do segrêdo dêste mecanismo é que mantém o homem desatento do seu próprio domínio. Êste conhecimento nos faz pensar: «Não sou nem meu corpo nem minha mente. Sou o engenheiro que tem estas duas posses, estas duas máquinas, para com elas trabalhar e delas tirar o melhor proveito na vida». Começamos então a perguntar: «Que sou?» Até um certo grau, até a mente é um mecanismo que se toma emprestado da esfera exterior, assim como o corpo é um mecanismo que se tomou emprestado do plano físico, que foram reunidos e construídos. Por conseguinte, nem a mente nem o corpo é a pessoa. Pensamos: «Sou eu mesmo» unicamente porque não podemos nos ver e, assim, de cada coisa que vemos dizemos: «Isto sou eu mesmo». O *eu* torna-se familiarizado com tôdas as coisas, exceto consigo mesmo. Assim, pois, essa mente que a pessoa tem usado se transformou numa espécie de cobertura sôbre a luz que é a realização do objetivo da vida.

Uma vez realizado isto intelectualmente, embora não baste ao objetivo, é o comêço da jornada de cada um à procura da verdade. Isso deve ser realizado pelo processo da meditação, processo pelo qual o próprio eu pode se separar do corpo e depois da mente, pois o eu, iludido através da vida, não está pronto para compreender, não está preparado para compreender a verdade. Rejeita a verdade. Combate a verdade. É como a estória contada no meu livro *Divan*¹, do leão que viu certa vez um filhote de leão vagando na selva com a ovelha. O leão ficou muito surpreendido. Ao invés de correr atrás da ovelha, correu atrás do filhote de leão e o leãozinho tremia e estava muito amedrontado. Disse o velho leão: «Vem, meu filho, vem comigo, tu és um leão». «Não», disse o filhote, «eu tremo, eu tremo, estou com mêdo de você. Você é diferente dos meus companheiros de brinquedo. Quero correr com êles, com êles brincar, desejo ficar com êles». «Vem comigo, meu filho», disse o leão, «tu és um leãozinho». «Não», responde o filhote, «não, não sou um leão. Você é um leão. Estou com mêdo de você». Replica o leão: «Não te deixarei partir,

1 — Trata-se de uma obra do autor. Livro de poemas, naturalmente, porque a palavra *Divan*, na antiga constituição da Turquia, além da significação de senado ou conselho de Estado, tem a de coleção de poemas escritos por um autor, persa ou árabe, e arranjado com as rimas em ordem alfabética. (N. do T.).

deves acompanhar-me». Levou-o para a margem do lago e lhe disse: «Olha-te aqui (no espelho da água) e vê com teus próprios olhos se és um leão ou uma ovelha». Isto explica o que significa a iniciação e o que o iniciador ensina a seu discípulo como meditação. Uma vez refletida a imagem no lago do coração, o autoconhecimento vem por si mesmo.

Capítulo IV

O desejo de poder

A necessidade que sente alguém de satisfazer todos os seus desejos é que lhe traz o desejo de poder. Deseja o poder para possuir alguma coisa, fazer algo, alcançar alguma coisa, executar alguma coisa, assimilar alguma coisa. Se é um desejo natural há uma resposta para êle, pois não pode haver um desejo para o qual não haja resposta. A resposta ao desejo está em conhecer-se plenamente êsse desejo. Qualquer poder adquirido na vida por esforços exteriores, por maior que pareça no momento, demonstra ser fatal quando chega a ser examinado. Mesmo as grandes forças, como as nações que existiram antes da 1ª Grande Guerra, não levaram muito tempo para se espedaçarem. Havia um exército, uma marinha, propriedades, um Estado. Um império como o Império da Rússia, quanto tempo foi preciso para construí-lo! Mas para destruí-lo não se gastou muito tempo. Se o poder exterior, a despeito de sua grande aparência no momento, demonstra no fim ser fatal, deve então haver algum poder oculto em alguma parte, um poder que podemos dizer que vale a pena e êsse poder está oculto no homem.

Uma pessoa, com a intoxicação do poder exterior que possui, negligencia o cultivo ou desenvolvimento do poder interior e, na dependência do poder que não lhe pertence, um dia torna-se vítima do próprio poder que possui, porque quando o poder exterior se torna maior e o poder interior menor, o poder maior devora o poder interior. É assim que heróis, reis, imperadores, pessoas com grande poder em suas mãos – força armada, força de riqueza ou influência externa – se tornam vítimas do mesmo poder, do qual sempre dependeram. Assim, alguém pensa: «Se não tenho de depender da força externa, onde então está essa força da qual posso depender?» Essa força tem de ser achada dentro do indivíduo. Que força é essa? Na linguagem Sufi essa força é chamada de *Iman*, convicção. E como é construída essa força? Essa força é construída pelo que os Sufis denominam *Yakin*, que significa crença. É a crença que culmina na convicção.

Agora, porém, surge uma questão. Não é tal força, mesmo desenvolvida em nossa personalidade, uma força limitada? Na verdade é uma força limitada, mas seguindo aquêle ensinamento dado por Cristo nas palavras: «Procurai primeiro o reino de Deus e todas as coisas vos serão adicionadas», essa força é adquirida, força essa ilimitada. Se assim não fôsse, nenhuma significação haveria em

chamarmos Deus de *Onipotente*. O benefício desta palavra *Onipotente* está na sua realização. Isto nos ensina, em primeiro lugar, que todo poder é um poder. Conquanto externamente vejamos diferentes poderes, um maior que o outro, em harmonia ou em conflito, poderes limitados operando a favor ou contra eles, ainda assim achamos, pela nossa concepção íntima, que existe apenas um poder. Em apoio disto diz o *Alcorão* que nada é poderoso, exceto o que mostra o mesmo e único poder, o poder do Todo-Poderoso. Em outras palavras, no aspecto limitado que nós vemos e no ser absoluto, existe um só e único poder. Logo êsse poder, que denominamos Poder Onipotente, é aquêle ao qual não se contrapõe nenhum poder, contra o qual não há poder que opere, aquêle do qual provêm todos os aspectos de força e poder, que estão nêle e que serão por êle assimilados no fim.

Enquanto o homem lutar pelo poder – como vive todo o mundo a lutar de uma maneira ou de outra – sem o conhecimento dêsse poder divino que é o onissuficiente, sempre haverá um desapontamento, porque o homem encontrará sempre a limitação. Seu ideal irá sempre adiante e o homem se achará com falta de força. Somente colocando-se em contato com o Poder Onipotente é que o homem começa a fazer uma idéia do Todo-Poderoso e dos fenômenos da Onipotência.

Agora vem a questão «como pode o homem pôr-se em contato com êsse Poder Onipotente?» Enquanto diante de um indivíduo levantar-se sua pequena personalidade, enquanto não conseguir se ver livre dela, enquanto a própria pessoa e tudo que se relaciona e está ligado a ela lhe interessar, encontrará ela sempre limitações. Somente por um caminho entra-se em contato com êsse Poder e êsse caminho, é o do auto-apagamento, que na Bíblia se chama negação de si mesmo. O povo interpreta isso de outra maneira. Negação de si mesmo – diz o povo – é negar a si mesmo toda a felicidade e prazeres dêste mundo. Se fôsse para negar toda a felicidade e os prazeres dêste mundo, então por que foi feita a terra? Só para negar? Se fôsse feito para negar, seria muito cruel, pois a contínua aspiração do homem é a felicidade. Negar-se a si mesmo é negar esta nossa pequena personalidade que se insinua em todas as coisas. É apagar êste falso ego que prepara a pessoa para sentir seu pequeno poder nesta ou naquela coisa. É negar a idéia do seu próprio ser, o ser que conhecemos como o nosso próprio ser e afirmar Deus nesse lugar: negar a si mesmo e afirmar Deus. Esta é a perfeita humildade. Quando alguém mostra polidez ao dizer: «Sou apenas uma criatura humilde», talvez esteja se ocultando atrás de suas palavras. Tem vaidade nisso e, portanto, essa humildade de nada serve. Quando alguém nega-se a si mesmo completamente, não há palavras para

dizê-lo. Que pode êle dizer? Louvor e censura para êle se tornaram a mesma coisa, nada há a dizer. E como se atinge a isso? Deve ser atingido não só pela súplica, como também pela adoração ou pela crença em Deus. Deve ser atingido pelo esquecimento de si mesmo em Deus. A crença em Deus é o primeiro passo. Pela crença em Deus atinge-se a perda de si mesmo em Deus. Se alguém fôr capaz de fazer isto, atinge um poder que está acima da compreensão humana. O processo para atingir êste estágio chama-se *Faná* entre os Sufis. *Faná* não é, necessariamente, uma destruição em Deus. *Faná* resulta no que pode ser chamado uma ressurreição em Deus, que é simbolizada pelo retrato de Cristo. O Cristo na cruz é a história do *Faná*. Significa *Eu não sou* e a idéia da ressurreição explica o estágio seguinte, que é o *Bagà* e significa *Tu és*, querendo isso dizer elevação ao Todo-Poderoso. O espírito divino tem de ser reconhecido nessa elevação ao Todo-Poderoso. Não atingimos o *Faná* torturando-nos, atormentando-nos, proporcionando a nós mesmos copiosas aflições, como fazem muitos ascetas, pois, mesmo depois de se torturarem não chegarão àquela realização se não forem a ela destinados. É pela negação da nossa pequena personalidade, a falsa personalidade, que encobre a verdadeira, na qual a essência do divino Ser tem de ser encontrada, que atingimos êsse estágio.

Capítulo V

O desejo de ser feliz

A felicidade que toda alma procura tem seu segredo no conhecimento do próprio ser. O homem procura a felicidade não porque a felicidade seja seu sustento, mas porque a felicidade é o seu próprio ser. Por conseguinte, procurando a felicidade o homem busca a si mesmo. O que dá ao homem o desejo de procurar felicidade é o sentimento de haver perdido alguma coisa que ele sempre possuiu, que lhe pertencia, que era o seu próprio ser. A ausência de felicidade que uma alma experimenta desde o dia que apareceu na terra e que aumenta cada dia mais, faz com que o homem se esqueça que seu próprio ser é felicidade. Pensa que a felicidade é alguma coisa que se adquire e por pensar que a felicidade é alguma coisa a ser adquirida, o homem luta continuamente em todas as direções para obtê-la. Finalmente, depois de todos os seus esforços, descobre que a verdadeira felicidade não está no que ele chama prazeres. Os prazeres podem ser uma sombra da felicidade. Há uma ilusão de felicidade, pois toda ilusão que se põe ao lado da realidade é mais interessante para a média dos homens do que a própria realidade.

Uma felicidade momentânea, uma felicidade que depende de alguma coisa fora de nós, é o que se chama prazer. Muito freqüentemente confundimos, em nossa linguagem cotidiana, a distinção que existe entre prazer e felicidade. Um passatempo, um divertimento, um deleite, um folguedo que afasta o nosso pensamento das responsabilidades, das fadigas e limitações da vida e nos dá um momento de consolação – levam a pessoa a pensar que estes caminhos são os da felicidade. Como não se pode ter tudo isso e como, às vezes, nos apercebemos de que, procurando o que pode ser chamado de prazer, a perda é, algumas vezes, maior do que o lucro, começamos então a procurar alguma coisa que realmente seja o meio de atingir a felicidade. É isto que, muito freqüentemente, desperta uma alma para procurar o mistério da religião, o senso em filosofia, os segredos do misticismo, se aí puder encontrar alguma felicidade, mas mesmo todas essas coisas apenas ajudam uma pessoa a encontrar a felicidade, pois não são elas propriamente a felicidade. É a alma que é a própria felicidade, não todas as coisas exteriores que o homem procura e que pensa lhe trará felicidade. O próprio fato de o homem viver continuamente a implorar felicidade mostra que o verdadeiro elemento, que pode ser chamado o ser verdadeiro do homem, não é o que formou o seu corpo e compôs seu espírito, mas o que ele é em si.

A mente e o corpo são veículos. Por meio da mente e do corpo o homem experimenta a vida mais integralmente, mais claramente, porém não são eles mesmos a felicidade, nem o que se experimenta por meio deles dá a verdadeira felicidade. O que o homem experimenta por meio da mente e do corpo é justamente o prazer, uma ilusão de felicidade, por algum tempo. Não é somente o fato de os prazeres custarem mais do que valem, mas também porque, freqüentemente, no caminho dos prazeres, quando uma pessoa anda à procura da felicidade, à proporção que vai avançando, cria cada vez mais infelicidades para si própria. Isso acontece com muita freqüência. Para cada lado que essa pessoa se volta, tudo que executa, cada plano que faz pensando que isso lhe dará felicidade, cria somente uma perturbação maior porque está procurando a felicidade numa direção errada.

Podemos indagar: «O segredo da felicidade, então, está no caminho dos ascetas em se atormentarem, em se torturarem como vêm fazendo há séculos?» Mesmo isso não dá felicidade, é somente uma distração dos prazeres mundanos que produz ilusão. O asceta fecha-se em si mesmo a fim de ter oportunidade para tomar outra direção. Mas, freqüentemente, acontece que o que vive uma vida ascética não sabe bem o que está fazendo e o que pretende e, portanto, mesmo que leve toda a sua vida vivendo como um asceta, não pode obter um completo benefício. Seu prejuízo é, então, maior do que o seu lucro, pois até o ascetismo não é uma felicidade; é somente uma forma de autodisciplina, um treino, a fim de lutar contra as tentações que nos atraem continuamente na vida e que ocultam o caminho que nos leva à felicidade. Não compreendendo isso, uma pessoa pode continuar a levar uma vida ascética e nunca ser beneficiada por ela, assim como um soldado que haja treinado toda a vida e nunca tenha lutado. Muitos compreenderam que a autonegação é o caminho da felicidade e interpretam a autonegação na forma do ascetismo, negar a si mesmo todos os prazeres que são momentâneos. Há um outro ponto de vista: a criação não foi projetada para ser renunciada. Lemos no Alcorão: «Tudo que Deus fez no céu e na terra foi criado para o homem». Eis por que tudo que é belo e agradável, tudo que dá alegria e prazer, não é para ser renunciado. O segredo de tudo isso é: as coisas que foram feitas para o homem, o homem pode possuí-las, mas não deve ser possuído por elas.

Quando o homem renuncia ao caminho da felicidade, da verdadeira felicidade, para procurar prazeres, então erra. Se o homem, na procura da felicidade, que é a derradeira felicidade, prossegue na vida, então não é necessário ser um asceta e negar a si mesmo

todos os prazeres. Conta-se uma história de Salomão: teve uma visão de que Deus se lhe revelou e disse: «Pede o que desejas que Eu te dê». Salomão disse: «Dá-me um coração iluminado, sabedoria e conhecimento». Deus disse-lhe: «Por teres pedido tal coisa e não pediste para ti mesmo longa vida, nem pediste riqueza para ti, mas pediste iluminação para ti, olha, eu fiz de acôrdo com a tua palavra, Eu te dei um coração iluminado e sábio e também te dei aquilo que não pediste – riqueza e honra – e prolongarei teus dias». Isto vem mostrar que o caminho certo não é a renúncia das coisas, mas fazer delas o melhor uso, usá-las corretamente, não é se afastar da vida, mas viver entre a multidão, vivendo no meio da vida e não se apegando a ela. Poderíamos dizer: «Seria uma coisa cruel separar-nos de alguém que precisa de nosso amor, da nossa bondade e simpatia». Podeis apegar-vos ao mundo inteiro se não ficardes subjugado ao mundo. Se mantivermos nossos pensamentos concentrados na idéia da verdadeira felicidade, à qual atingimos pela compreensão exata de nós mesmos, e se não permitirmos que nada nos impeça de fazer isso, chegaremos então, finalmente, a essa felicidade, que é o objetivo de toda alma ao vir à terra.

Capítulo VI

O desejo de paz

O segredo que se encontra atrás de toda a manifestação é a vibração, vibração que pode ser chamada movimento. São as diferenças de vibrações que, quando divididas por linhas, formam planos de existência, cada plano sendo diferente, em ritmo, do movimento dessas vibrações. Quando tomamos a vida como um todo, podemos traçar uma linha, o começo e o fim, ou o espírito e a matéria, ou Deus e o homem, e verificaremos que o ritmo, que principia a linha, é fino e sem perturbação e o ritmo que se sente no fim dessa linha é grosseiro e perturbador. Estes dois ritmos podem ser chamados a vida de sensação e a vida de paz.

São duas coisas opostas: a vida de sensação dá uma alegria momentânea, a vida, que é o primeiro aspecto da vida, traz paz e culmina na paz eterna. A alegria, por maior que seja, é elevação e queda; deve ter sua reação. Além disso, depende da sensação, e de que depende a sensação? A sensação depende da vida exterior. Deve haver alguma coisa ao vosso lado para causar a sensação. A paz, entretanto, é sentida em vosso íntimo independentemente, não depende de sensação exterior, é alguma coisa que pertence à pessoa, alguma coisa que está na própria pessoa. Se um de nós perguntar a alguém que vive constantemente numa espécie de excitação dos prazeres mundanos e a quem a Providência tem concedido todos os prazeres imagináveis: «Que deseja você além de tudo isso que você experimenta?» ela responderá: «Que me deixem só». Quando chega a loucura, quando esse alguém está desequilibrado, correrá atrás das sensações, mas logo que essa paixão desaparece, o que almeja na realidade é a paz. Assim, pois, não há prazer no mundo, embora grande, nenhuma experiência, embora interessante, que possa dar a alguém aquela satisfação que só a paz pode dar. Um rei pode ser feliz sentado no trono com sua coroa, com muitos serviços diante dele, mas só está satisfeito quando fica sozinho. Tudo mais para ele nada significa, não tem nenhum valor. A coisa mais preciosa é o momento em que está consigo mesmo.

Vi uma vez o Nizam (Nahbub Ali Khan, 6º Nizam de Hiderabad, Índia, em 1911), um grande governador, em toda a sua grandeza, gozando a grandeza real à sua roda e vi outra vez o mesmo soberano assentado sozinho num pequeno tapete. Nessa ocasião é que ele era ele mesmo. A mesma coisa acontece com todo mundo. Pratos deliciosos, doces, fragrâncias, música, todos os outros prazeres de

linhas e côres, a beleza em todos os seus aspectos, que parecem preencher tôdas as exigências da vida de uma pessoa, no final falham quando comparados com aquela satisfação que uma alma experimenta em si mesma, quando sente aquilo que lhe é peculiar, aquilo que lhe pertence, alguma coisa que ela não precisa buscar fora de si mesma, que pode achar dentro de si, alguma coisa incomparavelmente maior e mais apreciável do que tudo no mundo, alguma coisa que não pode ser comprada nem vendida, que não pode ser roubada por alguém, alguma coisa mais sagrada e santa do que a religião ou a prece, pois tôda prece e devoção tem por fim alcançar essa paz.

Um homem bom e delicado, uma pessoa instruída e qualificada, forte e poderosa, com todos êstes atributos, não pode ser espiritual se a sua alma não atingiu aquêlo ritmo que é o ritmo natural de seu ser, um ritmo que só nêle existe a satisfação da vida. A paz não é um conhecimento, a paz não é um poder, a paz não é uma felicidade, mas a paz é tudo isso. Além disso, a paz é que produz felicidade, a paz inspira uma pessoa com o conhecimento do visível e invisível e é na paz que se tem de achar a Presença Divina. Não é a pessoa excitada que vence nesta contínua batalha da vida, é a pessoa pacífica, que tudo tolera, que perdoa tudo, que tudo compreende, que assimila tôdas as coisas. Aquêlo que não tem paz, mesmo com tôdas as suas posses, propriedades terrenas ou qualidade intelectual, é pobre embora as possua. Não conseguiu aquela riqueza que pode ser chamada divina e sem a qual é inútil a vida humana, porque a verdadeira vida está na paz, uma vida que não será roubada pela morte. O segredo do misticismo, o mistério da filosofia, tudo tem de ser obtido depois de alcançar a paz. Vós não podeis deixar de reconhecer o divino numa pessoa quando ela é uma pessoa de paz. Não é o falador, não é o argumentador que demonstra ser sábio. Pode ter intellecto, sabedoria mundana e, entretanto, não ter a inteligência pura, que é a verdadeira sabedoria. A sabedoria verdadeira é encontrada nas pessoas pacíficas, porque o pacifismo é o sinal da sabedoria. O pacífico é observador, a paz é que lhe dá o poder para observar com agudeza. Ê o pacífico, portanto, que pode conceber, pois a paz ajuda-o a conceber. Ê o pacífico que pode contemplar. Aquêlo que não tem paz não pode contemplar convenientemente. Assim sendo, tôdas as coisas relativas ao progresso espiritual na vida dependem da paz.

Surge agora a pergunta: o que faz uma pessoa ficar privada da paz? A resposta é: o amor pela sensação. Uma pessoa que está sempre procurando experimentar a vida no movimento, na atividade, em qualquer destas formas, deseja cada vez mais essa experiência. No

fim torna-se dependente da vida exterior e perde assim sua paz, a paz que é o seu ser verdadeiro. Quando alguém diz a respeito de outrem: «Aquêlo perdeu sua alma», a alma não está perdida, o que a alma perdeu foi a paz. A absorção na vida exterior, a todo momento do dia e da noite, pensando e atormentando-se, trabalhando e lutando, sempre debatendo-se, acaba por roubar a alma de uma pessoa. Mesmo que alguém ganhe, como prêmio dessa luta, alguma coisa no exterior de si mesmo, chegará um dia em que outra pessoa, maior lutador ainda do que êle, arrebatará de suas mãos êsse prêmio.

Poderíamos perguntar se não são as nossas necessidades na vida que nos mantêm absortos na vida exterior e não nos deixam um momento livre para experimentarmos a paz. Em resposta a isso devo dizer: suponhamos que a vida exterior lhes toma dez horas do dia. Ainda restarão duas horas. Se o sono lhes tomar dez horas do dia, ainda lhes ficam duas horas para aproveitar. Para obter a paz o que você tem fazer é procurar aquêlo ritmo que está nas profundezas de cada um de nós. Ê semelhante ao mar: a superfície do mar está sempre em movimento, o fundo do mar está parado. Assim é a nossa vida. Se a nossa vida é atirada no mar da atividade, fica na superfície. Ainda assim vivemos lá no fundo, naquela paz, mas precisamos nos tornar conscientes daquela paz, que pode ser encontrada dentro de nós. Isto é que pode trazer a resposta a todos os nossos problemas. Se não fizermos isso, quando quisermos resolver um problema, aparecerá outro problema difícil e não haverá um fim para os nossos problemas. Não haverá um fim para as nossas dificuldades da vida exterior. Se ficarmos excitados diante dêsses problemas, jamais seremos capazes de resolvê-los. Alguns pensam: «Precisamos esperar, talvez as condições melhorem e aí então veremos o que vamos fazer». Mas quando se tornarem melhores as condições? Podem também piorar. Quer as condições se tornem melhores ou piores, a primeira coisa a fazer é procurar o reino de Deus dentro de nós mesmos, onde existe a nossa paz. Logo que a encontrarmos, acharemos o nosso apoio, encontraremos o nosso próprio eu e, a despeito de tôda atividade e movimento na superfície, estaremos aptos a conservar aquela paz imperturbável, uma vez que a mantenhemos firme e estejamos conscientes dela.

Capítulo VII

O dever

Na língua hindu o dever chama-se *Dharma*, que significa religião. Quanto mais estudamos a natureza e o caráter do que chamamos dever, mais começamos a achar que é no espírito do dever que encontraremos a alma da religião. Se o dever não fôsse tão sagrado a ponto de representar um papel importante em nossa vida, uma forma de religião nada seria para uma alma meditativa. Foi, portanto, sábio da parte dos antigos chamar a religião de dever ou o dever de religião, pois a religião não é a representação de um cerimonial ou ritual. A Verdadeira religião é o sentimento ou o senso do dever. O dever não é, necessariamente, o objetivo da vida, mas é o farol no pôrto que nos mostra «aqui é o lugar de atracar, aqui chegamos, aqui é o nosso destino». Pode não ser o destino final, mas no dever ainda encontramos uma estrada que nos conduz ao objetivo da vida.

Parece que, embora a criança adquira o conhecimento do dever depois de nascida, já trouxe consigo, ao vir ao mundo, o senso do dever e, conforme o senso do dever que a criança mostra, promete ter um bom futuro. Uma pessoa pode ser muito instruída, capaz, qualificada, poderosa, influente, mas se não possui o senso do dever não podemos confiar nela. Logo que descobrimos existir um vivo senso do dever numa pessoa, imediatamente sentimos confiança, sentimos que podemos contar com ela e êste sentimento que ela nos inspira é maior do que outra qualquer impressão que nos possa causar. Nisto reside tôda a virtude e fôrça, todo poder e bem-aventurança. Você dá valor a um amigo em quem pode confiar, aprecia um parente em quem pode depositar confiança. Assim, pois, tôdas as qualidades que o homem possui parecem estar na superfície, mas atrás delas há um espírito que as mantém vivas e as tornam realmente valiosas e êsse espírito é o senso do dever. Aquêles que conquistaram a confiança de tôda uma nação – e deve ter havido poucos na história do mundo que conquistaram a confiança de uma multidão – provaram ser verdadeiramente grandes e realizaram isso desenvolvendo o seu senso do dever.

Temos cinco diferentes aspectos ao considerar a questão do dever. Um dêles é pensar em nosso dever para com a geração mais jovem, com as crianças, com os nossos próprios filhos e os filhos dos outros. Temos um certo dever para com aquêles que são mais moços do que nós. Temos também um dever para com os nossos amigos e nossos conhecidos que não evoluíram bastante para ver as

coisas como nós vemos. Uma vez conscientes disto, encontraremos na vida muitas coisas que requerem nossa atenção e se nos descuidarmos delas teremos negligenciado realmente nosso dever. Qualquer que seja nossa posição na vida, rico ou pobre, temos ainda um reino e êsse reino é o nosso eu. Podemos ajudar e servir em pensamentos e em atos, com palavras ou com uma ação necessária num certo momento. Dando atenção a êste assunto, fazendo qualquer coisa neste sentido, teremos praticado uma ação religiosa, embora externamente essa ação possa parecer de caráter material.

Outro aspecto do dever é o dever para com os nossos companheiros, para com os nossos cooperadores, nossos amigos e conhecidos, com quem estamos em contato em nossa vida diária, com os quais não temos o sentimento de mais velhos ou mais moços, ou qualquer diferença. Temos um dever para com êles. Em primeiro lugar, estudar a psicologia de sua natureza. Se tivermos de ensiná-lhes alguma coisa não ensinar como professores. Se tivermos de ajudá-los, não agir como benfeitores. Qualquer auxílio que lhes dermos, fazer isso de tal maneira que até nós mesmos não saibamos disso. Esta é a melhor maneira de servir, pois mesmo fazer o bem é muito difícil se não soubermos como fazê-lo. Se formos capazes de conquistar a afeição de nossos companheiros e prestarmos algum pequeno serviço modestamente, sem pensar em agradecimento ou retribuição, teremos certamente praticado uma ação religiosa.

O terceiro aspecto é o dever para com as pessoas idosas. Devemos compadecer-nos delas, respeitar sua idade, pela experiência que adquiriram. Mesmo que não tenham as qualidades ou conhecimentos que nós possuímos, isso não tem importância. Talvez saibam alguma coisa mais do que nós. Não podemos aprender tudo, não podemos conhecer tôdas as coisas. Há coisas que a experiência ensina e há coisas que a idade traz. Por mais inteligente e capaz que fôr uma pessoa, se êste sentimento em relação à idade – êsse respeito pelo seu irmão mais velho, essa consideração por aquêles adiantados em anos, por sua mãe, pai, irmão ou irmã, mestre ou amigo – ainda não nasceu, tal pessoa não conhece ainda religião, pois nisto está a base da religião.

Conta-se que um filho do Profeta chamou um dia um escravo pelo nome e o Profeta ouviu. A primeira coisa que disse foi: «Meu filho chame-o de Tio, êle é de idade avançada». Além disso, há uma ação e reação psicológica, pois aquêles que chegaram à maturidade na vida atingiram um estado em que sua boa vontade para com os mais moços chega como um tesouro, um tesouro vivo. Algumas vezes a intoxicação da vida, a absorção de uma pessoa nas atividades

mundanas, essa energia sempre crescente que ela experimenta na juventude, o seu poder, posição, conhecimento e capacidade, fazera deixar de lado essa consideração. Se uma oportunidade se perde está perdida, nunca mais voltará. Somos todos neste mundo viajantes e os que estão próximos de nós, aqueles que vemos, são os que encontramos na viagem. E, portanto, uma oportunidade para pensarmos em nosso dever para com eles. Nem estaremos sempre com eles nem eles conosco. A vida é um sonho em que somos atirados, um sonho que está sempre mudando. Por conseguinte, uma oportunidade perdida de considerar nossas pequenas obrigações em nossa vida cotidiana, que fazem parte de nosso dever, é como esquecer nossa religião.

O quarto aspecto do dever é nosso dever para com o Estado, o País e todas aquelas personalidades que nêles encontramos, superiores ou inferiores, um rei, um presidente, um comandante, um oficial, um secretário, um amanuense, porteiro ou servente, uma fonte espiritual de elevação tal como uma igreja, um centro espiritual e as personalidades em conexão com êle: sacerdote ou clérigo, nosso conselheiro ou mestre – para com todos êles temos um dever e somente observando isso é que cumprimos o *Dharma*, o nosso dever.

O quinto aspecto de nosso dever é o nosso dever para com Deus, nosso Criador, Sustentador e Perdoador de nossas faltas. Poderíamos dizer: «não desejamos vir ao mundo, por que nos mandaram aqui?» mas quando assim falamos é num momento de perturbação de espírito. Se o espírito está calmo, se uma pessoa está em condições normais, dirá: «Se nada mais me fôsse dado na vida, só o fato de me ser permitido viver debaixo do sol seria o maior privilégio». Diz uma pessoa. «Trabalhei e ganhei dinheiro, e esta foi a vida que eu fiz. Quem tem o mérito disto?» Todavia não comemos o dinheiro, o que comemos não é feito no banco, é feito pelo sol e pela lua, pelas estrêlas, a terra e a água, pela natureza que está viva diante de nós. Se não tivéssemos o ar para respirar, morreríamos no mesmo instante. Êsses dons da natureza que estão diante de nós, como agradecê-los suficientemente? Além disso, à medida que um ser se desenvolve espiritualmente, verifica que não é apenas o seu corpo que precisa de alimento, mas também sua mente, seu coração e sua alma, um alimento que não pode ser fornecido por êste mundo mecanizado. E o alimento que só Deus pode dar e é por isso que chamamos Deus de Sustentador. Ainda mais, no tempo em que não havia força em nós nem senso bastante para provermos nossa própria subsistência, naquele tempo o nosso alimento foi criado. Quando pensamos nisso, quando imaginamos que toda pequena criatura –

um gérmen ou verme de que nunca tivemos notícia – também recebe seu sustento, começamos então a ver que existe um Sustentador, que êsse Sustentador vamos encontrar em Deus e que temos um dever para com Êle.

A despeito da justiça e injustiça que encontramos na superfície dêste mundo, uma aguda introspeção na nossa própria vida nos ensinará que não há comparação entre nossas faltas e nossas boas ações. As boas ações comparadas com nossas faltas são tão poucas que, se fôssemos julgados, não teríamos um ponto a nosso favor. Isto não quer dizer que haja aí falta de justiça, significa somente: o que está atrás da lei? Amor. E que é o amor? Deus. E como nós vemos o amor de Deus, de que forma? Em muitas formas, mas a forma mais bela do amor de Deus é Sua compaixão, Seu divino perdão. Levando em consideração essas coisas, compreendemos que temos um dever para com Deus.

São êstes cinco aspectos do dever que, quando os consideramos e começamos a vivê-los, principiam a nos dar o senso da vida religiosa. Por vida religiosa não se deve entender viver num lugar religioso ou num cemitério, ou numa igreja, ou ainda numa religião que seja toda exterior. A verdadeira religião é viver e ter consciência do senso do dever que temos para com o homem e para com Deus. Alguém pode argumentar: «Como é que uma pessoa que vive uma vida dedicada aos deveres é, às vezes, desprovida de amor, de beleza e de poesia?» Não penso que o dever tenha alguma coisa a ver com o fato de uma pessoa ser desprovida de amor, harmonia e beleza. Por outro lado, quando o verdadeiro espírito do dever desperta numa pessoa, é aí que começa a poesia. Se há um belo poema a ser encontrado, se existe alguém que tenha experimentado o amor, a harmonia e a beleza, é a pessoa que compreende o senso do dever. Por exemplo, uma criança recém-nascida: ela veio do céu, é tão feliz como os anjos, é bela na infância, é uma expressão da harmonia e é o próprio amor e, no entanto, não conhece ainda o amor, a harmonia e a beleza. Por quê? Porque ainda não conhece o dever, mas no momento que o senso do dever despertar numa pessoa, começa a poesia e quando a poesia começa então o amor, a harmonia e a beleza se manifestam inteiramente à sua vista.

Mas, podemos perguntar: «Dever é responsabilidade. Como podemos livrar-nos dêste fardo da responsabilidade?» Por duas maneiras: já está livre dêsse fardo de responsabilidade aquele que não possui senso algum de responsabilidade. Não precisa carregá-lo como sua responsabilidade. E completamente feliz. Não se importa como o que os outros pensam de si. Não se importa a quem fere ou a

quem prejudica, importa-se com os seus próprios assuntos e sente-se completamente feliz. Já está libertado. Se há outra libertação é ela obtida vivendo-se a vida do dever, seguindo por esse caminho do dever, o caminho sagrado do *Dharma*, pois que, por êle, finalmente, será capaz de chegar ao estágio da realização no qual, somente, encontraremos o objetivo da vida.

Capítulo VIII

O sucesso

O homem não nasceu na terra somente para comer, beber e dormir, como fazem tôdas as criaturas inferiores, mas para aprender a usar esta terra fértil, para dela tirar o melhor proveito, apreciar os tesouros que a terra contém e usá-los da maneira correta. É desta forma que o homem se torna ligado à terra. A alma vem do céu e sua ligação com a terra tem um segredo que nos conduz ao objetivo da vida. É fácil para alguém dizer: «Vimos do céu e estamos de partida para o céu e durante a nossa permanência por algum tempo na terra o que nos pertence? Além disso, não é tudo pecaminoso, tudo que pertence à terra? É melhor escapar e deixar isto tudo que, no fim, não vale a pena». É verdade, mas não é natural. O natural é ser capaz de apreciar tudo que foi criado na terra. Apreciamos-lo dando-lhe valor. A beleza do reino mineral que se vê nas jóias e gemas, cada uma melhor do que a outra, não é coisa que se despreze; ver que através de uma pedra brilha a luz divina e torna aquela pedra incomparavelmente mais valiosa do que os seixos da estrada e ver como é um fenômeno maravilhoso Deus mostrar a Sua beleza até numa pedra.

A perfeição das flôres, a doçura dos frutos, os delicados aromas dos diferentes objetos da terra, parece que não foram criados sem um objetivo. No ouro, na prata, no metal, em todos os objetos que vemos no mundo, parece existir um certo objetivo a ser cumprido aqui. Aquêles que tem medo, medo de que as coisas da terra vão agarrá-lo, foge e o que faz? Perde tanto o céu como a terra. Já deixou o céu, está deixando a terra. Aquêles que se deixa dominar por essas coisas, debaixo delas é sepultado. Crescem nêles e o engolem. Este é outro aspecto da terra e sua lei. Aquêles, porém, que compreende o objetivo da terra e de seus tesouros, utiliza-se dêles com o melhor proveito não só em seu benefício, mas em benefício de seus semelhantes. Essa é a pessoa que vive neste mundo preenchendo o objetivo de sua vida.

Vemos somente pessoas espirituais entre as que estão sentadas nas cavernas do Himalaia? Não vemos personalidades admiráveis no meio do mundo? Frequentemente diz o povo que uma pessoa que tem lutado continuamente através da vida em seus negócios, indústrias e coisas mundanas, torna-se endurecida, mas eu penso que aquêles que realmente obteve uma vitória sobre a terra, que realmente obteve

um sucesso – que possa ser chamado mesmo de sucesso – apreendeu alguma coisa com isso. Não são todos que obtêm sucesso nos negócios terrenos, é um entre muitos e aquele que chega ao cume teve dificuldades, teve problemas. Sua resistência, sua paciência foram postas à prova. Passou por um sacrifício. Compreendeu a natureza humana permanecendo no meio da multidão. Se não leu um livro sobre filosofia, se não meditou um dia, ainda assim chegou a um plano, a uma compreensão, onde conheceu alguma coisa que vale a pena ser conhecida. Considerarei-me privilegiado nas ocasiões em que conversei com homens de negócios, com pessoas que estavam sempre ocupadas com coisas terrenas e que realmente chegaram ao cume. Fiquei simplesmente maravilhado ao pensar que, ao invés de ficarem endurecidos, o sucesso abrandou sua natureza de algum modo, deu-lhes um senso que costuma vir pela compreensão espiritual, que é um senso religioso. Isso desenvolveu nêles certa justiça. Por terem atravessado êste mundo dos negócios, chegaram a um ponto de honestidade, onde se começa a ver a vida de um ponto de vista diferente. Além disso, se alguém apresentar-se e disser: «Por motivos filantrópicos, pelo bem da humanidade, faço doação de milhões para a educação, para hospitais», será uma das pessoas que citei que agirá assim. Gostaria de saber se um recluso, uma pessoa que sempre se manteve afastada do dinheiro e viesse a possuir muitos milhões, seria capaz de reparti-los com alguém. A idéia é, quer se trate de uma pessoa terra-a-terra ou voltada para o céu, a primeira moral a ensinar-lhe é guardar fidelidade ao objetivo da vida, pois, até um objetivo terreno, embora pareça material, no fim mostrará que serviu de degrau para o aperfeiçoamento, mesmo que a pessoa não tenha diante de si nada mais do que êsse ideal.

Não há dúvida nenhuma que tôdas as coisas pertencentes à terra têm influência sobre uma pessoa. Endurecem a pessoa, tornam seu coração frio e lhes rouba êsse terno sentimento que se tem com os entes queridos, com aqueles que amamos e de quem dependemos e com os nossos camaradas. A pessoa torna-se cada vez mais cobiçosa e a cobiça faz uma pessoa injusta. O homem torna-se ambicioso e sua taça de desejos nunca se enche, nunca está satisfeito: quanto mais tem menos parece ter. Não obstante, se o homem não passar por essa experiência – que é um teste – e passou por outro caminho, abandonou uma grande experiência, uma experiência que, realmente, enobrece a alma. Uma pessoa que não conseguimos compreender durante dez anos, podemos compreender num dia assim que se apresentar uma questão de dinheiro. Imediatamente ela se revela.

Isto mostra que existe uma grande prova, uma prova pela qual deveríamos passar e que deveríamos experimentar uma estrada que faz parte do nosso destino. Assim, pois, o homem religioso ou espiritual, mesmo que olhe com desdém para uma pessoa ocupada com as coisas terrenas, deve saber que é o caminho dela, um caminho que é a sua religião. Se essa pessoa se mostra honesta em seus negócios, se mantém seu coração aberto para aqueles que lhe são caros e estão ao seu redor, para aqueles com quem tem obrigações, se mantém acesa em seu coração a chama do seu amor pela humanidade através de tudo isso, essa pessoa chegará a um estágio em que é maior do que um santo porque manteve acesa a chama da santidade através de um vento continuamente a soprar.

Não devemos tentar sempre fugir das dificuldades porque, no fim, não conseguiremos fugir delas. A vida na terra é difícil e com a evolução da terra se tornará cada vez mais difícil. Podemos imaginar o mundo como um ser humano, um ser humano vivendo desde a infância até a velhice. Na infância, embora o menino dependa dos outros, ainda assim é um soberano, inteiramente feliz nos braços da mãe, sob os cuidados do pai. Nada que o atormente e perturbe, nenhuma ligação, não há inimizades, é tão feliz como os anjos no céu. E assim foi o princípio do mundo, especialmente o princípio da raça humana, que os hindus chamaram a Idade de Ouro. Vem depois a juventude, a juventude com a sua primavera e delicadeza e com a sua responsabilidade. A juventude tem suas provas, suas próprias experiências, seus próprios temores. A êsse estado indeciso da terra os hindus deram o nome de Idade da Prata, o que significa a idade com todos os tesouros, o período primaveril da juventude. A vida prossegue e então o mundo entra na época que podemos chamar de idade média, a idade dos cuidados, dos tormentos, ansiedades e responsabilidades. Os hindus denominaram-na Idade de Cobre. À medida que a vida avança, aumentam os encargos. Uma árvore frutífera verga com o peso dos frutos e o mesmo acontece com o progresso. Cada passo adiante traz obrigações e responsabilidades.

Não obstante, não devemos nos preocupar com as dificuldades. Há uma coisa que nos salva: a esperança. Tudo isso de que falei é a parte metafísica. Falarei agora sobre a atitude psicológica que devemos adotar: aspirar sempre o melhor e teremos certamente o melhor. O que podemos fazer é nos tornarmos fortes bastante para atravessar a vida na terra. Sômente por meio desta força de convicção é que chegaremos à meta espiritual, por qualquer estrada que viajemos. Qualquer que seja a nossa vida, profissional, industrial,

comercial – não importa – viveremos religião, religião da natureza, voltando nossa vida para uma religião, fazendo de nossa vida uma religião. Assim, a cada sucesso, mesmo terreno, estaremos dando passos no sentido de alcançar a realização espiritual.

Capítulo IX

A espiritualidade

Em geral vemos no mundo dois temperamentos. Um dêles diz: «Não ouvirei música no domingo, é um dia religioso. Gostar de côres é emocional. Não olhe as pinturas, é excitante». Apreciar qualquer perfume, gostar de fragrância, pensa que é sensual. O outro temperamento é o que sente as vibrações das côres, gosta de alimentos deliciosos, admira a linha reta e a curva, vibra e se comove com a música, sente-se exaltado com a beleza da natureza. Qual a diferença que achamos entre êstes dois temperamentos? A diferença está em que um vive e ao outro falta-lhe a vida. O primeiro está vivendo porque tem receptividade para todos os aspectos da beleza, quer a beleza a pele para seus olhos, ouvidos ou para seus sentidos de gôsto ou tacto. O segundo é incapaz de gozar a beleza.

O homem, no mais íntimo do seu ser, procura a felicidade, a beleza, a harmonia e, no entanto, por não ser receptivo à beleza e à harmonia que estão diante dêle, estraga a sua vida, que é uma oportunidade ao seu alcance para experimentar e gozar a vida. Que autonegação é essa que nega a beleza divina que está diante de nós? Se negarmos a divina beleza que nos rodeia, a beleza que está no interior então não nos será revelada, porque a alma nasce com os olhos abertos para o exterior. Não vê a vida interior. O único meio de acordar para a vida interior – que é a mais bela – é ser receptivo à beleza exterior. Êste mundo, com tôda a beleza ilimitada que possui, a natureza com sua sublimidade, as personalidades com imanência divina, se ignorarmos tudo isso, então, por que viemos ao mundo e o que realizaremos? A pessoa que ignora isso volta as costas para alguma coisa que está procurando continuamente. Ê inimiga de si própria. Desta maneira não pode ser espiritual, não pode ser religiosa. Negando a si mesma tudo que é belo ao seu redor, essa pessoa não pode se elevar, pois, se o único objetivo da vida fôsse a beleza interior, Deus não teria criado o homem e o enviado à Terra.

Além disso, a visão da beleza na Terra é que desperta a visão da beleza que está no espírito. Alguns dizem que isso é sensual e priva a pessoa da iluminação espiritual. Isso aconteceria se uma pessoa ficasse inteiramente absorvida na visão da beleza da Terra, se vivesse sòmente para isso e não pensasse que existe alguma coisa mais além disso, porque a beleza que está no exterior tem, indubitavelmente, um caráter transitório, é passageira e, portanto, não podemos confiar nela. A pessoa que depende dessa beleza e fica absor-

vida nela e, por isso, volta as costas à beleza eterna, essa pessoa sem dúvida está errada. Mas, ao mesmo tempo, nenhuma alma jamais chegou a possuir a visão da beleza espiritual, que tem de ser encontrada no interior, sem que primeiramente tivesse sido despertada para a beleza exterior.

Alguém pode pensar que uma criança, que morre muito pequena, não pode chegar a essa espiritualidade através da beleza da vida. Direi que a criança é muitas vezes mais receptiva à beleza do que um adulto, porque uma pessoa adulta desenvolve em si uma atitude pessimista, um preconceito e, devido a êsse preconceito, é incapaz de ver aquela beleza que uma criancinha pode ver e apreciar. Por exemplo, quando avistamos uma pessoa fazemos uma barreira com nossa idéia preconcebida antes de olharmos para ela. Uma criança, um anjo na Terra, olha para essa pessoa como olharia para o seu melhor amigo. Não tem nenhum inimigo, nenhuma idéia preconcebida acêrca de ninguém e, portanto, a criança está aberta para a beleza. Uma criança não sabe que o fogo queima, sabe apenas que o fogo é belo. Portanto, a criança é tão abençoada que, em todos os momentos de sua vida, vive numa completa visão da beleza e enquanto dura êste estado uma alma está no Jardim do Éden. Exila-se desde o dia que toca a natureza humana terrena. Alguém pode dizer: «Se, dentro da alma, não houvesse a capacidade para apreciar a beleza, como poderia ela perceber primeiro a beleza externa?» A alma tem – e isso nasce com ela – uma ânsia natural pela beleza. Falta alguma coisa numa pessoa se ela não procura essa beleza como devia. Existe alguém que não seja amante da beleza, que não seja capaz de apreciá-la? Nega a si próprio essa beleza que poderia ter admirado livremente.

Alguém pode perguntar: «A qualidade de apreciar a beleza é mais espiritual do que o anseio de saber?» Em resposta direi: «De onde vem o saber?» O saber vem pela observação, a observação vem pelo amor da beleza. Primeiramente a flor atrai a nossa atenção e então começamos a descobrir de onde vem a flor, a sua natureza e caráter, que benefício traz, como tratar esta planta. A primeira coisa é que somos atraídos pela sua beleza, depois é que desejamos descobrir sua natureza. Todo o saber vem daí.

Há uma espécie de aprendizado artificial, um aprendizado anti-natural, que pode ser chamado de poupa-tempo. Alguém diz: «Ora, os homens aprenderam vivendo suas vidas, fizeram descobertas para nós e escreveram livros sôbre elas e eu devo aprender tudo lendo livros», mas essa pessoa não sabe que não aprendeu o que aprendeu a pessoa que escreveu o livro. Por exemplo, alguém que tiver

lido os livros de Lutero Burbank, se tiver lido cinquenta livros sôbre horticultura, não aprendeu o que Lutero Burbank aprendeu, porque êle fêz suas próprias experiências, estêve no jardim, seu prazer foi tal que não poderia explicar. Sem dúvida outra pessoa tirará proveito do que êle transmitiu, mas essa outra pessoa não pode gozar das alegrias que êle gozou se não seguir o mesmo caminho.

Na minha explanação, espiritual quer dizer vivente. Uma pessoa espiritual, que despertou para a beleza da poesia, que está pronta a admirar a sutileza da poesia, que sabe apreciar a beleza da melodia, da harmonia, que pode gozar a arte e se sentir exaltada com a beleza da natureza, que vive como um ser vivo e não como um morto, essa pessoa é que pode ser chamada espiritual e vereis sempre que a tendência das personalidades espirituais é se interessar por tôdas as pessoas que surgem em suas vidas. Êste é o sinal de que estão vivendo. A pessoa que vive para si se fecha, levanta quatro paredes à sua volta. Isso pode ser o seu túmulo, ficar nêle sepultado. A pessoa que está vivendo vê tudo naturalmente e, como vê tudo, simpatiza com tudo, é receptiva a tôdas as coisas e aprecia tudo a respeito dos outros. Desta maneira desperta dentro de si a sublime visão da imanência de Deus.

Capítulo X

A perfeição

Existe em toda alma um contínuo desejo de ver as coisas perfeitas segundo sua própria concepção de perfeição. Prosseguindo com esse desejo, observando, analisando, examinando as coisas e seres, chega a ficar desapontada e desanimada, além de ficar impressionada com as deficiências que observa nas condições, nas pessoas e nos seres. Sem dúvida há uma coisa que nos mantém vivos, a esperança: «Se não está direito hoje, amanhã ficará direito, se isto não está perfeito agora, depois de algum tempo ficará» e assim vivemos nesta esperança, e se abandonarmos essa esperança então a vida se acaba. Se ficamos desapontados com alguém, pensamos poder encontrar noutra pessoa tudo que esperamos, se ficamos desapontados por certas condições, temos esperança de encontrar outras condições em que possamos usufruir o que almejamos. Os mestres e os profetas apontaram para o alto. Simbolicamente isso nos ensina que é esperando por alguma coisa melhor que vivemos e aí está o segredo da felicidade e da paz. Uma vez, porém, que a pessoa começa a pensar, ter a idéia de que não há nada a esperar da vida, essa pessoa já deixou de viver.

Podeis ver ao redor de vós que aqueles que vivem e aqueles que ajudam os outros a viver, são os que olham a vida com esperança e coragem. A eles é que podemos chamar Seres viventes. Há outros, porém, que não vivem, pois não esperam nada da vida à sua frente. Perderam a esperança. A fim de salvarem-se agarram-se aos esperançasos, mas se os esperançasos também tiverem uma esperança limitada, afundar-se-ão então com eles. Tais almas são como se estivessem mortas. Os que não têm esperança e coragem na vida, falta-lhes uma espécie de energia do espírito. O padrão da saúde, como o entendem hoje os médicos, é um corpo enérgico e robusto, mas o padrão da saúde verdadeira é a saúde do espírito. Não somente o corpo é vivo, mas também o espírito. Aquêles que estão dispostos a apreciar todas as coisas, que se sentem encorajados a fazer tudo que encontrar no seu caminho, que se sentem alegres, esperançasos, prontos para cumprir seu dever, prontos para sofrer as dores que recaírem sobre ele, prontos para assumir responsabilidades, prontos para atender os pedidos como um soldado no campo de batalha, mostra o espírito oculto dentro do corpo. Se lhe falta essa condição, a pessoa não goza de saúde perfeita e deve ser ajudada a obter essa energia.

A desesperança pode ser sobrepujada pela fé. Em primeiro lugar pela fé em Deus, sabendo, ao mesmo tempo, que a alma tira sua força da fonte divina e daí, portanto, é que vem cada pensamento, cada impulso, cada vontade, cada desejo e no seu cumprimento está a lei da perfeição. Neste caminho sentimo-nos esperançasos. Quando, porém, pensamos: «Que farei? Que devo fazer? Como vou fazer? Não tenho meios, não tenho recursos, não tenho inspiração para fazer isso», quando ficamos pessimistas acerca das coisas, destruimos as raízes dos nossos próprios desejos porque, denegando, rejeitamos aquilo que de outra maneira teria sido obtido. Ao reconhecer o divino Pai em Deus, ficamos conscientes de nossa herança divina e, portanto, nenhuma falta existe na vida. É só uma questão de tempo. Se edificamos nossa esperança em Deus, há uma segurança de que ela se realizará.

É muito interessante estudar a vida dos grandes povos do mundo. Vemos que alguns povos quase chegaram à realização de seus empreendimentos e precisamente antes de chegar à meta final a perderam. Outros grandes povos alcançaram completo sucesso em tudo que empreenderam. Verificareis sempre que as almas dos povos citados em primeiro lugar são as que foram dotadas com grande força, mas não possuíam fé, enquanto que as dos outros povos foram dotadas com a mesma força e essa força era sustentada pela fé. Uma pessoa pode ter toda a força que existir, toda a sabedoria e inspiração, mas se lhe faltar uma coisa, a fé, pode obter 99% de sucesso e o 1% que lhe faltar, no final lhe arrebatará todo o proveito que já tiver ganho. Há um ditado em inglês: «Tudo está bem quando acaba bem» e os povos orientais dizem em suas orações: «Fazei com que o nosso fim seja bom», pois, se houver uma dificuldade agora não nos importaremos porque haverá sucesso, o verdadeiro sucesso, no fim de tudo.

Nesta perspectiva é que podemos encontrar o segredo da idéia do Paraíso, o paraíso de que têm falado tantas almas iluminadas em todos os tempos. Em todas as Escrituras encontrareis uma referência ao paraíso, uma esperança no depois daqui, uma esperança no futuro. Quando achamos que não há justiça a alcançar na vida, ou que nos falta a beleza, ou não encontraremos a sabedoria em parte alguma e a bondade é rara, começamos então a pensar que a justiça deve existir nalgum lugar, que toda a beleza, sabedoria e bondade devem ser encontradas em algum lugar e esse lugar é o Paraíso. Pensamos: «O Paraíso existe em algum lugar. Achá-lo-emos um dia, se não fôr nesta existência, será no futuro. Dia virá em que minha esperança, meu desejo, serão satisfeitos». Essa pessoa vive e

vive para ver seu desejo satisfeito. Na realidade, a falta que notamos numa pessoa, numa coisa, num negócio, numa condição, essa falta não permanecerá sempre, porque tudo será perfeito, tudo deve ser perfeito, é questão de tempo. No rumo dessa perfeição é que estamos todos a lutar e todo o universo trabalha para chegar à mesma meta. Nesta perfeição é que os pensadores e os grandes homens de todos os tempos têm visualizado seu Paraíso, porque é Deus que deseja através do homem. Não é, portanto, o desejo do homem. É o desejo de Deus que tem sua satisfação. A vida no plano físico é limitada, mas a força do desejo é ilimitada. Se o desejo encontra dificuldade em ser satisfeito no plano físico, ainda assim retém sua força e o desejo é bastante poderoso para realizar sua obra, elevando-se para outro plano ou livrando-se deste plano físico de limitações. Portanto, uma esperança no paraíso nos foi dada pelos grandes homens. Na Bíblia, na oração a Deus, diz-se: «Seja feita a Tua vontade assim na terra como no céu», o que significa que há uma dificuldade até mesmo para a vontade de Deus ser feita na terra, devido às limitações. Por conseguinte, há uma dificuldade para a satisfação do desejo de cada um de nós, embora no desejo de cada pessoa esteja o desejo de Deus. Embora haja uma dificuldade no mundo físico, porque este é o mundo das limitações, o desejo, entretanto, não conhece limitações. O desejo torna-se, porém, atacado, enfraquecido e gasto quando enfrenta constantemente as limitações deste plano físico. Se a esperança o sustentou e a fé o acariciou, não há desejo, por maior ou menor que seja, que não será satisfeito algum dia, se não fôr na terra será no céu. Essa satisfação do desejo é que pode ser chamada Paraíso.

«O céu é a visão do desejo cumprido e o inferno a sombra de uma alma no fogo». Alguém procurou Ali e perguntou-lhe: «Falais acerca da vida futura e da satisfação do desejo lá. E se não fôr verdade? Assim todos os nossos esforços na terra seriam perdidos». «Nada será perdido», respondeu Ali. «Se o desejo não fôr satisfeito, então, você e eu teremos tido a mesma experiência, mas se é verdade que existe um Paraíso, você terá perdido e eu ganhei, porque preparei-me para isso e você zombou da idéia».

Aquêles, todavia, que esperam por um Paraíso na outra vida ou por todas as coisas que serão realizadas no além, devem olhar para isso diferentemente: que a força do desejo é tão grande que não devem esperar pela outra vida. Se há alguma coisa que pode ser feita hoje não devemos esperar para fazê-la amanhã, pois a vida é uma oportunidade, o desejo tem a maior força e a perfeição é a promessa da alma. Procuramos a perfeição porque a perfeição é o alvo derra-

deiro e o objetivo da criação. A fonte de todas as coisas é perfeita, nossa fonte é perfeita, nosso objetivo é perfeito. Portanto, cada átomo do universo está trabalhando nessa perfeição e mais cedo ou mais tarde deve chegar conscientemente à perfeição. Se assim não fôsse, não teriam lido na Bíblia: «Sede perfeito como perfeito é vosso Pai no céu».

Capítulo XI

A realização do objetivo

Quem tem consciência do seu dever, dá grande importância ao seu ideal, está apto a dizer à pessoa preocupada em ganhar dinheiro: «VOCÊ está lutando pelos tesouros da terra, EU estou executando o que considero meu dever». Quem está preparando seu caminho para o céu, quem mantém na sua expectativa o paraíso, sente-se inclinado a dizer aos que buscam o prazer: «VOCÊ está absorvido pelos prazeres momentâneos da vida, EU estou trabalhando pela vida que há de vir», mas quem está ocupado em ganhar dinheiro pode também dizer ao que tem consciência do dever e ao que possui um alto ideal: «Se você tivesse de submeter-se à experiência pela qual passei, veria nisto também alguma coisa que vale a pena». Aquêles que busca o paraíso responderá também ao que vive à cata do prazer, como Omar Khayyâm disse:

*«Ô Meu Bem-amado, enche a taça que limpa o dia de hoje
dos passados pesares e dos temores futuros.
Amanhã? Por quê? Amanhã talvez eu esteja
com setenta mil anos de ontem!»*

Isto mostra que todos êsses caçadores de coisas diferentes – caçadores de riqueza, caçadores de ideal, caçadores de prazeres e caçadores do Paraíso – devem ter seus próprios caminhos, terão ao mesmo tempo suas próprias razões. Um pode contradizer o outro, embora todos êles estejam andando no seu caminho em direção ao objetivo. Mais cedo ou mais tarde, com maior ou menor dificuldade, chegarão ao objetivo da vida.

Pode-se perguntar: «Dêstes quatro caminhos, qual o melhor para se chegar ao objetivo da vida?» O melhor caminho é o que melhor serve a você. O caminho de uma pessoa não é para outra, embora o homem tenha sempre a tendência de acusar outrem de proceder erradamente e de pensar que êle é quem está agindo corretamente. Na realidade, o objetivo está além dessas quatro coisas: não é realizado nem no paraíso, nem no ideal, nem nos prazeres e nem na riqueza dêste mundo. Êsse objetivo é realizado quando nos elevamos acima de tôdas estas coisas. Tal pessoa, então, tolerará tudo, tudo compreenderá, assimilará tôdas as coisas e não se sentirá perturbada pelas coisas que não estiverem de acôrdo com a sua própria natu-

reza ou o caminho que não é o seu caminho. Não olhará tais coisas com desdém e verá que existe no íntimo de cada pessoa uma centelha divina, que tenta levantar sua flama para o rumo do objetivo.

Quando alguém chegou a êste estágio, elevou-se acima das limitações do mundo e acha-se habilitado então a sentir o prazer de aproximar-se do verdadeiro objetivo da vida. Aí, então, em tudo que diz ou faz, estará realizando êsse objetivo. Se, para o mundo exterior, isso parecer coisa acertada ou errônea, assim mesmo esta pessoa estará realizando o seu objetivo. Por exemplo, tenho visto almas santas acompanhando uma procissão religiosa, que talvez tenha sido organizada por gente comum, milhares de pessoas fazendo dessa procissão um dia de festa, tocando e dançando na frente dela, cantando e se divertindo e no meio disso tudo há pessoas dotadas de almas grandemente desenvolvidas, que podemos chamar de santos, fazendo a mesma coisa e acompanhando a procissão. Poder-se-ia indagar se precisavam fazer isso. Foi isso um bem para a sua evolução ou têm por êsse meio algum contentamento? Não e, entretanto, isso não retarda seu progresso. Elas são o que são, sabem o que sabem. Uma pessoa adulta pelo fato de brincar com crianças não se torna uma criança. Apenas adapta-se, por momentos, à brincadeira ou às crianças. Não sentou Salomão num trono e usou uma coroa? Isso fez com que êle ficasse menos sábio ou lhe roubou a espiritualidade? Não, porque Salomão estava acima disso. Para êle o trono e a coroa nada mais eram do que a representação de uma peça naquela ocasião, era um passa-tempo. Lemos que Krishna tomou parte na batalha de Mahabharata. Um homem extremamente justo veria nisso uma coisa cruel e estaria pronto a condenar Krishna, mas atrás daquela aparência exterior, o que havia? Foi a mais alta realização de amor, de sabedoria, de justiça, de bondade. A alma tinha alcançado a sua culminância. Uma pessoa comum, mesmo hoje, julgará assim e perguntará: «Como poderia ser um grande Mestre aquêles que comandou o exército de Arjuna?»

Chegamos a compreender por êsse meio que quanto mais avançamos, mais tolerantes ficamos. As coisas exteriores têm pouca importância, o que importa é a realização interior. Por mais sagrado que seja o dever, por mais elevada que seja a esperança no paraíso, por maior que seja a felicidade que experimentamos nos prazeres terrenos, por mais satisfação que encontremos nos tesouros da terra, o objetivo da vida está em elevar-se acima de tôdas as coisas. Aí, então, é que a alma não terá nenhuma discórdia ou desavença com os outros. Ê, então, que a atitude natural da alma se tornará tolerante e pronta a perdoar. O objetivo da vida é preenchido quan-

do nos elevamos às maiores alturas e vivemos até as mais longínquas profundezas da vida, quando alargamos o nosso horizonte, penetramos em tôdas as esferas da vida, perdemos o nosso ego e nos encontramos a nós mesmos, no fim. No cumprimento do objetivo da vida o objetivo da criação é realizado. Portanto, nesta realização não está o que o homem conseguiu, mas o que o próprio Deus realizou: o Seu objetivo.

Capítulo XII

A sabedoria divina

Se a um Sufi fôr perguntado qual foi o objetivo desta criação, êle responderá que o Conhecedor, o Conhecedor único, desejou conhecer-Se e só havia uma condição para conhecer a Si mesmo, era fazer-se Êle mesmo inteligível ao Seu próprio Ser, pois a Inteligência em si mesma é um Ser, mas a Inteligência não se conhece a si própria. A Inteligência torna-se conhecida a si mesma quando há alguma coisa inteligível. Por conseguinte, o Conhecedor tinha de manifestar-se a Si mesmo, tornando-se, assim, um objeto a ser conhecido e por meio dêsse conhecimento o Conhecedor chega à perfeição. Não quer isto dizer que ao Conhecedor faltasse perfeição, pois que tôda perfeição pertencia ao Conhecedor, Êle apenas se tornou consciência da Sua perfeição. Assim, na consciência da perfeição é que reside o objetivo de tôda esta manifestação. O Sufi diz: «Deus é amor». Isto é verdade, mas o amor não bastava, o amor teve de arranjar um objeto para amar a fim de ver sua própria natureza, experimentar seu próprio caráter, sondar seu próprio mistério, encontrar sua própria alegria. A semente, por exemplo, traz em si a fôlha, a flor e o fruto, mas o preenchimento do objetivo de tal semente está em ser colocada na terra e em ser regada, em ver um brôto surgir e se desenvolver ao sol, dar flôres e frutos. Eis aí o que realiza aquela semente, que já continha em si o fruto e a flor. Alguém que não veja a razão de tudo isto, acha-se na situação daquela semente. Seu espírito acha-se no estado da semente que ainda não germinou, que ainda não produziu sua espiga, que ainda não experimentou o grelar da planta.

Logo que a alma começa a desenvolver e experimentar na vida o objetivo oculto dentro dela, principia a sentir alegria com isso, começa a dar valor ao privilégio de viver, começa a apreciar tôdas as coisas e a maravilhar-se diante de tudo, pois em cada experiência, boa ou má, encontra um certo prazer e êsse prazer está na realização do objetivo da vida. Essa alegria não é experimentada sômente no prazer, mas até na dor, não só no sucesso mas também nos fracassos, não só nas alegrias do coração, até nas suas amarguras há uma certa alegria escondida. Não há experiência que não tenha seu valor e, especialmente para a alma que está começando a realizar êste objetivo, não há momento algum desperdiçado na vida, porque em tôdas as circunstâncias e em tôdas as experiências essa alma está experimentando o objetivo da vida.

Isso pode ser compreendido por um pequeno exemplo: um gênio queria divertir-se e quando ia fazê-lo, encontrou-se com um problema. Como era poderoso disse para si mesmo: «Transforma-te num rochedo» e o gênio tornou-se um rochedo. Entretanto, tornando-se um rochedo começou a sentir-se solitário, abandonado na solidão, sentiu perda de ação, perda de movimento, falta de liberdade e falta de experiência. Era um terrível cativo para o gênio. Durante muitos anos este gênio teve de ter paciência a fim de transformar-se em outra coisa. Não significa isso que, através do rochedo, ele não realizasse a vida, pois, mesmo o rochedo está vivendo, mesmo o rochedo está mudando e, no entanto, um rochedo é um rochedo, um rochedo não é um gênio. Foi através de milhares de anos que o rochedo começou a gastar-se e esfarelar-se em terra e quando saiu fora dessa terra, surgiu como planta, deleitou-se por ter virado uma árvore. O gênio ficou muito contente em ver que de um rochedo pôde transformar-se numa planta, pôde gozar o ar mais plenamente e balançar-se ao sopro do vento. Sorriu ao sol e banhava-se venturosamente na chuva. Ficou alegre ao produzir flôres e frutos.

Ao mesmo tempo, porém, o seu inato desejo não estava satisfeito. Apoderou-se dêle a esperança de um dia quebrar o cativo, porque estava prêso pelas raízes a um determinado lugar e nessa limitação de movimento. Durante um longo tempo ficou o gênio à espera de sair dessa limitação. Era isto melhor, mas ainda não era a experiência que ele queria. Afinal o fruto apodreceu e caiu e parte daquele fruto deu lugar a um pequeno verme. Mais alegre ficou o gênio sentindo que podia se mover de um lado para outro e que agora não estava mais prêso pelas raízes a um lugar, sem poder mover-se. Como esse verme respirava e apanhava sol, criou asas e começou a voar. Ainda mais alegre ficou o gênio vendo que podia voar. De uma experiência a outra voou e experimentou a vida de um pássaro, ora pousando nas árvores, ora andando no chão e à proporção que gozava e vida na terra, mais e mais foi se transformando numa ave pesada. Não podia mais voar, só andava e o pêso o fêz grosseiro, transformando-o num animal. Era dos mais felizes, porque pôde então opor-se a todos os outros animais que queriam matar os pássaros, pois não era mais um pássaro.

Por um processo de mudança gradual, o gênio tornou-se homem. Formado homem, o gênio olhou em volta e pensou: «Isto é alguma coisa que eu era destinado a ser, porque agora, como um gênio, posso ver todos êstes corpos diferentes que tive para me tornar mais livre, a fim de tornar-me receptivo, sensitivo, conhecer as coisas, gozar as coisas com plenitude. Não poderia ter havido veículo mais

apropriado do que êste». Todavia pensou ainda». «Mesmo êste não é um veículo apropriado porque, quando quiser voar, não tenho as asas e sinto vontade de voar também. Ando sôbre a terra, mas não tenho a fôrça do leão e agora sinto que pertença ao céu, mas onde êle está não sei». Isto fêz com que o gênio procurasse o que lhe faltava e finalmente o achou: «Eu era um gênio, precisamente o mesmo gênio, quer no rochedo, na planta, no pássaro, no animal, mas estava cativo e meus olhos estavam velados. Não via meu próprio ser. Tornando-me homem foi que comecei a ver que era um gênio. Todavia, nesta vida de homem encontrei também uma grande limitação, pois não possuo aquela liberdade de expressão, aquela liberdade de movimento, aquela vida de segurança, aquêle saber, que é a realidade». E assim êste pensamento levou o gênio aos seus verdadeiros domínios, que eram a vida de gênio e ali chegou com um ar de conquistador, com a grandeza de soberano, com o esplendor de um rei, com a honra de um imperador, com a seguinte compreensão: «Afinal de contas gozei, tive experiências, embora tenha sofrido, conheci o Ser e tornei-me no que sou».

O Conhecedor manifestou-se como homem a fim de Se tornar conhecido de Si mesmo. Agora, de parte do homem, o que pode ser feito a fim de ajudar o Conhecedor a cumprir êste objetivo? Procurar continuamente uma resposta para cada pergunta que surgir em seu coração. Há, naturalmente, vários tipos de mentalidades. Há uma mentalidade que ficará embaraçada e encontrará dificuldade a respeito de uma pergunta, perturbar-se-á por um nada e desejará sair pela mesma porta por onde entrou. Tal pessoa ficará perturbada, molestará o próprio espírito e jamais encontrará satisfação. Não há pergunta que não tenha sua resposta em alguma parte. A resposta não é mais do que um eco da pergunta, um completo eco. Assim, devemos elevar-nos acima dêste confuso estado de alma que nos deixa incapacitados de encontrar a resposta dentro ou fora de nós mesmos para cada pergunta que surgir em nossos corações. Para que nos tornemos espirituais não é preciso operar milagres. No momento que nosso coração estiver apto a responder cada pergunta que nêle surgir, já estamos no caminho. Além disso, o que deve ser conhecido em primeiro lugar, colocamos no último lugar, e o que deve ser conhecido no último momento queremos conhecer primeiro. É esta a causa da confusão na vida de muitas almas.

As palavras de Cristo que se seguem apóiam êste argumento: «Procurai primeiramente o reino de Deus e tôdas as coisas se vos ajuntarão». Isto é precisamente o que não queremos buscar. Desejamos achar tudo mais exceto isso e onde está isso para ser encontra-

do? Não o encontramos no conhecimento de outrem e sim no conhecimento de nós mesmos. Se passarmos a vida inteira julgando os outros da maneira mais hábil, poderemos prosseguir mas verificaremos que ficaremos mais tolos a cada instante e no fim chegaremos à estupidez completa, enquanto que a pessoa que se experimenta, que se submete a provas, estuda e observa sua própria atitude na vida, seu próprio modo de ver a vida, seu pensamento, seu falar e seus atos, que pesa, mede e ensina a si própria a autodisciplina – essa é a pessoa que está habilitada a compreender melhor os outros. Como é raro ver-se uma alma que se interessa por ela mesma através da vida, a fim de adquirir o saber! A maior parte das vezes a alma parece estar tão atarefada ocupando-se da vida alheia! E que sabe ela no fim de tudo? Nada. Se existe um reino de Deus a ser achado em alguma parte, é dentro de nós mesmos.

É, portanto, no conhecimento do nosso eu que se encontra o preenchimento da vida, o conhecimento de nós mesmos, quer dizer, o conhecimento do nosso corpo, o conhecimento de nossa mente, o conhecimento do nosso espírito, o conhecimento da relação que existe entre o espírito e o corpo e entre o corpo e o espírito, o conhecimento dos nossos desejos e necessidades, o conhecimento das nossas virtudes e defeitos, conhecendo o que desejamos e a maneira de consegui-lo, o que devemos procurar e o que devemos renunciar.

Quando mergulhamos fundo, encontramos diante de nós um conhecimento que nunca se acaba. Tal conhecimento é que nos dá uma introspecção da natureza humana e nos leva ao conhecimento de toda a criação, fazendo-nos chegar afinal ao conhecimento do Ser Divino.

Capítulo XIII

A realização divina

Em poucas palavras o objetivo da vida é o Ser Único fazer Sua unidade inteligível a Si mesmo. Ele atravessa diferentes planos de evolução, ou planos através dos quais Ele chega a diferentes mudanças, para tornar clara a Si próprio Sua Unidade. Enquanto esse objetivo não fôr alcançado, o Ser Único não chega à Sua satisfação final, na qual reside a Sua divina perfeição. Podemos perguntar: «O homem é o único órgão através do qual Deus realiza Sua unidade?» Deus realiza Sua unidade através de Sua própria natureza. Sendo Deus o Uno, sempre realiza Sua unidade através de todas as coisas. Através do homem Ele realiza Sua unidade plenamente. Por exemplo, existem na árvore muitas folhas. Embora cada folha seja diferente de outra folha, a diferença, entretanto, não é tão grande. Falando dos vermes e dos germens, dos pássaros e dos animais, eles são diferentes um do outro e, ainda assim, a diferença não é tão distinta como no homem. Quando pensamos na grande variedade das inúmeras formas humanas – e parece que não há uma forma exatamente igual à outra – isto, por si só, nos dá uma eloqüente prova da unidade de Deus. Para mostrar isto o poeta Asaf Nizam compôs este felicíssimo verso:

*«Eu sei que me olhas com desdém.
Certo, do teu desprezo eu sou passível.
Mas poderás mostrar-me alguém,
Igual a mim, tão desprezível?»*

Isto significa que mesmo a pior pessoa é incomparável, não há ninguém igual a ela. É um grande fenômeno a prova da unicidade, a prova da unidade. Na criação de Deus não há competição alguma, ninguém compete com o Criador. Em outras palavras, seria sem valor se o Único Ser pudesse pensar desta maneira: «Há um outro semelhante a Mim, mesmo no mundo da variedade». Ele sustenta Seu orgulho mesmo no mundo da variedade dizendo: «Ninguém é semelhante a Mim». Mesmo na pior das aparências Ele fica só, sem comparação. Podemos perguntar: «Antes do homem aparecer na terra, Deus realizou Sua unidade?» Quem pode, porém, dizer quantas vezes o homem apareceu na terra e da terra desapareceu? O que sabemos é apenas uma história do planeta, mas quantos planetas existem? Em milhões de anos quantas criações foram criadas e

quantas foram extintas? O que podemos dizer é que não se pode falar de um passado, presente ou futuro de Deus. Pode-se apenas dar uma idéia, que é a idéia central de todos os aspectos da verdade, de que só o Único Ser é que existiu, existe e existirá e que tudo isso que nós vemos é fenômeno d'Ele.

Há uma história que pode explicar o mistério do objetivo da vida: uma fada, grandemente desejosa de se divertir, desceu à terra e ali as crianças haviam feito uma casa de bonecas. Desejou entrar nessa casa de bonecas, mas era-lhe difícil caber no espaço onde só uma boneca pode entrar. «Muito bem» disse a fada, «vou tentar um caminho diferente. Mandarei um dedo por este caminho, outro dedo por outro e cada uma das minhas partes por caminhos diferentes». Separou-se em diversos pedaços e cada pedaço penetrou em diferentes pontos da casa de bonecas. Então uma parte do seu ser encontrou a outra parte, puseram-se a roçar uma na outra, o que era desagradável, e houve uma luta entre as diferentes partes: «Por que você está no meu caminho? Este caminho era o meu, por que você vem pelo meu caminho?» Cada parte do ser da fada se interessava numa coisa, em alguma parte daquela casa de bonecas. Quando aquele momento de interesse passou, uma certa parte do seu ser queria sair da casa de bonecas, mas as outras partes não queriam deixá-la sair. Seguravam-na: «Fique aqui, não pode sair». Umhas partes do seu ser queriam empurrar para fora a outra parte, mas não havia meio de pô-la fora. Era uma espécie de caos geral, uma parte não sabendo que a outra pertencia à mesma fada e, todavia, uma parte era atraída inconscientemente para a outra porque eram partes do mesmo corpo. No fim o coração da fada entrou em cena. Acalmou cada uma das partes dizendo: «Você veio de mim. Quero consolá-la, quero servi-la. Se você está aflita, quero afastar sua aflição. Se você precisa de algum serviço, quero prestá-lo. Se lhe falta alguma coisa, quero trazê-la para você. Eu sei quanto você está aflita nesta casa de bonecas». Algumas disseram: «Não estamos aflitas absolutamente, estamos nos divertindo. Se estamos aflitas é porque desejamos ficar aqui. As que estão aflitas são as outras, não somos nós». Disse o coração: «Bem, olharei por vocês e me divertirei também. As que estiverem aflitas, compadecer-me-ei delas e as que estiverem se divertindo, ajudá-las-ei». Esta era a única parte do ser da fada que estava cônica dos seus átomos espalhados por todos os lados. Mas os átomos mal tinham consciência disso, embora, desde que pertencem ao mesmo corpo, estivessem atraídos para o coração, com conhecimento ou não, conscientes ou inconscientes, tal era a força do coração. Era como a força do sol, que faz

uma flor receptiva tornar-se um girassol. E assim, a força do coração da fada transformou num coração cada parte de seu ser que se tinha mostrado receptiva. Como o coração era a própria luz e vida, a casa de bonecas não pôde mais reter o coração. O coração experimentou a alegria da casa de bonecas mas, ao mesmo tempo, estava pronto para fugir. O coração deleitou-se ao encontrar todos os átomos que pertenciam ao seu corpo e trabalhou através de todos e de cada um dos seus órgãos. Com o tempo transformou cada parte de seus órgãos num coração e com isso realizou a perfeição deste fenômeno.

Deus é amor. Se Deus é amor, o amor é o que há de mais sagrado e pronunciar esta palavra sem sentido é uma vã repetição. Os lábios da pessoa para quem ela significa alguma coisa, ficam fechados: pouco pode dizer, porque o amor é, em si mesmo, uma revelação. Nenhum estudo é necessário, não é preciso fazer nenhuma meditação, nem se requer nenhuma piedade. Se o amor fôr puro, se a centelha do amor começou a brilhar, então não é preciso ir a parte alguma para ganhar espiritualidade. A espiritualidade nesse caso está dentro de nós mesmos. Devemos continuar a soprar a centelha até que ela se transforme num fogo perpétuo. Os adoradores do fogo dos tempos antigos não adoravam o fogo que se apagava: adoravam o fogo perpétuo. Onde encontraremos esse fogo perpétuo? Em nosso próprio coração. A centelha que encontramos brilhando por um momento e que depois se torna turva, não pertence ao céu, porque no céu todas as coisas são duradouras. Deve pertencer a algum outro lugar. O amor tornou-se uma palavra de dicionário, uma palavra usada mil vezes por dia e que nada significa. Para aquele que sabe o que significa o amor, o amor significa paciência, o amor significa sofrimento, o amor significa tolerância, o amor significa sacrifício, o amor significa servir. Todas as coisas como gentileza, humildade, modéstia, graciosidade, bondade, são todas elas diferentes manifestações do amor. É o mesmo que dizer: «Deus é tudo e tudo é Deus», ou «O amor é tudo e tudo é amor». É no encontrá-lo, no senti-lo, no experimentar seu calor e ver no mundo a luz do amor, no conservar seu clarão e manter acesa a chama do amor como tocha sagrada a nos guiar em nossa viagem pela vida, é nisto que se realiza o objetivo da vida. Segundo o padrão comum de vida, consideramos um homem de senso comum uma pessoa que é correta, digna, mas sob o ponto de vista místico, essa pessoa só pode começar a ser correta quando principia a sentir simpatia por seus semelhan-

tes. Que atingimos nós pelo estudo da filosofia e do misticismo, pelas práticas da concentração e da meditação? Uma capacidade que nos habilita a servir melhor nossos semelhantes.

A verdade é simples e por ser simples as pessoas não a aceitam, porque nossa vida na terra é tal que, por tôdas as coisas a que damos valor, temos de pagar um preço alto e, assim, pensamos: «se a verdade é a mais preciosa das coisas, como pode então a verdade ser obtida simplesmente?» Esta ilusão é que faz todo o mundo negar a verdade simples e procurar as coisas complexas. Falai às pessoas sobre algo que lhes faça a cabeça girar e dar voltas e voltas ao miolo. Ainda que não compreendam o que estais falando, terão o maior prazer em pensar: «Trata-se de alguma coisa substancial, algo sólido, pois é uma idéia que não posso compreender. Deve ser alguma coisa elevada». Entretanto, uma coisa que tôda alma sabe, provando o que há de divino em cada alma, o que não se pode evitar de saber, isso parece a essas pessoas muito barato, pois a alma já sabe. Existem duas coisas: saber e ser. É fácil SABER a verdade mas o mais difícil é SER verdadeiro. Não é SABENDO a verdade que se realiza o objetivo da vida. O objetivo da vida é realizado SENDO-SE verdadeiro.

O MISTICISMO DO SOM

Capítulo I

A vida silenciosa

A Vida Absoluta, que é a origem de tudo o que é sentido, visto e percebido, e na qual, com o tempo, tudo isso se funde, é uma vida silenciosa, imóvel e eterna. Entre os Sufis é chamada de *Zât*. Cada movimento emanado dessa vida silenciosa é uma vibração e é um criador de vibrações. Dentro de uma vibração muitas vibrações são criadas. Assim como o movimento gera movimento, a vida silenciosa torna-se ativa numa certa parte e cria a cada instante mais e mais atividade, perdendo, pois, a paz da vida silenciosa primitiva.

O grau de atividade dessas vibrações é o que importa nos vários planos da existência. Imaginamos que êsses planos são diferentes entre si mas, na realidade, não podem ser inteiramente desligados e separados uns dos outros. A atividade das vibrações faz com que elas se tornem mais grosseiras e foi assim que a terra nasceu dos céus.

Os reinos vegetal, animal e humano são as mutações graduais das vibrações e as vibrações de cada plano são diferentes umas das outras em pêso, largura, comprimento, côr, efeito, som e ritmo. O homem não é formado somente de vibrações mas vive e move-se dentro delas. O homem é cercado por essas vibrações como o peixe é cercado pela água e êle tem essas vibrações dentro de si como o tanque tem a água dentro dêle. As diversas disposições do homem, de espírito, inclinações, negócios, sucessos e fracassos e tôdas as condições de vida, dependem de uma certa atividade das vibrações, quer se refiram a pensamentos, emoções ou sentimentos. É a direção da atividade das vibrações que importa na variedade de coisas e seres. Essa atividade vibratória é a base da sensação e a fonte de todos os prazeres e sofrimentos. Sua paralisação é o oposto da sensação. Tôdas as sensações têm como causa um certo grau de atividade da vibração.

Há dois aspectos da vibração: a vibração leve e a vibração grosseira, ambas com graus diferentes. Algumas vibrações são percebidas pela alma, outras pela mente e algumas pelos olhos. A alma percebe as vibrações do sentimento, a mente concebe as vibrações do pensamento e os olhos vêem as vibrações solidificadas, vindas do seu estado etéreo e transformadas em átomos que aparecem no mun-

do físico constituindo-se nos elementos éter, ar, fogo, água e terra. As vibrações mais leves são imperceptíveis mesmo para a alma. A própria alma é formada dessas vibrações leves e é a atividade dessas vibrações que torna a alma consciente.

A criação começa com a atividade da consciência, que pode ser chamada de vibração. Toda vibração oriunda de sua fonte original é igual, havendo diferença somente no tom e no ritmo causada por maior ou menor grau de força atrás da vibração. No plano do som a vibração causa diversidade de tons e no mundo dos átomos, diversidade de cor. Quando as vibrações se agrupam tornam-se audíveis, mas em sua trajetória para a superfície multiplicam-se e, à proporção que avançam, materializam-se. O som dá à consciência uma prova de sua existência, embora a parte ativa da consciência é que realmente se transforma em som. Aquêlo que conhece, a bem dizer, torna-se conhecido de si mesmo, em outras palavras, a consciência dá testemunho de sua própria vez. É assim que o homem é afetado pelo som. Todas as coisas derivadas e formadas de vibrações, possuem um som escondido dentro de si, assim como o fogo se esconde na pedra, e cada átomo do universo, pelo seu tom, confessa: «Minha única origem é o som». Se batermos em qualquer corpo sonoro, sólido ou ôco, êle responderá: «Sou som».

O som tem nascimento, morte, sexo, forma, planeta, Deus, cor, meninice, mocidade e velhice, mas o volume do som que está na esfera abstrata, além da esfera do concreto, é a fonte e a base de todos os sons.

Tanto o som como a cor têm efeito sobre a alma humana, de acordo com a lei da harmonia: uma alma delicada é afetada pela cor e uma alma ainda mais delicada é afetada pelo som. O tom tem efeito ou de calor ou de frio, conforme seu elemento, pois todos os elementos são constituídos de diferentes graus de vibrações. O som, portanto, pode produzir efeito agradável ou desagradável sobre a mente e o corpo humano e tem efeito curativo na ausência de ervas ou drogas, que também têm sua origem nas vibrações.

A manifestação é formada de vibrações e sua primeira manifestação são os planetas. Cada um desses planetas tem seu tom especial. Assim sendo, cada nota representa um planeta. Todo indivíduo, pois, possui um tom que lhe é peculiar, de acordo com o seu planeta de origem. Por esta razão cada pessoa é afetada por um certo tom, de acordo com seu grau de evolução. Todo elemento tem um som que lhe é peculiar. No elemento mais delicado o círculo do som se expande e no elemento mais grosseiro êle se estreita, sendo distinto no primeiro caso e indistinto no segundo.

A Terra tem vários aspectos de beleza e diversidade de sons. Seu ponto de maior ressonância é a superfície, seu formato é um crescente e sua cor é amarela. O som da Terra é pouco claro e surdo e produz no corpo humano uma comoção, uma atividade e movimento. Todos os instrumentos de fio de arame e de tripa e os instrumentos de percussão como o tambor, o címbalo, etc. representam o som da Terra.

O som da água é profundo, tem a forma de uma serpente, é de cor verde e ouve-se melhor no rugido do mar. O som da água corrente, dos riachos nas montanhas, o gotejar e bater da chuva, o som da água despejada de um pote para uma jarra, de um cano para uma tina, de uma garrafa para um copo, todos êstes sons têm efeito agradável e vivificante, cuja tendência é produzir imaginação, fantasia, sonho, afeição e emoção. O instrumento chamado *Jalatarang* é um arranjo de tijelas e copos de porcelana graduados por tamanhos e cheios de água na proporção da escala desejada: para abaixar o tom usa-se maior quantidade de água e para elevar o tom usa-se menor quantidade. O efeito destes instrumentos sobre as emoções do coração é muito tocante.

O som do fogo é de alta ressonância, sua forma é a espiral e é de cor vermelha. É ouvido na queda de um raio e numa erupção vulcânica, no som de um fogo quando crepita, no barulho de foguetes, bombas, rifles, espingardas e canhões. Todos êles têm a tendência de produzir medo.

O som do ar é ondulante, tem a forma do ziguezague e sua cor é azul. Sua voz é ouvida nas tempestades, quando o vento sopra e no murmúrio da brisa matinal. Tem o efeito de romper, arrebatrar e comover. O som do ar encontra expressão em todos os instrumentos de sopro feitos de madeira, cobre e bambu. Seu efeito é acender o fogo dos corações, como Rumi escreveu em seu *Masnavi* a respeito da flauta. Krishna é sempre mostrado na arte Indiana com uma flauta. O som do ar domina todos os outros sons, pois é vivificante e em qualquer aspecto sua influência produz o êxtase.

O som do éter conserva-se dentro de si mesmo e tem todas as formas e cores. É a base de todos os sons e o seu subtom é que é contínuo. Seu instrumento é o corpo humano porque pode se tornar audível através dêle. Embora penetre em tudo, mesmo assim não é audível. Manifesta-se no homem quando êste purifica seu corpo das propriedades materiais. O corpo pode se tornar seu instrumento apropriado quando o homem abre um espaço dentro de si, quando todos os canais e veias ficam livres. Assim, o som que existe externamente no espaço se manifesta também internamente. O efeito

dêste som é o êxtase, iluminação, tranqüilidade, intrepidez, arroubo, alegria e revelação. A alguns êle se manifesta por si, a outros quando estão num estado negativo causado por doença do corpo ou da mente. Para nenhuma dessas pessoas representa êle um benefício, ao contrário faz com que se tornem anormais. Sòmente por meio de práticas secretas conhecidas pelos místicos é que êste som eleva as pessoas que se abrem para êle.

A mistura do som da terra e do som da água produz ternura e delicadeza. O som da terra e do fogo produz aspereza. O som da terra e do ar produz vigor e fôrça. O som da água e do fogo tem efeito vivificador e animador. O som da água e do éter tem efeito calmante e reconfortante. O efeito do som do fogo e do ar é terror e mêdo. O som do fogo e do éter tem efeito de rompimento e liberação. O som do ar com o éter produz calma e paz.

Capítulo II

Vibrações

A experiência da vida silenciosa é feita na superfície através da atividade. A vida silenciosa parece morta quando comparada com a vida da atividade na superfície. Só uma pessoa sábia é que dá preferência à vida eterna por saber que a vida mortal, por sua natureza, está sempre se modificando e é efêmera. A vida na superfície parece ser a vida real porque é nela que experimentamos todos os prazeres.

Não existe prazer na vida silenciosa, sòmente paz. O estado original da alma é a paz e sua natureza é o prazer e ambos trabalham um contra o outro. Ê este o motivo oculto em tôda a tragédia da vida. A alma, originalmente, não possui experiência alguma. Experimenta de tudo quando abre os olhos no plano exterior e conserva-os abertos apreciando a vida na superfície até se sentir satisfeita. Aí, então, a alma começa a fechar os olhos para o plano exterior e procura constantemente a paz, o estado original de seu ser.

A parte interior e essencial de todo ser é composta de vibrações leves e a parte exterior é formada de vibrações grosseiras. A parte mais leve chamamos de espírito e a parte mais grosseira de matéria. A parte mais leve está menos sujeita a alterações e destruição e a mais grosseira está mais sujeita a isso. Tudo que vive é espírito, tudo que morre é matéria. Tudo que morre no espírito é matéria, tudo que vive na matéria é espírito. Tudo que é visível e perceptível parece estar vivo, embora esteja sujeito à morte e decadência e, a todo momento, é dissolvido em seu elemento mais leve, mas a visão humana está tão iludida pelo conhecimento do mundo de aparências que o espírito que realmente vive é coberto pela roupagem da matéria. Seu ser verdadeiro fica escondido. O aumento gradativo da atividade faz com que as vibrações se materializem e é a diminuição gradativa da atividade que transforma as vibrações novamente em espírito. Como já foi dito, as vibrações passam por cinco fases distintas enquanto mudam do leve para o grosseiro e os elementos éter, ar, fogo, água e terra têm sabor, côr e forma que lhes são peculiares. Assim sendo, os elementos formam uma roda que traz para a superfície tôdas as vibrações a seu tempo. Em cada fase de suas atividades as vibrações variam e tornam-se distintas umas das outras e é o agrupamento dessas vibrações que produz a variedade no mundo objetivo. O homem chama de destruição à lei que leva as vibrações a se dispersarem.

As vibrações transformam-se em átomos e os átomos geram o que chamamos de vida. Acontece, então, que o seu agrupamento pelo poder da afinidade da natureza, forma uma entidade viva e assim como a respiração manifesta-se através da forma, o corpo torna-se consciente. Estão ocultos num indivíduo seres muito pequenos e delicados, no sangue, células do cérebro, pele e em todos os planos de sua existência. Assim como no ser físico de um indivíduo existem muitos pequenos germens que nascem e se alimentam, que são também seres vivos, em seu plano mental também existem muitos seres chamados MUWAKKALS ou elementares. São entidades ainda mais leves nascidas dos próprios pensamentos do homem. Assim como os germens vivem no corpo físico do homem, os elementares também habitam sua esfera mental. Muitas vezes o homem pensa que os pensamentos não têm vida. Não vê que os pensamentos são mais vivos do que os germens físicos e que eles têm nascimento, meninice, juventude, velhice e morte. Trabalham para o homem vantajosamente ou desvantajosamente conforme sua natureza. O Sufi cria os pensamentos, molda-os e controla-os. Manobra e governa os pensamentos através da vida, formando com eles seu exército para que cumpram seus desejos. Assim como os germens constituem o ser físico do homem e os elementares sua vida mental, os anjos também constituem sua existência espiritual. São chamados de FARISHTAS.

Em via de regra as vibrações possuem comprimento e também largura e podem durar a menor fração de um instante ou a maior parte da idade do universo. As vibrações criam diversas formas, figuras e cores quando se lançam para a frente, uma vibração cria outra e, assim, miríades surgem de uma vibração. Desta forma existem círculos debaixo de círculos e círculos por cima de círculos. Todos eles formam o universo. Cada vibração, após sua manifestação, volta a se fundir na sua fonte original. O alcance das vibrações é de acordo com a finura do plano de onde partiram. Falando mais explicitamente, a palavra proferida pelos lábios pode somente atingir os ouvidos do ouvinte, mas o pensamento oriundo da mente tem maior alcance, porque é projetado de uma mente para outra. As vibrações da mente são muito mais potentes do que as das palavras. Os sentimentos mais ardentes de um coração podem comover o coração de outra pessoa. Os sentimentos exprimem-se em silêncio, espalham-se na esfera, a ponto de a própria atmosfera da presença de uma pessoa revelar seus pensamentos e emoções. As vibrações da alma são muito mais poderosas e de mais longo alcance, fluem como uma corrente elétrica de alma para alma.

Tôdas as coisas e seres do universo são ligados uns aos outros visível ou invisivelmente e através das vibrações estabelece-se uma comunicação entre eles em todos os planos da existência. Como um exemplo simples há o fato de se alguém tossir numa reunião, muitos começarão a tossir, o mesmo acontecendo com o bocêjo. O mesmo aplica-se ao riso, à excitação e à depressão, demonstrando que as vibrações transmitem as condições de uma pessoa para outra. A pessoa que tem o dom de ver conhece, pois, o passado, o presente e o futuro e percebe as condições em todos os planos da existência.

As vibrações funcionam por intermédio das cordas da simpatia existente entre os homens e o que os rodeiam e revelam as condições passadas, presentes e futuras. Isto explica porque o uivo dos cães prenuncia a morte e o rincho dos cavalos a aproximação do perigo. Não são somente os animais que demonstram isso, até as plantas, em ocasiões de tristeza, começam a morrer e as flôres fenecem, enquanto que em momentos de felicidade elas crescem e florescem. A razão das plantas e dos animais poderem perceber as vibrações e saber o que está para acontecer – enquanto o homem ignora – é porque o homem por si mesmo tornou-se cego pelo egoísmo. A influência das vibrações é deixada na cadeira em que nos sentamos, na cama em que dormimos, na casa que habitamos, nas roupas que usamos, na comida que tocamos e até na rua onde andamos.

Cada emoção nasce da intensidade das vibrações as quais, quando ativadas em direções diferentes, produzem emoções diversas, residindo a causa principal de toda emoção simplesmente na atividade. Toda vibração quando ativa, eleva a consciência à superfície mais exterior e a névoa ocasionada pela atividade acumula nuvens que chamamos de emoções. As nuvens da emoção obscurecem a visão clara da alma e é por isso que se diz que a paixão é cega. O excesso da atividade das vibrações não só cega como enfraquece a vontade e um fraco enfraquece a sua mente e o corpo.

É o estado das vibrações com o qual o homem está afinado que importa para a nota de sua alma. Os diferentes graus dessas notas formam uma variedade de ressonâncias, que são divididas pelos místicos em 3 graus distintos. Primeiro, o grau que produz poder e inteligência e pode ser descrito como um mar calmo. Segundo, o grau da atividade moderada que mantém tôdas as coisas em movimento e é um equilíbrio entre a força e a fraqueza, que podemos descrever como o mar em movimento. Terceiro, o grau de intensa atividade que tudo destrói e causa tôdas as fraquezas e cegueiras. Pode ser descrito como um mar tempestuoso.

Na atividade de tôdas as coisas e sêres a ressonância é reconhecida pelo Vidente como o músico conhece o tom em que a música foi escrita. A atmosfera do homem revela o grau de atividade de suas vibrações.

Se a atividade vibratória fôr controlada de forma apropriada o homem poderá experimentar tôdas as alegrias da vida e, ao mesmo tempo, não ficará escravizado às mesmas. É mais difícil controlar a atividade uma vez que ela já começou e vai aumentando, pois é como se tentássemos controlar um cavalo em fuga. Entretanto, no contrôle é que repousa tudo o que chamamos de domínio.

Os santos e sábios espalham a paz que possuem não só no lugar onde sentam como até nas redondezas de sua casa. A cidade ou país onde vivem tem paz de acôrdo com a fôrça das vibrações que transmitem de suas almas. Esta é a razão por que a associação com o bom ou o mau e com pessoas de classes mais altas ou mais baixas tem grande influência sôbre a vida e o caráter do homem. As vibrações do pensamento e do sentimento criam, procuram e preparam por si sós todos os meios necessários à sua manifestação na superfície. Por exemplo, uma pessoa pode querer comer peixe e ao invés de dar ordens neste sentido pensa fortemente em peixe. As vibrações de seu pensamento, por assim dizer, falam ao ouvido mental do cozinheiro e transmitem-lhe êste desejo. Talvez seu forte sentimento possa até atrair um peixeiro à sua casa. Desta forma, os pensamentos dos sábios trabalham de acôrdo com a fôrça, poder e pureza de suas mentes. Um certo grau de fôrça-pensamento é necessário a fim de se obter um determinado resultado, assim como é preciso usar dinamite para fazer explodir uma simples rocha e uma quantidade infinitamente maior é necessária para abrir um túnel numa montanha.

A duração do tempo que o pensamento é mantido tem também muito a ver com sua realização, pois as vibrações do pensamento têm que estar ativas por um certo tempo a fim de se obter determinado resultado. É preciso certo tempo para assar um bôlo. Se nos apressamos o bôlo fica cru e se usarmos calor demasiado queimarse-á. Se o operador das vibrações mentais perder a paciência, a fôrça do pensamento então se estragará mesmo que esteja a meio caminho de seu destino ou ainda mais perto do sucesso. Se uma fôrça demasiadamente grande do pensamento é usada para a realização de determinada coisa, ela destrói enquanto a realização está em andamento.

Para refletir em outra pessoa o pensamento e o sentimento o homem deve observar a mesma regra que rege a voz e a palavra. Quanto mais alto falamos numa reunião, mais atenção atraímos e

os presentes forçosamente nos darão ouvidos. Da mesma forma, se um Sufi envia suas vibrações do pensamento e sentimento, naturalmente atingirão com grande fôrça e poder qualquer mente em que caírem. Assim como a doçura da voz tem uma fôrça que atrai, o mesmo acontece com a ternura de pensamento e sentimento. As vibrações do pensamento às quais se adiciona a palavra falada têm fôrça dobrada e o esforço físico desta fôrça é triplicado. A razão é como o fogo, dá luz ao pensamento, mas o pensamento superaquecido perde sua fôrça como o calor pode enfraquecer o corpo físico. Da razão nasce a dúvida que destrói a fôrça do pensamento antes que seja capaz de realizar seu destino.

A fôrça do poder do pensamento consiste na confiança e na fé. A razão confunde e as dúvidas disseminam as ondas das vibrações do pensamento que se dispersam e vão para direções diferentes devido à falta de fôrça para uni-las. Não devemos jamais pensar ou falar contra a nossa vontade, pois isso enfraquece as vibrações do pensamento e muitas vêzes traz resultados contraproducentes. Uma variedade de pensamentos ao mesmo tempo enfraquece naturalmente a fôrça da mente, pois nenhum terá oportunidade de amadurecer, da mesma forma que gêmeos são às vêzes imperfeitos e trigêmeos raramente sobrevivem.

A desarmonia entre o nosso desejo e ideal sempre causa uma grande confusão na vida, pois constantemente trabalham um contra o outro. Quando alguém fala, pensa ou sente mal ou bem de uma pessoa, isso alcança o espírito dessa pessoa consciente ou inconscientemente pela fôrça das vibrações. Se acontece sermos ofendidos por alguém e não demonstrarmos isso em palavras ou ação, assim mesmo isso não pode ficar escondido pois as vibrações de nosso sentimento alcançarão diretamente a pessoa em questão e ela começará a sentir o nosso desprazer embora distante. O mesmo ocorre com nosso amor e nosso prazer: podemos tentar ocultá-los no falar e agir, mas não conseguiremos escondê-los. Isto explica o velho adágio: «até as paredes têm ouvido», o que realmente quer dizer que até a parede não é impermeável às vibrações do pensamento.

Os Sufis dão especial atenção aos bons e maus votos do povo. Lutam continuamente para atrair os bons votos dos outros, dignos ou não, por todos os meios ao seu alcance. A intensidade da atividade causa vibrações fortes que, na terminologia Sufi chama-se *Jelal*. A atividade terna resulta em vibrações doces chamadas *Jemal*. A atividade *Jelal* funciona como fôrça e poder e a *Jemal* como beleza e graça. O conflito das duas fôrças é chamado de *Kemal* e causa, nada mais nada menos, que a destruição.

O certo e o errado, a concepção do bem e do mal e a idéia do pecado e da virtude são compreendidos de várias maneiras pelos povos de diferentes raças, nações e religiões. É, pois, difícil discernir a lei que governa êstes opostos. Torna-se, no entanto, simples se compreendermos a lei das vibrações. Cada coisa e cada ser na superfície da existência parecem separados uns dos outros, mas em todos os planos sob a superfície êles se aproximam cada vez mais um do outro e no plano mais interior todos êles se tornam um só. As perturbações, pois, que atingem a paz de parte mais ínfima que compõe a existência na superfície afeta ao todo interiormente. Assim, cada pensamento, palavra ou ato que perturbe a paz está errado, é um mal e um pecado, mas se contribuir para a paz está certo, é bom e constitui uma virtude. A vida sendo como uma abóbada sua natureza é também abobadada. A perturbação de parte mais ínfima da vida perturba o todo e volta-se como uma maldição para a pessoa que a causou. Tôda paz produzida na superfície conforta o todo e, assim, retorna como paz para quem a produziu.

Esta é a filosofia da recompensa às boas ações e da punição para as más ações ministrada pelas forças do alto.

Capítulo III

Harmonia

A harmonia é a origem da manifestação, a causa de sua existência e o agente entre Deus e o homem.

A paz pela qual tôda alma luta e que é a verdadeira natureza de Deus e o maior objetivo do homem, nada mais é do que o resultado da harmonia. Isto vem provar como são vãs tôdas as realizações em que não entra o senso da harmonia. A realização da harmonia chamamos céu e a sua ausência chamamos inferno. Só aquêle que domina a harmonia é que compreende a vida e aquêle a quem falta a harmonia é tolo a despeito de todos os demais conhecimentos que tenha adquirido.

O Sufi dá enorme importância à realização da harmonia, pois crê que a luz é para os anjos e a escuridão para o diabo, sendo a harmonia necessária ao ser humano a fim de manter o equilíbrio na vida.

Há três aspectos da harmonia: eterno, universal e individual.

Harmonia eterna é a harmonia da consciência. Como é eterna em si mesma tôdas as coisas e seres vivem e se movem dentro dela. Não obstante, permanece remota, imperturbável e pacífica. Êste é o Deus do crente e o Deus do que sabe. Tôdas as vibrações, da mais fina à mais grosseira, são conservadas juntas por meio desta harmonia assim como cada átomo da manifestação, igualmente a criação e a destruição, são criados a fim de sustentá-las. Sua força, enfim, atrai todos os seres para a paz eterna.

O homem é levado para duas direções opostas pela força da harmonia: em direção ao Infinito e em direção da manifestação. Ê menos consciente quanto à direção do Infinito do que em direção à manifestação e, ao se encaminhar para uma direção perde de vista a outra. O Infinito sendo o espírito essencial de tudo no final atrai tudo para si. O Sufi dá a maior importância à harmonia com o Infinito que obtém pela resignação à vontade de Deus, o Bem-Amado.

A existência da terra e da água, da terra para a água e da água para a terra, a atração entre o céu e terra, tudo prova a harmonia universal. A atração do sol e da lua entre si, a ordem cósmica das estrelas e dos planetas, todos ligados e relacionados uns com os outros, movendo-se e agindo por uma determinada lei, a rotação regular das estações, a noite seguindo-se ao dia e o dia, por sua vez dando lugar à noite, a dependência de um ser a outro, a distinção, atração e assimilação dos cinco elementos, tudo isto prova a harmonia universal.

O macho e a fêmea, o animal e o pássaro, o vegetal e a rocha e tôdas as coisas e séres, estão ligados entre si com uma corda da harmonia. Se um ser ou uma coisa, embora aparentemente inútil, estiver faltando no universo de variedades intermináveis, é como se estivesse faltando uma nota numa canção. Como Sa'di disse: «Todo ser nasce para um determinado fim e a luz dêste objetivo está acesa dentro da sua alma». As fomes, pragas e desastres, assim como as tempestades, inundações, erupções vulcânicas, guerras e revoluções, por pior que pareçam ao homem são, na realidade, para o ajuste desta harmonia universal.

Conta-se na Índia uma história. Uma vez os habitantes de uma vila, que havia sofrido uma seca, juntaram-se de frente de um templo de seu Deus e imploraram para que naquele ano houvesse abundância de chuvas.

Uma voz vinda do invisível respondeu: «Qualquer coisa que fazemos é para a melhoria do Nosso objetivo, vós não tendes o direito de interferir no Nosso trabalho, ó homens». Novamente os habitantes clamaram por misericórdia e continuaram a pedir com mais persistência. A resposta foi a seguinte: «Vossas preces, jejuns e sacrifícios induziram-Nos a consentir que êste ano tenhais tanta chuva como desejam». Voltaram todos para suas casas alegremente. Trabalharam no outono com vigor em suas fazendas e depois de preparada a terra e semeados os grãos oraram pedindo chuva. Quando acharam que a chuva era suficiente recorreram novamente à prece e a chuva cessou. Desta forma obtiveram uma colheita de trigo maravilhosa e todos os habitantes do país se rejubilaram. Naquele ano a safra de trigo foi maior do que nunca. Depois de armazenadas as colheitas, entretanto, todos que haviam comido do trigo morreram e as vítimas foram em grande número. Perplexos procuraram novamente Deus, curvaram-se diante do templo e chorando disseram: «Por que Vós mostrastes tanta ira para conosco depois de nos ter agraciado com tanta misericórdia?» Deus respondeu: «Não foi Nossa ira mas vossa interferência no Nosso trabalho. Às vezes mandamos secas e outras vezes inundações para que uma parte de suas colheitas seja destruída, mas temos Nossas razões para assim agir, pois desta forma tudo que nelas é venenoso e dispensável também é destruído, restando somente o que é benéfico para a preservação de suas vidas».

Os camponeses prostraram-se numa humilde prece dizendo: «Jamais tornaremos a tentar controlar os assuntos do universo, Vós

sois o Criador e Vós sois o Controlador, somos Vossos filhos inocentes e Vós o Único que sabeis o que é melhor para nós». O Criador sabe como controlar seu mundo, o que produzir e o que destruir.

Há dois aspectos da harmonia individual: a harmonia entre o corpo e a alma e a harmonia entre os indivíduos.

A alma alegra-se com o conforto experimentado pelo ser exterior e o homem se torna tão absorvido nêle que negligencia o verdadeiro conforto da alma, tornando o homem descontente através de todo conforto momentâneo que possa gozar, mas não compreendendo isto, atribui a causa de seu descontentamento a algum desejo insatisfeito na sua vida. A realização de tôdas as paixões terrenas traz uma satisfação passageira e cria uma tendência para desejar mais. Nesta luta o homem não presta atenção à satisfação da alma, pois está constantemente ocupado procurando seu prazer e conforto terrenos, privando a alma de sua verdadeira felicidade. A verdadeira delícia da alma repousa no amor, na harmonia e na beleza, resultando na sabedoria, calma e paz. Quanto mais constantes maior a satisfação da alma.

Se o homem, em sua vida quotidiana, examinar cada ato que venha refletir uma imagem desagradável em sua alma e cause obscuridade e descontentamento e se também vigiar constantemente cada pensamento, palavra ou ação que venha a produzir interiormente amor, harmonia e beleza e todo sentimento que lhe traga sabedoria, calma e paz, então o caminho da harmonia entre a alma e o corpo será facilmente compreendido e ambos os aspectos da vida serão satisfeitos, o interno e o externo. A satisfação da alma é muito mais importante do que a do corpo, porque é mais duradoura. Desta forma o pensamento, a fala e a ação podem ser ajustados a fim de que a harmonia possa ser estabelecida primeiramente na pessoa pela sintonização do corpo e da alma.

O aspecto seguinte da harmonia individual é praticado no contato de uma pessoa com outra. Todo ser tem um ego individual, produto de sua própria ilusão. Isto limita a visão do indivíduo que é levado na direção de seu próprio interesse e êle julga o bem e o mal, o alto e o baixo, o certo e o errado em relação a si e aos outros através de sua visão limitada que em geral é mais parcial e imaginativa do que verdadeira. Esta obscuridade é causada pelo ser exterior que encobre a alma. Assim, uma pessoa torna-se cega em relação aos seus próprios defeitos e aos méritos de outros e o ato correto de alguém torna-se errado aos seus olhos enquanto que as faltas dêle parecem certas. Ê isto que acontece em geral com a humanidade até que o véu da obscuridade é tirado de seus olhos.

O *Nafs* (o ego de um indivíduo) causa tôda a desarmonia dentro de uma pessoa e em relação aos outros, mostrando assim o desregramento em todos os aspectos da vida. O leão, o rei dos animais, o mais forte e majestoso, é sempre mal recebido no meio dos habitantes da floresta e é também hostilizado pelos animais de sua raça. Dois leões jamais se saúdam de forma amigável pois seus *Nafs* são muito fortes e embora o leão seja o rei dos outros animais é escravo de suas próprias paixões, o que torna sua vida irrequieta. O *Nafs* dos animais herbívoros, como o carneiro e cabras, é manso. Por êste motivo são inofensivos uns aos outros e são tão harmoniosos que vivem em rebanhos. A harmonia e simpatia existentes entre êles faz com que participem juntos de suas alegrias e tristezas, mas são fáceis vítimas dos animais selvagens da floresta. Os Mestres da antiguidade como Moisés e Maomé sempre gostaram de pastorear seus rebanhos no deserto e Jesus Cristo chamou-se de Bom Pastor, enquanto que S. João Batista falou no Cordeiro de Deus, inofensivo e inocente, pronto para o sacrifício.

O *Nafs* dos pássaros é ainda mais doce e numa mesma árvore muitas e várias espécies podem viver como uma só família, cantando a glória de Deus em uníssono e voando milhares dêles em bando.

Encontramos entre os pássaros os que reconhecem seu companheiro e vivem juntos, construindo harmoniosamente o ninho para seus filhotes, cada um se revesando e chocando os ovos, tomando parte na procriação. Muitas vezes choram e lamentam a morte de seu companheiro. O *Nafs* dos insetos é ainda menor. Andam sobre os outros sem causar-lhes mal e vivem milhares dêles juntos, como numa família, não havendo distinção entre amigo ou inimigo. Isto vem provar como a fôrça do *Nafs* cresce a cada passo da evolução da natureza e culmina no homem criando desarmonia através de sua existência a menos que êle se torne manso, produzindo assim calma e paz dentro de si e um senso de harmonia em relação aos outros. Todo ser humano tem um atributo peculiar ao seu *Nafs*. Um assemelha-se ao tigre, outro a um cão, enquanto um terceiro pode parecer-se com um gato e um quarto com uma rapôsa. Desta forma o homem mostra em sua fala, pensamento e sentimento, os animais e pássaros e, às vezes, sua aparência assemelha-se a êles. Sua tendência para a harmonia, portanto, depende da evolução do seu *Nafs*.

À proporção que o homem começa a ver claramente através da vida humana, o mundo começa a parecer-lhe uma floresta cheia de animais selvagens, lutando, matando e devorando uns aos outros.

Há quatro classes diferentes de homens que se harmonizam entre si de acôrdo com seus diversos graus de evolução: angélica, humana, animal e diabólica.

A classe angélica procura o céu e o ser humano luta no mundo. O homem com propensão animalesca regozija-se com prazeres terrenos enquanto que o homem diabólico se empenha em criar maldades, criando o inferno para si e para os outros. O homem depois da evolução humana torna-se angélico e por meio de seu desenvolvimento na animalidade chega ao estágio diabólico.

Na música a lei da harmonia é que a nota mais próxima não faz um intervalo harmonioso, o que explica a proibição de casamento entre parentes muito chegados devido à sua proximidade em qualidade e sangue. Em via de regra a harmonia reside no contraste. Os homens lutam com homens e as mulheres discutem com mulheres, mas o macho e a fêmea em geral se harmonizam entre si e uma união completa traz uma harmonia perfeita. Em todo ser os cinco elementos trabalham continuamente e em cada indivíduo um especialmente predomina. O sábio distingue, pois, as cinco naturezas diferentes no homem de acôrdo com o elemento que nêle predomina. Algumas vezes dois elementos, ou mesmo mais, predominam num ser humano num grau maior ou menor.

A harmonia da vida pode ser aprendida da mesma maneira que a harmonia da música. O ouvido pode ser treinado para distinguir tanto o tom como a palavra, o significado oculto, e saber, pelo significado verbal e o tom da voz, se se trata de uma palavra verdadeira ou de uma nota falsa, distinguir entre o sarcasmo e a sinceridade, entre as palavras faladas com zombaria e com seriedade, compreender a diferença entre a admiração sincera e a lisonja, distinguir a modéstia da humildade, um sorriso de um riso zombeteiro, a arrogância do orgulho, quer direta ou indiretamente expressada. Assim o ouvido torna-se gradualmente treinado da mesma forma como na música e podemos saber exatamente se nosso próprio tom e palavra, e também os dos outros, são falsos ou verdadeiros. O homem deve aprender em que tom expressará um determinado pensamento ou sentimento, como quando se apura a voz. Há ocasiões em que devemos falar em voz alta e vezes há que é necessário usar um tom de voz doce. Para cada palavra uma certa nota é necessária e para um discurso um determinado diapásão. Ao mesmo tempo deve haver um emprêgo apropriado da nota natural, aguda ou grave, bem como uma consideração para o teclado.

Existem nove aspectos diferentes de sentimento, cada um tendo uma certa forma de expressão: júbilo expressado numa nota

vivaz, pesar num tom patético, medo numa voz alquebrada, misericórdia numa voz terna, espanto num tom exclamativo, coragem num tom enfático, frivolidade num tom leve, afeição num tom profundo e indiferença na voz do silêncio.

Uma pessoa sem treino confunde-se. Murmura as palavras que deviam ser conhecidas e fala em tom alto as palavras que deviam ficar escondidas. Um determinado assunto deve ser falado num tom alto enquanto que outro requer um diapasão mais baixo. Devemos levar em consideração o lugar, espaço, número de pessoas presentes, tipo de pessoas e sua evolução e falar de acordo com a compreensão dos outros. Há o ditado: «Fale com as pessoas na sua própria língua». Com uma criança devemos falar de maneira infantil, com os jovens somente usar palavras adequadas, com os velhos devemos falar de acordo com sua compreensão. Da mesma forma deve haver uma expressão graduada do nosso pensamento, pois nem todos podem ser guiados da mesma maneira. O homem distingue-se dos animais pela consideração pelos seus semelhantes.

Deve ficar bem entendido que o ritmo é o que equilibra um discurso ou ação. Devemos falar no momento exato, do contrário o silêncio é melhor do que o falar, ter uma palavra de simpatia pela dor de alguém e um sorriso ao menos quando alguém rir. Devemos procurar a oportunidade de desviar um assunto quando estivermos em sociedade e nunca mudar abruptamente o assunto de uma conversa e sim misturar habilmente dois assuntos numa união harmoniosa. Devemos, também, esperar pacientemente enquanto alguém fala e segurar as rédeas ao falar quando o pensamento se precipita descontroladamente, mantendo-o no ritmo e sob controle enquanto o expressamos. Devemos acentuar as palavras importantes com uma consideração quanto à acentuação forte e fraca. É preciso escolher a palavra adequada e o modo de expressá-la para regular a velocidade e saber como manter o ritmo. Algumas pessoas começam a falar vagarosamente e aumentam a velocidade gradativamente a tal ponto que são incapazes de falar coerentemente. O que foi dito acima aplica-se a todos os atos da vida.

O Sufi, como o estudante de música, treina tanto a voz como o ouvido na harmonia da vida. O treino da voz consiste em ter consciência de toda palavra proferida, sobre o seu tom, ritmo, significado e conveniência quanto à ocasião. Por exemplo, as palavras de consólio devem ser proferidas num ritmo vagaroso, com voz doce e tom simpatético. Ao proferir palavras de comando é necessário um ritmo vivaz e voz poderosa e distinta. O Sufi evita todas as ações fora de ritmo. Mantém o ritmo ao falar controlando a paciência, não pro-

ferindo uma palavra antes do tempo certo, não dando uma resposta até que se complete a pergunta. Considera uma palavra contraditória uma discórdia, a menos que seja proferida num debate e, em determinados casos, tenta até colocá-la numa sintonização harmoniosa. A tendência contraditória do homem finalmente se desenvolve numa paixão e acaba por contradizer até suas próprias idéias se elas forem expostas por outras pessoas.

Para manter a harmonia o Sufi chega a modular seu falar de uma nota para outra. Em outras palavras enquadra-se na idéia de outro vendo o assunto do ponto de vista de que está falando e não do seu. Cria a base de qualquer conversação com uma introdução apropriada preparando, assim, o ouvido dos ouvintes para uma compreensão perfeita. Espreita todos os seus movimentos e expressões, bem como os dos outros, tentando formar uma sintonização harmoniosa entre êle e os demais.

A harmonia na vida leva um tempo mais longo para ser adquirida e precisa de um estudo mais cuidadoso do que o treinamento do ouvido e o cultivo da voz, embora seja adquirido da mesma forma que o conhecimento da música. Ao ouvido do Sufi cada palavra proferida é como uma nota verdadeira quando harmoniosa e falsa quando desarmoniosa. O Sufi torna a escala do seu falar maior, menor ou cromática, conforme a ocasião, e suas palavras agudas, graves ou naturais são de acordo com a lei da harmonia. Por exemplo, a maneira de falar direta, polida e estratégica é como sua escala maior, menor ou cromática, representando o domínio, o respeito e a equidade. Da mesma forma adota movimentos arbitrários ou opostos, que sejam convenientes no momento e para a situação, seguindo passo a passo, concordando e discordando e até objetando, mantendo a lei da harmonia na conversação. Tomemos duas pessoas como duas notas. A harmonia existente entre elas forma intervalos consonantes ou dissonantes, perfeitos ou imperfeitos, maiores ou menores, diminuídos ou aumentados como as duas pessoas possam ser.

O intervalo de classe, credo, casta, raça, nação ou religião, assim como o intervalo de idade ou estágio de evolução, ou de interesses diversos e opostos, mostra aqui a lei distintamente. Um homem sábio está mais facilmente em harmonia com seu empregado inculto do que com um meio-sábio que se considera infalível. Também é possível que um sábio esteja longe da felicidade na companhia de todos e vice-versa. O homem orgulhoso sempre discute com outro orgulhoso enquanto suporta um humilde. É também possível o orgulhoso concordar com um assunto comum de orgulho, como o orgulho de raça ou berço.

Algumas vezes o intervalo entre as notas desconexas é preenchido por uma nota intermediária formando uma sintonização consonante. Por exemplo, a discórdia entre marido e mulher pode ser resolvida com o elo de uma criança ou a discórdia entre irmãos e irmãs pode desaparecer com a intervenção da mãe ou do pai. Desta forma, embora duas pessoas não se harmonizem, a formação de uma sintonização consonante por um elo intermediário cria a harmonia. Um tolo é uma nota inflexível enquanto que uma pessoa inteligente é flexível. O inflexível é obstinado em suas idéias, gostos, aversões e convicções, certos ou errados, enquanto que o flexível torna isto tudo em agudos ou graves, elevando ou abaixando o tom e diapasão, harmonizando-se com outra pessoa conforme a ocasião. A nota-chave está sempre em harmonia com tôdas as notas, pois possui tôdas as notas da escala em si. Da mesma forma o Sufi harmoniza-se com todos, bons ou maus, sábios ou tolos, para isso transformando-se numa nota-chave.

Tôdas as raças, nações, classes e pessoas são como uma corda onde a nota-chave, o interesse comum mantém tantas personalidades numa simples cadeia de harmonia. Por um estudo sobre a vida o Sufi aprende e pratica a natureza de sua harmonia. Cria harmonia consigo mesmo, com os outros, com o universo e com o infinito. Identifica-se com os outros, vê-se a si próprio e por assim dizer em qualquer outro ser. Não se incomoda com a culpa ou com o elogio, considerando ambos como provenientes de si mesmo. Se uma pessoa deixar cair um pêso grande e machucar seu pé, não deve culpar sua mão por ter deixado cair o pêso, realizando-se na mão e no pé. Da mesma forma o Sufi é tolerante quando se vê prejudicado por alguém, pensando que o dano veio dêle somente. Usa o contraponto misturando a conversa indesejável de um amigo e transformando-a numa fuga.

O Sufi fecha os olhos para as faltas alheias levando em consideração que eles não conhecem nada melhor. Esconde as faltas dos outros e suprime qualquer fato que poderia criar desarmonia. Sua luta constante é com o *Nafs* (o ego) que é a origem de toda desarmonia e o único inimigo do homem. Esmagando este inimigo o homem consegue o domínio de si próprio e faz com que conquiste o domínio de todo o universo porque o muro entre êle e o Todo-Poderoso foi derrubado. A nobreza, doçura, respeito, humildade, modéstia, abnegação, consciência, tolerância e perdão são considerados pelo Sufi atributos que produzem harmonia dentro da sua própria alma e também dentro da alma dos outros. A arrogância, ira, vício, avidez, apêgo e ciúmes são as seis principais causas da desarmonia.

O *Nafs*, o único criador da desarmonia, torna-se mais poderoso quanto mais são satisfeitos seus desejos mais contente fica. A princípio demonstra sua satisfação por ver satisfeitos seus desejos, mas logo depois exige mais até que a vida se torna um fardo. O sábio descobre que este inimigo é o instigador de todos os males, mas todo mundo culpa os outros por seus infortúnios na vida.

Capítulo IV

Nome

A necessidade do nome é criada pela variedade das coisas e seres e pelas peculiaridades que os tornam diferentes. O nome dá a idéia de uma forma, figura, côr, tamanho, qualidade, quantidade, sentimento e senso das coisas e seres, quer compreensíveis e perceptíveis como os que estão acima da percepção e compreensão. Sua importância, pois, é maior do que tôdas as coisas. Num nome esconde-se um grande segrêdo, seja no nome de uma pessoa ou no de qualquer coisa e é formado de acôrdo com as condições passadas, presentes e futuras de seu objetivo. O verdadeiro horóscopo, pois, revela-nos as qualidades de uma pessoa.

Todos os mistérios escondem-se no nome. O conhecimento de tôdas as coisas repousa primeiramente em saber o nome dessas coisas e o conhecimento desprovido de nomes não é completo. O domínio depende do conhecimento. O homem não pode dominar uma coisa que não conhece. Tôdas as bênçãos e benefícios da terra ou do céu são obtidos através do domínio, domínio êsse que depende do conhecimento e êsse conhecimento dependendo do nome. O homem que não tem conhecimento do nome de uma coisa é um ignorante e o ignorante é um impotente, pois o homem não pode conseguir uma coisa sôbre a qual não tem conhecimento.

A grandeza do homem tem como finalidade o conhecimento de que é dotado, todo o mistério consistindo no reconhecimento por parte do homem das diferenças entre as coisas e seres. Isto dá ao homem uma superioridade não só sôbre tôdas as criaturas da terra como até pode superar os anjos, as hostes celestiais. O Alcorão explica isso com as seguintes palavras: «Quando Vosso Senhor disse aos anjos «Vamos colocar um substituto na terra» êles disseram: Senhor, ides colocar lá alguém que fará o mal e derramaria sangue, enquanto que nós celebramos Vossa glória e Vos santificamos?» Deus respondeu: «Em verdade Nós sabemos o que vós não sabeis». Deus ensinou a Adão o nome de tôdas as coisas e então as apresentou aos anjos dizendo: «Declarem os nomes destas coisas se dizeis a verdade». Responderam os anjos: «Louvado sejais, não temos conhecimento senão do que nos ensinastes, pois sois Aquêle que tudo conhece e o Sábio». Deus disse: «Adão, dizei a êles os nomes». E quando Adão chegou disse os nomes.

Todos os nomes revelam ao vidente o passado, presente e futuro daquilo que está encobrindo. O nome não significa sômente a for-

ma, mas também o caráter. O significado do nome representa um papel importante na vida do homem e o som, as vogais do nome, o ritmo, número e natureza das letras que compõem o nome, os números místicos, símbolo e planêta, bem como a raiz da qual é derivado e o efeito que produz, tudo revela ao vidente seu segrêdo.

O significado de um nome tem enorme influência no seu possuidor e também nas outras pessoas. O místico pode saber muito a respeito do caráter e destino de uma pessoa pelo som das letras e da palavra de que se compõe o seu nome. Geralmente uma pessoa inteligente tem idéia, pelo som das letras que compõem um nome, se êste nome é bonito ou feio, suave ou duro, consonante ou dissonante, mas não sabe o motivo. Mas aquêle que compreende sabe qual o motivo.

As letras simples ou agrupadas são pronunciadas com suavidade ou com dificuldade e têm efeitos correlatos sôbre uma pessoa e também sôbre outras. Os nomes suaves e de som doce produzem efeito agradável no orador e no ouvinte, enquanto que os nomes de som duro têm efeito contrário. O homem, como é natural, chama as coisas macias por nomes doces e as coisas duras por nomes que soam com dureza, por exemplo, a flor e a rocha, a lâ e o sílex, etc. A linguagem, e especialmente o nome, mostra a classe das pessoas e o caráter das famílias, comunidades e raças. As vogais representam um grande papel no nome e suas influências. As letras E e I indicam *Jemal*, a qualidade feminina da graça, sabedoria, beleza e receptividade. As letras O e U indicam *Jelal*, a qualidade masculina do poder e expressão. A letra A indica *Kemal*, que significa a perfeição em que *Jemal* e *Jelal* estão centralizados. As vogais acima mencionadas têm, na composição do nome, um efeito de acôrdo com o lugar que ocupam no nome, no comêço, no meio ou no fim.

Em Sânscrito o Destino é chamado de *Karma*, que significa o ritmo das ações passadas. A influência do ritmo sugerido por um nome tem efeito sôbre a entidade que possui tal nome, assim como sôbre todos os que chamam a entidade por êste nome. Uniformidade no ritmo produz equilíbrio, enquanto que desigualdade de ritmo cria desequilíbrio. A beleza do ritmo embeleza o caráter do homem.

Por ritmo compreende-se a maneira uniforme ou não-uniforme de como começa e como acaba o nome, sôbre a acentuação ou antes da acentuação. Quando a acentuação cai no comêço, meio ou fim do nome traz efeitos diferentes no caráter e destino de uma pessoa. O ritmo do nome sugere a principal coisa da vida, equilíbrio ou desequilíbrio. O desequilíbrio é uma deficiência de caráter e cria adver-

sidades na vida. O número de letras representa um papel importante no nome de uma pessoa. Um número par denota beleza e sabedoria e um ímpar amor e poder.

O número representa um grande papel na vida, especialmente no nome. Cada letra de um nome tem seu valor numérico. Na ciência oriental chama-se *Jafar*. Por este sistema, não só os nomes são dados a edifícios, objetos e pessoas expressando períodos correspondentes ao seu princípio e fim, como também a combinação desses números revela seu efeito místico ao vidente.

Os nomes têm efeito psíquico sobre seus possuidores e mesmo sobre os que os rodeiam. Os nomes dos elementares e dos *jinns* (demônios do deserto entre os árabes), os nomes sagrados de Deus e os nomes sagrados dos profetas e santos escritos de acordo com a lei do seu valor numérico, agem com um charme mágico na realização dos diferentes objetivos da vida e obtém-se maravilhas pela combinação de tais nomes escritos ou repetidos em sua forma numérica.

Cada letra simples ou agrupada numa palavra cria uma imagem que conta seu segredo ao Vidente. Por exemplo, o X é uma cruz e o O um zero, tendo ambos um significado. O alfabeto usado nos tempos modernos é uma corrupção dos alfabetos originais, enquanto que as velhas escrituras árabes e persas – encontradas nos arcos, muros, bordados vestuários, nos vasos de cobre e nos tapetes – têm um desenho perfeito e lindo. Grande significado simbólico pode ser visto nas antigas escrituras chinesas, japonesas, sânscritas e demais. Cada linha, ponto e curva tem um significado. Os antigos tinham o hábito de escrever cada nome não com letras diferentes mas com uma pintura, significando o que queriam expressar. A pintura era dividida em partes diferentes e cada parte era usada para representar um certo som. Desta forma eram feitos os alfabetos. Quando isso foi interrompido, a pintura verdadeira se perdeu, mas ainda podemos descobrir certa semelhança destes traços. Hoje em dia, embora tenhamos uma forma de escrever bastante corrompida, assim mesmo, pela aparência de um certo nome, pode-se ler a vida de uma pessoa, seu destino e caráter, em qualquer língua em que fôr escrito. Por exemplo, um nome que começa pela letra I mostra um ego firme e reto, unidade e amor a Deus, procura da verdade. Com E mostra uma natureza tímida e atrasada e interesse em três direções.

Assim como uma letra forma uma pintura, da mesma maneira uma palavra inteira forma uma pintura. A idéia de Alá surgiu do homem e pode-se ler na forma da mão a palavra *Allah*.

O nome cristão de uma pessoa tem influência maior do que seu sobrenome. Muitas vezes um apelido tem efeito ainda maior. O efei-

to do nome está em acordo com seu uso. Quanto mais usado maior o efeito. Nomes abreviados como May ao invés de Mary, Bill ou Willie ao invés de William diminuem o efeito do nome. Os nomes dados pelos Santos têm efeito duplicado, do nome em si e do desejo de quem o deu.

Manlabakhsh, o maior músico da Índia do seu tempo, recebeu o nome de um faquir que ficara encantado ao ouvir sua música. Este nome significa *Bendito de Deus*. Depois de adotar este nome ele teve sempre sucesso onde tocava e foi abençoado com méritos e recompensas, ambos constituindo raros presentes de Deus.

Existem muitos problemas demonstrando que a troca de nome tem trazido modificação total na vida de um homem. Na Bíblia vemos que a bênção de Jacó foi o nome que Israel lhe deu por um anjo.

No Alcorão Maomé é chamado constantemente por um nome, cada nome tendo efeito não só na vida do Profeta como na vida dos discípulos que adotaram e trabalharam místicamente com qualquer desses nomes. Os Sufis durante anos tiveram experiências com o valor místico destes nomes. Entre os Sufis o *Murshid* (o Mestre) dá aos seus discípulos o nome de *Talib* ou *Murreed* que lhe dá com o tempo a identidade do nome.

Capítulo V

Forma

A luz da qual nasce toda vida existe em três aspectos, a saber: o aspecto que se manifesta como inteligência, a luz do abstrato e a luz do sol. A atividade desta luz funciona em três aspectos diferentes. O primeiro é causado por uma atividade vagarosa e solene da consciência eterna que pode ser chamada de consciência ou inteligência. É inteligência quando não há nada para ser conscientizado. Quando há alguma coisa inteligível essa mesma inteligência transforma-se em consciência. Uma atividade normal da luz da inteligência produz a luz do abstrato no momento que o som abstrato se torna luz. Esta luz transforma-se numa tocha para o Vidente que está no caminho para a meta eterna. A mesma luz e sua atividade intensa parecem-se com o sol. Ninguém acredita de imediato que a inteligência, a luz abstrata e o sol são um e a mesma coisa, embora não haja contradição quanto à linguagem e todos os três sejam sempre chamados de luz.

Estes três aspectos de uma mesma luz formam uma idéia que podemos ver por detrás do dogma da Trindade, Trindade essa que existia há milhares de anos antes do Cristianismo entre os hindus e que representava os três aspectos do Uno, o Uno sendo três. A substância desenvolve-se de um raio para um átomo mas anteriormente existia como vibração. O homem aceita o que vê como alguma coisa que existe e o que não pode ver não existe para ele. Tudo que o homem percebe, vê e sente é matéria e a fonte e causa de tudo é espírito.

A filosofia da forma pode ser compreendida pelo estudo do processo pelo qual a vida invisível se manifesta no visível. Assim como as ondas leves das vibrações produzem o som, as ondas pesadas produzem a luz. Esta é a maneira pela qual a vida invisível, incompreensível e imperceptível torna-se conhecida, tornando-se primeiramente audível e depois visível. É a origem e única fonte de todas as formas.

O sol, portanto, é a primeira forma vista pelos olhos e é a origem e fonte de todas as formas do mundo objetivo e como tal foi adorado pelos antigos como Deus. Podemos encontrar a origem de todas as religiões nessa religião-mãe. Encontramos também esta filosofia no livro *Shams-e-Tabriz*: «Quando o sol mostrou sua face apareceram então as faces e formas de todos os mundos. Sua beleza mostrou a beleza deles. Em seu esplendor eles brilharam. Assim, pelos seus raios nós os vimos, conhecemos e lhes demos nomes».

As inúmeras cores do universo nada mais são do que os diferentes graus e matizes da luz, a criadora de todos os elementos que adornam o céu de forma tão linda com o sol, a lua, os planetas e as estrelas, que fez a terra e a água com todas as belezas das esferas inferiores, em certas partes sombrias e em outras brilhantes, que o homem chama de sombra e luz. O sol, a lua, os planetas e estrelas, o brilho da eletricidade, a luz menor do gás, da lâmpada, da vela, do carvão e da madeira, todos eles mostram o sol reaparecendo em diferentes formas. O sol é refletido em todas as coisas, sejam elas seixos brutos ou diamantes faiscantes e seu resplendor depende de sua capacidade de refletir, demonstrando, assim, que a luz é uma só e tem a mesma origem e é a razão de toda criação. Diz o Alcorão: «Deus é a luz do céu e da terra» e no Gênesis lemos: «E Deus disse: faça-se a luz e a luz foi feita».

Todas as formas, em qualquer plano da existência, são moldadas sob a lei da afinidade. Cada átomo atrai para si o átomo de seu próprio elemento. Cada átomo positivo atrai o átomo negativo de seu próprio elemento e, no entanto, cada átomo é diferente e distinto. Esses átomos agrupam-se e tomam uma forma. Os átomos do plano abstrato agrupam-se e tomam as formas da luz e da cor. Estas e todas as formas diversas das forças mais leves de vida são vistas pelo vidente. As formas do plano mental são compostas de átomos deste plano que são vistas pelos olhos da mente e são chamadas imaginação. No plano físico este processo pode ser visto numa forma mais concreta.

O místico vê, no plano abstrato, em determinadas ocasiões, um ou outro elemento predominante como éter, ar, fogo, água ou terra. Cada elemento das forças mais leves de vida torna-se inteligível pela direção de sua atividade e cor e as várias formas da luz mostram seus diferentes graus de atividade. Por exemplo, o senso de humor cria um humor maior e a tristeza um pesar mais profundo. O mesmo acontece com a imaginação: todo pensamento agradável traz prazer e expande-se num pensamento ainda mais agradável e todo pensamento desagradável cresce e se torna mais intenso. No plano físico, igualmente, não vemos apenas homens habitando em grupos, cidades e vilas, mas também animais e pássaros vivendo em rebanhos e bandos. O carvão é encontrado nas minas de carvão e o ouro nas minas de ouro. A floresta tem milhares de árvores e os desertos nenhuma. Tudo isto mostra o poder da afinidade que recolhe e agrupa os átomos semelhantes e deles faz inúmeras formas, criando uma ilusão aos olhos do homem que, devido a isso, se esquece da fonte única da manifestação da variedade.

A direção tomada por cada um dos elementos para criar uma forma depende da natureza de sua atividade. Por exemplo, uma atividade seguindo uma direção horizontal mostra o elemento terra, direção descendente o elemento água, direção ascendente elemento fogo, atividade em ziguezague elemento ar, e a forma tomada pelo éter é indistinta e nevoenta. Portanto, a natureza de tôdas as coisas torna-se simples aos olhos do vidente por suas formas e feitios e pela côr conhece seu elemento: o amarelo é a côr da terra, verde da água, vermelho do fogo, azul do ar e cinza do éter. A mistura dêstes elementos produz côres de inúmeros matizes e tonalidades e a variedade de côr na natureza leva à evidência a vida ilimitada que está atrás das coisas.

Tôda atividade das vibrações cria um certo som, de acôrdo com sua cúpula de ressonância e de conformidade com a capacidade do molde com que a forma foi fabricada, o que vem explicar a idéia da antiga palavra hindu *Nada-Brahma* que significa som, o Deus Criador.

Pela lei da construção e destruição, bem como pela adição e redução, as diferentes formas dêste mundo objetivo agrupam-se e modificam-se. Um estudo acurado do constante agrupamento e dispersão das nuvens revelará, em poucos minutos, muitas formas diferentes e esta é a chave para o mesmo processo que podemos ver em tôda a natureza. A construção e destruição, adição e redução em formas, realizam-se sob a influência do tempo e espaço. Cada forma é talhada e modificada seguindo esta lei, pois a substância difere conforme o comprimento, largura, profundidade, altura e feitio do molde pelo qual a forma foi confeccionada e os aspectos são formados de acôrdo com a estampa nela impressa. Leva tempo a uma fôlha nova e tenra tornar-se verde e também mudar do verde para o vermelho e amarelo. É o espaço que faz com que a água se torne um fosso, poço, tanque, corrente, rio ou oceano.

A dissemelhança nas feições de várias raças em período diferentes é causada pela lei do tempo e espaço, juntamente com motivos climatéricos e raciais. Os Afganistãos parecem-se com os nativos de Panjab e os Singaleses com os de Madras. Os Árabes tem feições iguais aos Persas e os Chineses parecem-se muito com os Japonêses. Os Tibetanos parecem-se com os nativos de Bhutan e os Burmaneses com os Siameses. Tudo isto vem provar que a proximidade dos países que habitam é responsável, em larga escala, pela semelhança de feições. Quanto maior fôr a distância do espaço, maior será a di-

ferença entre os povos. A semelhança da forma dos germes, vermes e insetos é devida à mesma razão. Gêmeos, em geral, parecem-se um com outro muito mais do que outras crianças.

A forma depende, em grande parte, do reflexo. É o reflexo do sol na lua que faz a lua parecer redonda como o sol. Tôda criação inferior desenvolve-se pela mesma lei. Os animais que começam se parecer com o homem são os que estão ao seu redor e o vêem diariamente. Um homem que toma conta dos animais começa a se parecer com êles e verificamos que o mordomo de um coronel tem o porte de um soldado e uma empregada que trabalha num convento com o tempo torna-se igual a uma freira.

Como tôdas as coisas estão sujeitas a modificações, nenhuma é a mesma que era um momento antes, embora a mudança não seja notada, pois só uma mudança definitiva é perceptível. Numa flor há a mudança do botão para a flor e num fruto do verde para o maduro.

Até as pedras mudam e algumas, e isto é bem conhecido, alteram-se perceptivelmente no decurso de 24 horas.

O tempo tem grande influência sôbre as coisas e sêres como podemos ver na mudança da infância para a mocidade e da meia-idade para a velhice. Assim, o tempo em Sânscrito chama-se *Kala*, que significa destruição, pois nenhuma mudança é possível sem a destruição. Em outras palavras, a destruição pode ser descrita como mudança. Tudo que é natural e artificial existente hoje em dia é diferente imensamente, em forma, do que era há muitos milhares de anos e não só podemos notar isso em coisas como frutas, flôres, pássaros e animais, mas também na raça humana. De tempos em tempos a estrutura do homem sofreu várias mudanças.

A forma do homem é dividida em duas partes, cada parte tendo atributos especiais. A cabeça é o corpo espiritual e a parte inferior o corpo material. Assim sendo, em comparação com o corpo, a cabeça tem uma importância muito maior: por êsse meio um indivíduo é capaz de reconhecer outro, pois a cabeça é a única parte distinta do homem. A face expressa a natureza do homem e condição de vida, assim como também seu passado, presente e futuro.

Quando perguntado se a face poderia ser queimada no fogo do inferno, o Profeta respondeu: «Não, a face não se queimará, pois Alá disse que Nós modelamos o homem pela Nossa própria imagem».

A semelhança entre coisas e sêres e entre bestas e pássaros, animais e homem pode contar-nos muita coisa: sôbre o segrêdo de suas naturezas. As ciências da frenologia e fisiologia foram descobertas não só pelo exame da vida dos homens de várias fisionomias

mas principalmente estudando a semelhança existente entre êles e os animais. Por exemplo, um homem com a fisionomia de um tigre terá natureza dominante, aliada à coragem, cólera e crueldade. Um homem com cara semelhante ao cavalo é subserviente por natureza, com cara de cão terá tendência a rixas, enquanto que um com cara de gato é tímido.

Há quatro fontes de onde se originam a face e forma humanas e que são responsáveis pelas mudanças que nelas ocorrem, a saber: os atributos inerentes à sua alma, a influência de sua herança, as impressões que cercam o homem e, finalmente, a impressão dêle e de seus pensamentos e obras, as roupas que usa, a comida de que se alimenta, o ar que respira e seu modo de vida.

Na primeira dessas fontes o homem é impotente porque não tem escolha. Não é desejo do tigre ser tigre, nem o macaco escolheu ser macaco e não foi escolha da criança ter nascido menino ou menina. Isto prova que a primeira fonte da forma humana depende de atributos inerentes trazidos por sua alma. As palavras jamais podem exprimir adequadamente a sabedoria do Criador que não só fêz e formou o mundo mas deu a cada ser uma forma apropriada às suas necessidades. Os animais das zonas frias são providos de pêlo grosso para proteção contra o frio. Os animais dos trópicos possuem um tipo de pêlo mais adequado. Os pássaros do mar têm asas apropriadas para o mar e os da terra possuem asas adequadas para a terra. Pássaros e animais possuem formas de acôrdo com seus hábitos de vida. A forma do homem demonstra seu grau de evolução, sua natureza, seu passado e presente, assim como raça, nação e o que o rodeia, caráter e destino.

No segundo caso o homem herda a beleza: o oposto de seus ancestrais, mas no terceiro sua forma depende de como êle a constrói. A construção de sua forma depende do equilíbrio e da regularidade de sua vida e das impressões que recebe do mundo, pois de conformidade com a atitude que adota na vida cada pensamento ou ato seu adiciona ou subtrai, ou remove para outro lugar os átomos de seu corpo, formando, assim, as linhas e músculos da forma e fisionomia. Por exemplo, a face de um homem fala de sua alegria, tristeza, prazer, desprazer, sinceridade, insinceridade e tudo que está nêle desenvolvido. Os músculos da cabeça dizem ao frenologista suas condições de vida. Há uma forma de pensamento e sentimento que produz um bonito ou feio efeito. A natureza da evolução para todos os sêres, do mais baixo ao mais alto estágio da manifestação, é desenvolver-se pela conexão com uma forma mais perfeita. Os animais aproximando-se do homem em sua evolução parecem o homem

primitivo e os animais em contato com o homem adquirirem em suas formas traços de semelhança com o homem. Isto pode ser compreendido por um estudo acurado das fisionomias humanas do passado e do melhoramento por que vêm passando.

A natureza da criação é estar sempre progredindo para a beleza. «Deus é belo e Seu amor é beleza» diz o Alcorão. A natureza do corpo é embelezar-se. A natureza da mente é ter belos pensamentos. O desejo do coração é ter sentimentos belos, portanto uma criança cresce dia a dia mais bela e a ignorância procura transformar-se em inteligência. Quando o progresso está numa direção contrária mostra que o indivíduo perdeu o rastro do progresso natural. Há duas formas, a natural e a artificial, a artificial sendo cópia da natural.

Capítulo VI

Ritmo

Movimento é o significado de vida e a lei do movimento é ritmo. Ritmo é vida disfarçada em movimento e em cada forma tende atrair a atenção do homem, desde a criança que fica contente com o movimento de um chocalho e se acalma quando balançamos seu berço, até um adulto cujos jogos, esportes e prazeres têm ritmo disfarçado de uma maneira ou outra, seja no tênis, no criquete, golfe, boxe ou luta. Da mesma forma nas recreações intelectuais do homem, tanto na poesia como na música, vocal ou instrumental, existe ritmo com seu próprio espírito e vida. Há um ditado em Sânscrito: o tom é a mãe da natureza, mas o ritmo é o pai. Se criarmos num bebê o hábito de se alimentar a intervalos regulares, ele o pede naquelas horas certas embora não tenha ainda idéia de tempo. Isto acontece porque a própria natureza é ritmo. O bebê começa a vida terrena movendo braços e pernas, mostrando, assim, o ritmo de sua natureza, confirmando a filosofia que ensina que ritmo é sinal de vida. A inclinação para a dança mostrada por todos os homens também ilustra a natureza inata da beleza que escolhe o ritmo para sua expressão.

O ritmo produz um êxtase que é inexplicável e não pode ser comparado com qualquer outra fonte de intoxicação. Este é o motivo por que a dança tem sido o mais fascinante passatempo de todos os povos civilizados e selvagens e ter deliciado santos e pecadores. As raças que mostram tendência para o ritmo de maneira muito acentuada são por natureza de grande vigor. O Jazz surgiu dos negros e o sincopado é o segredo de seu encanto, constituindo a expressão natural do ritmo racial dos negros. Seu ritmo desperta um gênero de vida entre os executantes e também na audiência e é o amor dessa vida que trouxe tão grande popularidade ao jazz. As danças de muitas tribos selvagens em diferentes partes do mundo mostram um ritmo muito mais pronunciado, o que prova que o ritmo não é uma cultura e sim natural. Entre Europeus, os Espanhóis, Poloneses, Húngaros e Russos são os que mostram a mais alta tendência para o ritmo.

O Segredo do sucesso do Balé Russo e da dança Espanhola reside no seu ritmo esquisito. Entre as raças asiáticas a música dos Mongóis baseia-se principalmente no ritmo, sendo mais pronunciado do que a melodia em sua música. Na Turquia e na Pérsia o ritmo da música é também pronunciado e entre os Árabes a variedade de ritmos é muito grande. Na Índia entretanto, o cultivo do ritmo al-

cançou a perfeição. Um perito musical na Índia improvisa uma melodia, mantendo o mesmo ritmo no decorrer de toda a improvisação. A fim de tornar-se um mestre musical uma pessoa na Índia tem que dominar perfeitamente não só a *raga* (a escala) como também a *tala* (o ritmo). Os indianos como uma raça são, por natureza, inclinados ao ritmo. Sua dança chamada «*Tanadeva Nrutya*, dança do Sul, é uma expressão do ritmo através do movimento.

Na ciência da música Hindu existem 5 ritmos diferentes que, em geral, são derivados do estudo da natureza, a saber:

- 1 - *Chatura*, o ritmo de 4 compassos inventado pelos *Devas* ou homens divinos.
- 2 - *Tisra*, o ritmo de 3 compassos inventado pelos *Rishis* ou santos.
- 3 - *Khanda*, o ritmo de 5 compassos inventado pelos *Rakshasas*.
- 4 - *Misra*, o ritmo de 7 compassos inventado pelo povo.
- 5 - *Sankrian*, o ritmo de 9 compassos inventado pela classe comercial.

O grande Senhor dos Iogas *Mahadeva* foi um dançarino da *Tanadeva Nrutya* e sua esposa *Parvati* dançava a *Lassia Nrutya*.

A tradição Hindu registra como um acontecimento muito sagrado a legenda mística de Shri Krishna dançando com os *Gopis*. A história conta como Krishna, o encantador e jovem Senhor dos Hindus, estava andando nos domínios dos vaqueiros e todas as moças atraídas por sua beleza e encanto pediram para com ele dançar. Krishna prometeu a cada moça que lhe pedira que dançaria com ela na noite de lua cheia. Na noite de lua cheia estavam reunidos 1.600 *Gopis* e Krishna realizou o milagre quando apareceu como um Krishna isolado a cada *Gopi* e todas dançaram com o seu amado Senhor ao mesmo tempo.

No Islam há uma tradição de que a música, a dança e qualquer outro divertimento ou ocupação leve são estritamente proibidos. Em certa ocasião, sendo um dia santificado, o Profeta Maomé chamou sua mulher Ayesha para apreciar a dança e ouvir a música de alguns artistas ambulantes. Seu grande Califa passou nesse momento e ficou chocado vendo o Profeta, que havia proibido tais coisas, permitir música em frente à sua casa. Quando o Califa ordenou que os artistas ambulantes parassem a música, dizendo-lhes que aquela casa pertencia ao Profeta, Maomé pediu-lhes que continuassem a tocar, falando que se tratava de um dia santo e que nenhum coração deixaria de ficar comovido com o movimento do ritmo.

Na tradição Sufi *Rakhs*, a dança sagrada do êxtase espiritual que mesmo agora prevalece entre os Sufis do Oriente, tem sua origem no tempo em que a contemplação do Criador imprimia a maravilhosa realidade de sua visão tão profundamente no coração de Jelal-ud-Din Rumi, que êle se tornou inteiramente absorvido na total e individual imanência da natureza que deu uma pirueta mística, fazendo com que a saia de sua túnica formasse um círculo e o movimento de suas mãos e pescoço descrevesse também um círculo. Em memória dêste momento de visão é que os Dervishes celebram sua dança. Mesmo na criação inferior, entre animais e pássaros, sua alegria sempre é expressada pela dança. Um pássaro como o pavão, quando consciente de sua beleza e da beleza da floresta ao seu redor, expressa sua alegria na dança. A dança desperta paixão e emoção em tôdas as criaturas.

No Oriente, especialmente na Índia, onde a vida do povo durante séculos tem sido baseada nos princípios psicológicos, nas procissões reais ou nos Durbars, uma impressão de grandeza real é produzida na mente do povo pelo bater dos tambores e êsse mesmo bater dos tambores tem lugar nas cerimônias de casamento e nos rituais dos templos.

O Sufi, para acordar no homem esta parte de sua natureza emocional, que geralmente está adormecida, tem uma prática rítmica que coloca todo o mecanismo do corpo e da mente em ritmo. Existe em tôdas as pessoas, consciente ou inconscientemente, uma tendência para o ritmo. Entre as nações européias a expressão de prazer é demonstrada batendo as mãos, o gesto de adeus, é feito agitando as mãos, o que cria um ritmo.

Todo o trabalho e fadiga, embora duro e difícil, torna-se fácil pela força do ritmo de uma forma ou de outra. Esta idéia abre no pensador um caminho para um estudo ainda mais profundo da vida.

O ritmo em qualquer de suas formas, chamando-o de jôgo, recreação, divertimento, poesia, música ou dança, é a verdadeira natureza de tôda a constituição humana. Quando todo o mecanismo do corpo humano está trabalhando em ritmo, as pulsações do pulso, do coração, da cabeça, a circulação do sangue, a fome e a sede, tudo mostra ritmo e é a quebra dêsse ritmo que chamamos de doença. Quando a criança está chorando e a mãe não sabe o que lhe está fazendo sofrer, coloca-a em seus braços e bate-lhe nas costas. Isso põe em ritmo a circulação do sangue. Em outras palavras, põe o corpo em ordem e alivia a criança. O brinquedo que se usa nas creches «Escravos de Jó, jogavam caxangá, etc.», que é conhecido em todo mun-

do de uma forma ou de outra (na Inglaterra chamam de *Pat-a-acke*) tira da criança tôda a irritação, colocando seu pequenino ser em ritmo.

Assim, pois, os médicos dependem mais do exame do pulso do que de qualquer outra coisa para descobrir a verdadeira natureza de uma doença, examinando também as batidas do coração e o movimento dos pulmões no peito e nas costas.

O ritmo representa um papel muito importante não só no corpo como na mente. A mudança da alegria em tristeza, os altos e baixos do pensamento e todo o trabalho da mente mostram ritmo e as confusões e desesperos têm como causa a falta de ritmo da mente.

Nos tempos antigos os curadores do Oriente, especialmente os da Índia, quando estavam curando um doente que se queixava de um mal de caráter psicológico conhecido como obsessão ou efeito da magia, excitavam a natureza emocional do paciente pelo ritmo enfático de seus tambores e canto, ao mesmo tempo fazendo o paciente balançar a cabeça para cima e para baixo em compasso de música. Despertavam, assim, as emoções do paciente e imediatamente êste contava o segredo de sua mágoa que até aquêle momento estava escondido sob a capa do medo, das convenções e formalidades sociais. O paciente confessava tudo ao curador enquanto estava no estado do encantamento produzido pelo ritmo e êle ficava apto a descobrir a origem de seu mal.

As palavras *refletido* e *irrefletido* significam um estado mental com ritmo ou sem ritmo e o equilíbrio, que é a única força na vida que eleva, é mantido pelo ritmo. A respiração que traz a mente e o corpo ligados e que une a mente e a alma, consiste em manter o ritmo todo o tempo, acordado ou dormindo. Inspiração e expiração podem ser comparados ao movimento e oscilação do pêndulo de um relógio. Como tôda força e energia são mantidas pela respiração e como a respiração é um sinal de vida e sua natureza é fluir alternadamente da direita e da esquerda, tudo isso vem provar que o ritmo é o fator da mais alta significação na vida.

O ritmo é inato no homem e mantém sua saúde. Do ritmo, pois, dependem todos os negócios do homem na vida. Seu sucesso, fracasso, suas boas e más ações, são causados de uma forma ou de outra pela mudança de ritmo. O instinto de voar dos pássaros é um movimento rítmico das asas e esta mesma tendência de contração rítmica é que faz com que o peixe nade e a cobra rasteje.

Uma observação acurada mostrará que todo o universo é um simples mecanismo que trabalha sob a lei do ritmo. O levantar e abaixar das ondas, a vasante e o fluxo das marés, o crescente e decres-

cente da lua, o nascer e o pôr-do-sol, as mudanças das estações do ano, o movimento da terra e dos planetas, todo o sistema cósmico, e toda a constituição do universo, trabalham sob a lei do ritmo. Ciclos de ritmo, com maior e menor ciclos interpenetrantes, sustentam toda a criação em sua oscilação, o que demonstra a origem da manifestação: o movimento nasceu da vida imóvel e cada emoção deve necessariamente resultar num aspecto de dualidade. Logo que movemos uma bengala o simples movimento cria dois pontos: o ponto de onde começou e o ponto onde acabou, um forte e o outro fraco. Para eles o Maestro contará *um, dois, um dois*, um acento forte e um fraco: um movimento com dois aspectos, cada um distinto e diferente do outro. Este é o mistério escondido no aspecto da dualidade de todas as fases e formas de vida e a razão, causa e significação de toda vida fundam-se no ritmo.

Há uma concepção psicológica dos ritmos usados na poesia ou música que pode ser explicada da seguinte forma: todo ritmo tem um certo efeito não só sobre os corpos físico e mental do poeta, nos daqueles para quem a poesia é feita, no músico ou naquela para quem a música é cantada, como também sobre seus negócios. A crença é que isso pode trazer boa ou má sorte ao poeta ou ao músico ou a quem ouve. A idéia é que o ritmo está oculto na raiz de toda atividade construtiva ou destrutiva e, assim sendo, do ritmo de toda a atividade depende a sorte do negócio. As expressões usadas no linguajar comum, tais como «*êle agiu tardiamente*», «*foi feito muito cedo*», ou «*foi feito em tempo*», mostram a influência do ritmo sobre os negócios. Acontecimentos como o afundamento do navio Titanic e as mudanças espantosas que ocorreram durante a última guerra, se forem estudados cuidadosamente mostrarão o ritmo trabalhando quer na esfera mental como na esfera física.

Há uma superstição entre os indianos de que quando alguém boceja outra pessoa presente deve estalar os dedos ou bater as mãos. O significado oculto é que um bocejo significa uma diminuição do ritmo e estalando os dedos e batendo as mãos supõe-se que estamos trazendo o ritmo de volta ao seu estado original. Uma criança Muslim quando lê o Alcorão move a cabeça para trás e para a frente: o vulgo supõe que se trata de uma saudação respeitosa às palavras sagradas que está lendo, mas psicologicamente falando isto a ajuda a decorar o Alcorão pela regularidade da circulação, fazendo do cérebro um veículo receptivo como quando, ao enchermos uma garrafa, algumas vezes a sacudimos para fazer mais espaço. Isto pode também ser visto quando alguém inclina a cabeça ao aceitar uma

idéia ou abana a cabeça quando não a pode aceitar.

O mecanismo de toda e qualquer espécie de máquina que trabalha automaticamente é fabricado e executa sua tarefa pela lei do ritmo. É outra prova do fato de que todo o mecanismo do universo se baseia na lei do ritmo.

Capítulo VII

Música

Quando prestamos atenção à natureza da música verificamos que tudo na vida contribui para sua harmonia. As árvores balançam alegremente seus galhos em ritmo com o vento, o som do mar, o murmúrio da brisa, o sibilar do vento através das rochas, dos montes e das montanhas, o brilho do relâmpago e o estrondo do trovão, a harmonia do sol e da lua, os movimentos das estrêlas e planêtas, o desabrochar das flôres, o envelhecimento das fôlhas, tudo revela ao vidente a música da natureza.

Os insetos têm seus concertos e bailados e o côro dos pássaros é um canto em unísono de seus hinos de louvor. Os cães e gatos têm suas orgias, as rapôsas e os lônos têm reuniões musicais na floresta, enquanto que os tigres e leões realizam óperas no deserto. A música é a única forma de entendimento entre pássaros e animais e podemos verificar isto pelo grau de diapasão e volume do tom, a forma da harmonia, o número de repetições e a duração dos vários sons, que levam animais da mesma espécie com o tempo a se juntarem ao rebanho, o aviso do perigo que está por acontecer, a declaração de guerra, o sentimento de amor e o sentimento de simpatia, desprazer, paixão, cólera, mêdo e ciúme, formando uma língua própria.

A respiração no homem é um tom constante e as batidas do coração, pulso e cabeça mantêm o ritmo contínuo. Uma criança é sensível à música muito antes de aprender a falar. Move as mãos e os pés com o passar do tempo e exprime prazer e dor em tons diferentes.

No início da criação humana não havia nenhuma língua como existem agora, apenas música. O homem a princípio exprimia seus pensamentos e sentimentos por sons baixos e altos, curtos ou longos. A profundidade do tom mostrava sua força e poder e o diapasão expressava amor e sabedoria. O homem demonstrava sua sinceridade, insinceridade, inclinação, desinclinação, prazer ou desprazer pela variedade de suas expressões musicais.

A língua tocando em vários pontos da bôca e o abrir e fechar dos lábios de diferentes maneiras produziam a variedade de sons. O agrupamento dos sons fazia as palavras exprimir significados diferentes em suas várias modalidades de expressão. Isto transformou gradualmente a música em linguagem, mas a linguagem jamais conseguiu livrar-se da música.

Uma palavra dita num tom diferente exprime comando, outra palavra proferida num certo diapasão demonstra bondade e a mesma palavra dita num diapasão diferente expressa frieza. As palavras ditas num certo ritmo mostram boa vontade e a mesma palavra exprime má vontade quando proferida num grau de rapidez diferente. Até a presente data as línguas antigas como o Sânscrito, o Árabe e o Hebraico não podem ser aprendidas pelo simples aprendizado das palavras, da pronúncia e da gramática, porque é necessário um ritmo particular e expressão de tom. A palavra em si, em geral, não é suficiente para exprimir uma coisa claramente. O estudante de línguas pode descobrir isto fazendo um estudo acurado. Mesmo as línguas modernas nada mais são do que uma simplificação da música. Nenhuma palavra ou língua pode ser falada de uma e mesma maneira sem a distinção do tom, diapasão, ritmo, acentuação, pausa e descanso. Uma língua, embora simples, não pode existir sem ter música. A música dá-lhe uma expressão concreta. Por êste motivo uma língua estrangeira é raramente falada com perfeição. Aprende-se as palavras mas a música não é aprendida.

A língua pode ser chamada de simplificação da música. A música está escondida dentro da língua como a alma está escondida no corpo. A cada passo em prol da simplificação a língua perdeu alguma parte de sua música. Um estudo das tradições antigas revela que as primeiras mensagens divinas foram transmitidas pelo canto, como os Salmos de David, a Canção de Salomão, os Gathas de Zaratustra e o Gita de Krishna.

Quando a língua tornou-se mais complexa, fechou o sentido do tom como se tivesse uma asa. Mantendo a outra asa o sentido de ritmo transbordou. Isto fêz da poesia um assunto distinto e separado da música. Antigamente as religiões, filosofias, ciências e artes eram expressas em poesia. Partes dos Vedas, Puranas, Ramayana, Mahabharata, Zendavesta, Kabala e Bíblia podem ser encontradas em versos, assim como diferentes artes e ciências nas línguas antigas. Entre as escrituras o único trabalho em prosa é o Alcorão e até êste livro não está isento de poesia. No Oriente, mesmo em eras recentes, não só foram escritos em poesia manuscritos de ciência, arte e literatura, como também coisas eruditas foram tratadas em versos. No estágio seguinte o homem libertou a língua da obrigação da rima e criou a prosa da poesia. Embora o homem tenha tentado livrar a língua das malhas do tom e do ritmo, mesmo assim e a despeito disto, o espírito da música ainda existe. O homem prefere ouvir poesia recitada e a prosa bem lida, que é em si a prova da alma à procura da música até na palavra falada.

O canto em surdina da mãe acalma a criança e a faz dormir e a música vivaz dispõe à dança. É a música que duplica a coragem e fortalece o soldado quando marcha no campo de batalha. No Oriente, quando as caravanas estão viajando de lugar em lugar, em romaria, cantam enquanto andam. Na Índia os *coolies* cantam quando trabalham e o ritmo da música faz com que o trabalho mais árduo se transforme em coisa fácil.

Uma lenda antiga fala como os anjos cantavam sob o comando de Deus para induzir a alma pouco disposta a entrar no corpo de Adão. A alma intoxicada pelo canto dos anjos entrou no corpo, que é considerado uma prisão.

Todos os espiritualistas que realmente têm sondado as profundezas do espiritualismo verificaram que não existe melhor meio de atrair os espíritos de seu plano de liberdade para o plano exterior do que pela música. Usam diferentes instrumentos que fazem um apêlo a certos espíritos e cantam músicas que produzem um efeito especial sobre aquêle espírito particular com o qual desejam se comunicar. Não existe mágica melhor do que a música para produzir efeito na alma humana.

O gosto pela música é inato no homem e primeiramente se manifesta na criança. A criança conhece a música desde o berço, mas à proporção que vai crescendo neste mundo de ilusões sua mente fica absorvida por tantos e diversos assuntos que perde a aptidão para a música que sua alma possuía. Quando adulto o homem gosta e aprecia a música, de acôrdo com seu grau de evolução e ambiente em que nasceu e cresceu. O homem da selva canta suas cantigas selvagens e o homem da cidade suas cantigas populares. Quanto mais refinado fôr o homem mais gosta da música fina. O caráter de cada homem cria uma tendência para a música que se parece com êle. Em outras palavras, o homem alegre gosta de música leve enquanto que a pessoa de mentalidade séria prefere a música clássica. O intelectual delicia-se com a técnica enquanto que o simplório se satisfaz com o tambor.

Existem 5 aspectos diferentes da arte da música: a música popular que induz ao movimento o corpo, a música técnica que satisfaz o intelecto, a música artística que possui beleza e graça, a música comovente que toca o coração, a música que eleva, pela qual a alma ouve a música das esferas.

O efeito da música depende não só do talento como também da evolução de quem a executa. Seu efeito sobre o auditório é de acôrdo com seu conhecimento e evolução. Por êste motivo, o valor da música é diferente de indivíduo para indivíduo. Para uma pessoa satisfeita

consigo mesmo não há probabilidade de progresso, porque aferra-se com contentamento ao seu gosto conforme seu estado de evolução, recusando avançar um passo além de seu nível atual. Aquêle que gradualmente progride no caminho da música no final atinge a mais alta perfeição. Nenhuma outra arte pode inspirar e suavizar a personalidade como a música. O que ama a música mais cedo ou mais tarde atinge o mais sublime campo do pensamento.

A Índia tem preservado o misticismo do tom e diapasão descoberto pelos antigos e sua própria música dá conhecimento disso.

A música indiana é baseada no princípio de *raga* – a escala – que mostra ser parecido com a natureza. Tem evitado as limitações da técnica, adotando um método puramente de inspiração.

As *ragas* são derivadas de 5 fontes diferentes: a lei matemática da variedade, a inspiração dos místicos, a imaginação dos músicos, as cantigas naturais peculiares ao povo que habita em diferentes partes da terra e a idealização dos poetas. Todos constituem o mundo das *ragas*; há a *raga* masculina, a *ragini* feminina, outras são *putras*, os filhos e *bharja*, as noras.

A *raga* é chamada de tema masculino devido à sua natureza criativa e positiva. *Ragini* é chamada de tema feminino por causa de sua qualidade responsiva e fina. *Putras* são os temas derivados da mistura de *ragas* e *raginis*. Nêles pode ser encontrada semelhança da *Raga* e da *Ragini* dos quais são derivados. *Bharja* é o tema que corresponde ao *Putra*. Existem 6 *ragas* e 36 *raginis*, 6 pertencentes a cada *raga* e 48 *putras* e 48 *bharjas* que constituem esta família.

Cada *raga* tem uma administração própria, incluindo um chefe, MUKHYA, a nota chave; um rei, WADI, a nota principal; SAMWADI, um ministro, a nota subordinada; ANUWADI, um servo, uma nota consonante; VIVADI, um inimigo, uma nota dissonante. Isto dá ao estudante da *raga* uma concepção clara de seu uso. Cada *raga* tem imagem distinta uma das outras, mostrando, assim, o mais alto grau que a imaginação pode alcançar.

Os poetas imaginam as *ragas* como figuras, da mesma forma que cada aspecto da vida é claro na imaginação da pessoa inteligente. Os deuses e deusas antigos eram simplesmente imagens dos diferentes aspectos da vida e para ensinar o culto da imanência de Deus na natureza, essas várias imagens eram colocadas nos templos a fim de que Deus, em cada um de Seus aspectos de manifestação, pudesse ser adorado. A mesma idéia foi usada nas imagens das *ragas* as quais criam, com delicada imaginação, o tipo, a forma, a figura, a ação, a expressão e o efeito da idéia.

Cada hora do dia e da noite, cada dia da semana, mês e estações têm influência sobre as condições físicas e mentais do homem. Da mesma forma cada *raga* tem uma força sobre a atmosfera e também sobre a saúde e mente do homem. É o mesmo efeito mostrado nas diferentes épocas da vida sujeitas à lei cósmica. Pelo conhecimento do compasso e da *raga* (escala), o sábio uniu-os e adaptou um ao outro.

Pelas antigas tradições vemos que pássaros e animais ficavam enfeitiçados pela flauta de Krishna, as rochas se desmoronavam com o canto de Orfeu e o *Dipak-Raga* cantado por Tansen acendia todas as tochas, enquanto ele próprio foi queimado pelo fogo interno produzido por seu canto. Ainda agora as cobras são enfeitiçadas pelo *Pungi* (uma espécie de flauta) dos encantadores de serpentes na Índia. É uma demonstração de como os antigos penetraram no grande mistério do oceano musical.

O segredo da composição reside em sustentar, tanto quanto possível, o tom sólida e prolongadamente através de todos os seus graus diferentes. Uma parada destrói a vida, a graça, a força e o magnetismo da composição tal como a respiração que conserva a vida e possui graça, poder e magnetismo. Algumas notas precisam de uma duração mais longa que outras de acordo com o seu caráter e objetivo.

Numa verdadeira composição vê-se uma miniatura da música da natureza. Os efeitos do trovão, da chuva e da tempestade e as imagens das montanhas e rios fazem da música uma arte verdadeira. Embora a arte seja uma improvisação da natureza, só é genuína quando se aproxima da natureza. A música que expressa a natureza e o caráter do indivíduo, das nações ou das raças, é ainda a expressão mais alta. A mais elevada e ideal forma de composição é a que expressa a vida, o caráter, as emoções e os sentimentos, pois expressa o mundo interior que somente é visto pelos olhos da mente. Um gênio usa a música como uma língua para expressar tudo, que deseja seja conhecido, sem a ajuda das palavras, pois a música, sendo uma língua perfeita e universal, pode expressar o sentimento de maneira mais compreensiva do que qualquer outra língua. A música perde a sua liberdade se ficar sujeita às leis da técnica, mas os místicos, com sua música sagrada, libertam suas composições e improvisações das limitações da técnica, sem se importar com a opinião do mundo.

A arte da música no Oriente chama-se *Kala* e tem 3 aspectos: vocal, instrumental e o que expressa movimento.

A música vocal é considerada a mais elevada porque é natural. O efeito produzido por um instrumento que é meramente uma máquina não pode ser comparado com o instrumento da voz humana. Por mais perfeitas que sejam as cordas não podem causar a mesma impressão no ouvinte que a voz, que vem diretamente da alma como a respiração, que foi trazida para a superfície através da mente e dos órgãos vocais do corpo. Quando a alma deseja expressar-se pela voz cria, em primeiro lugar, uma atividade na mente e a mente, através do pensamento, projeta vibrações mais finas no plano mental. Em devido tempo essa atividade se desenvolve e flui, como a respiração, através das regiões do abdômen, pulmões, boca, garganta e órgãos nasais, fazendo o ar vibrar através de todas essas regiões até que vem se manifestar na superfície como voz. A voz, pois, expressa naturalmente a atitude da mente, seja verdadeira ou falsa, sincera ou não.

A voz possui todo o magnetismo que falta a um instrumento, pois a voz é o instrumento ideal no qual todos os demais instrumentos do mundo se basearam ao serem fabricados.

O efeito produzido pelo canto depende da profundidade do sentimento do cantor. A voz de um cantor compassivo é muito diferente da voz de um cantor sem coração. Por mais cultivada artificialmente que seja uma voz jamais produzirá sentimento, graça e beleza a menos que o coração seja também cultivado. Cantar tem dupla fonte de interesses: a graça da música e a beleza da poesia. O efeito sobre a audiência está na proporção que o cantor sente as palavras que canta. Seu coração, por assim dizer, acompanha a canção.

Embora o som produzido por um instrumento não possa ser reproduzido pela voz, mesmo assim o instrumento depende inteiramente do homem. Isto explica claramente como a alma faz uso da mente e como a mente governa o corpo, dando a impressão de que o corpo é que trabalha e não a mente e que a alma é deixada de fora. Quando o homem ouve o som do instrumento e vê a mão do executante trabalhando, não percebe a mente funcionando através da mão e nem o fenômeno da alma.

A cada passo que o ser interior dá em direção à superfície há um progresso aparente que parece ser mais positivo. No entanto, cada passo para a superfície representa limitação e dependência.

Não existe nada que não possa servir de veículo para o som, embora o tom se manifeste mais claramente através de um corpo sonoro do que através de um corpo sólido. O corpo sonoro está aberto às vibrações ao passo que o corpo sólido está fechado às mesmas. Todas as coisas que soam claro mostram vida, enquanto que os cor-

pos sólidos se chocam contra a substância que parece morta. A ressonância é a preservação do tom. Em outras palavras, é a repercussão do tom que produz um eco. Partindo destes princípios foram feitos todos os instrumentos, sendo que a diferença está na qualidade e quantidade do tom, que depende da construção do instrumento. Os instrumentos de percussão como a *Tabla* ou o tambor, são apropriados para a música prática e os instrumentos de corda como o *Sitar*, o violino ou a harpa são adequados à música artística. O *Vina* é fabricado especialmente para concentrar as vibrações. Produz um som fraco, audível apenas para a pessoa que o toca e, assim, é usado na meditação.

O efeito da música instrumental depende também da evolução do homem, o qual expressa com as pontas dos dedos no instrumento seu grau de evolução. Em outras palavras, a alma do homem fala através do instrumento. O estado da mente humana pode ser conhecido pelo toque que dá em qualquer instrumento, pois, por maior que seja um especialista não consegue produzir, pelo mero talento sem que possua um sentimento desenvolvido interiormente, a graça e a beleza que comove os corações.

Os instrumentos de sopro como a flauta e a *algosa*, expressam especialmente a qualidade do coração, pois são tocados com a respiração, que é a verdadeira vida. Acendem, portanto, o fogo nos corações.

Os instrumentos de corda feitos com tripas têm efeito vivificante, pois são feitos com material de uma criatura que viveu e possuía um coração. Os de corda, feitos com fio de arame, têm efeito comovente e os instrumentos de percussão como o tambor têm efeito estimulante e animado sobre o homem.

Depois da música vocal e instrumental vem a música movimentada para dançar. O movimento é a natureza da vibração. Todo movimento possui em si um pensamento e sentimento. Esta arte é inata no homem. O primeiro prazer da criança na vida é divertir-se com o movimento das mãos e dos pés. Uma criança ao ouvir música começa a mover-se. Mesmo os animais e os pássaros expressam sua alegria com movimentos. O pavão vaidoso com a visão de sua beleza demonstra sua vaidade dançando. Da mesma forma a cobra desata o toucado de sua cabeça e balança o corpo ao ouvir a música do *pungui*. Tudo isto prova que o movimento é sinal de vida e quando acompanhado de música põe em movimento tanto o executante como os ouvintes.

Os místicos sempre consideraram este assunto arte sagrada. Nas escrituras Hebraicas vemos David dançando ante o Senhor e

os deuses e deusas dos Gregos, Egípcios, Budistas e Bramines são representados em poses diferentes, todas elas tendo um certo significado e filosofia, relacionando-se com a grande dança cósmica que é a evolução.

Ainda nos tempos atuais, entre os Sufis do Oriente, a dança chamada *Suma* é realizada nas reuniões sagradas, pois a dança é o transbordamento da alegria. Os dervishes de *Suma* dão expansão ao seu êxtase no *Rakhs*, que é assistido com grande respeito e reverência pelas pessoas presentes e constitui uma cerimônia sagrada.

A arte da dança tem se degenerado muitíssimo devido ao mau uso. A maioria dos povos dança por divertimento ou para fazer exercício e muitas vezes abusam da arte em sua frivolidade.

O tom e o ritmo têm a tendência de criar uma inclinação para a dança. Resumindo, a dança, podemos dizer, é uma expressão graciosa do pensamento e do sentimento sem ser necessário proferir uma palavra. Podemos usar a dança também para gravar a alma pelo movimento, produzindo uma imagem ideal diante dela. Quando a beleza do movimento é considerada como a apresentação do ideal divino, a dança então torna-se sagrada.

A música da vida mostra sua melodia e harmonia em nossas experiências quotidianas. Toda palavra proferida é uma nota verdadeira ou falsa, de acordo com a escala de nosso ideal. O tom da personalidade de uma pessoa é duro como um chifre e o tom de uma outra é macio como as notas altas de uma flauta.

O progresso gradativo de toda criação, da evolução inferior para a superior, a modificação de um aspecto para outro, é mostrado como na música, onde uma melodia é transportada de uma clave para outra. A amizade e inimizade entre os homens e suas predileções e aversões são como afinação e desafinação. A harmonia da natureza humana de atração e repulsa é igual ao efeito dos intervalos sonantes e dissonantes na música.

Na ternura do coração o tom transforma-se em meio-tom e quando o coração está ferido o tom quebra-se em microtons. Quanto mais terno for o coração mais cheio se torna o tom. Quanto mais duro for o coração, mais morto soa.

Cada nota, cada escala e cada acorde acaba no tempo designado e ao acabar a experiência da alma aqui na terra o final chega, mas a impressão permanece, como um concerto num sonho, ante a radiante visão da consciência.

Com a música do Absoluto, o baixo, o subtom, avança continuamente, mas na superfície, sob as várias claves de todos os instrumentos da música da natureza o subtom está escondido e submisso.

Todo ser com vida vem à superfície e depois volta para o lugar de onde veio, assim como toda nota retorna ao oceano de som. O subtom desta existência é o mais forte e o mais fraco, o mais alto e o mais baixo. Subjuga todos os instrumentos de tom fraco ou forte, alto ou baixo, até que todos os instrumentos se fundem nêle. Este subtom existe e sempre existirá.

O mistério do som é misticismo, a harmonia da vida é religião, o conhecimento das vibrações é metafísica, a análise dos átomos é ciência e seu agrupamento harmonioso é arte. O ritmo da forma é poesia e o ritmo do som música, o que demonstra que a música é a arte das artes e a ciência de tôdas as ciências e possui em seu interior a fonte de todo conhecimento.

A música é chamada de arte divina ou celestial não só porque é usada na religião e devoção como também devido à sua finura em comparação com outras artes e ciências. Tôda escritura sagrada, pintura sacra ou palavra proferida, deixam impressão de sua identidade no espelho da alma, porém a música diante da alma não produz impressão alguma dêste mundo objetivo, de nome ou de forma, preparando, assim, a alma para a realização do Infinito.

Reconhecendo êste fato o Sufi dá à música o nome de *Gizairuh*, o alimento da alma e a usa como fonte de perfeição espiritual, pois a música aviva o fogo do coração e a chama que se eleva ilumina a alma. O Sufi colhe muito mais benefícios com a música em suas meditações do que de outra qualquer forma. Sua atitude devocional e meditativa faz com que se torne responsivo à música, o que o ajuda em seu desdobramento espiritual. Com a ajuda da música a consciência primeiramente se liberta do corpo e depois da mente. Depois disto realizado, apenas mais um passo é necessário para alcançar a perfeição espiritual.

Os Sufis, em tôdas as eras, tiveram um profundo interêsse pela música em todos os países que habitaram. Rumi especialmente adotou esta arte devido à sua grande devoção. Ouvia os versos dos místicos sôbre o amor e a verdade cantados pelos *Qawwals*, os músicos, ao acompanhamento da flauta.

O Sufi visualiza o objeto de sua devoção na mente, que é refletido no espelho da alma. O coração, o agente do sentimento, todos o possuem, embora nem todos tenham um coração que palpita, vivo. O Sufi faz com que seu coração se torne vivo, dando vasão aos seus sentimentos pelas lágrimas e suspiros. Assim agindo, as nuvens do *Jelal*, a fôrça que reúne com seu desenvolvimento psíquico, caem em forma de lágrimas como gôtas de chuva e o céu de seu coração fica

límpido, permitindo que a alma brilhe. Este estado é chamado pelo Sufi de êxtase sagrado.

Desde o tempo de Rumi a música tornou-se uma parte das devoções da Ordem Mevlevi dos Sufis. As massas em geral, devido às suas convicções ortodoxas estreitas, rejeitaram os Sufis e impediram sua liberdade de pensamento, mal interpretando, assim, os ensinamentos do Profeta que proibiu o abuso da música, não a música no verdadeiro sentido da palavra. Por esta razão uma língua musical foi criada pelos Sufis e só os iniciados podiam entender o significado dos cânticos. Muitas pessoas do Oriente ouviram e apreciaram êsses cânticos, mas não compreendiam realmente o que significavam.

Uma filial dessa Ordem veio para a Índia em tempos passados e foi conhecida como a Escola Chishtia dos Sufis. Foi trazida com grande glória por Khwaja Moin-ud-Din Chishti, um dos maiores místicos que o mundo jamais conheceu. Não é exagêro dizer que êle vive realmente na música e nos tempos atuais, embora seu corpo esteja enterrado em Ajmer há muitos séculos, em seu templo há sempre música cantada pelos melhores cantores e músicos do país. Isso mostra a glória de um sábio insigne e pobre comparado com a pobreza de um rei glorioso que, durante sua vida teve tudo que desejava e tudo cessou depois de sua morte, enquanto que a glória do sábio aumenta sempre. Atualmente a música prevalece na escola dos Chishtis que fazem reuniões meditativas chamadas *Suma* ou *Qawwali*, durante as quais meditam sôbre a ideal de sua devoção de acôrdo com seu grau de evolução e aumentam o fogo de sua devoção enquanto ouvem música.

Wajad, o êxtase sagrado, que os Sufis praticam na *Suma*, pode ser considerado a união com o Ser Desejado. Há 3 aspectos desta união que são praticados pelos Sufis com estágios diferentes da evolução. O primeiro é a união com o ideal reverenciado no plano da terra que se apresenta perante o devoto, quer no plano objetivo quer no plano do pensamento. O coração do devoto, repleto de amor, admiração e gratidão, torna-se, assim, capaz de visualizar a forma de seu ideal de devoção, enquanto estiver ouvindo a música.

O segundo passo do êxtase é o aspecto mais alto da união, é a união com a beleza do caráter do ideal, independentemente da forma. O canto em louvor do caráter ideal ajuda o amor do devoto a borbulhar e transbordar.

O terceiro estágio do êxtase é a união com o Bem-Amado divino, que é o ideal mais elevado, acima das limitações do nome e da forma, da virtude ou do mérito, a união com quem constantemente

procura se unir e com quem a alma finalmente se encontra. Esta alegria é inexplicável. Quando as palavras dessas almas que já alcançam a união com o Bem-Amado divino são cantadas perante alguém que está marchando no caminho do amor divino, êsse alguém vê todos os sinais descritos naqueles versos e isso é um grande conforto. O louvor ao Ser tão idealizado, tão diferente do ideal do mundo em geral, enche-o de alegria acima do que as palavras podem expressar.

O êxtase manifesta-se em vários aspectos. Algumas vezes um Sufi pode estar chorando, outras suspirando e outras ainda expressar-se no *Rakhs*, o movimento. Tudo isto é considerado com respeito e reverência pelas pessoas presentes na reunião *Suma*, pois o êxtase é uma felicidade divina. O suspiro do devoto clareia um caminho para êle no mundo invisível e suas lágrimas lavam os pecados de séculos. Tôda revelação segue-se ao êxtase. Todo o conhecimento que um livro nunca pode conter, que uma língua jamais pode expressar, nem um professor pode ensinar, é transmitido ao devoto.

Capítulo VIII

Som abstrato

Os Sufis chamam o som abstrato de *Saut-e Sarmad*. Todo o espaço está cheio de som abstrato. As vibrações dêste som são tão delicadas que não são audíveis ou visíveis aos ouvidos e olhos materiais, pois é difícil, para os olhos, ver a forma e côr das vibrações etéreas no plano exterior. Foi o *Saut-e Sarmad* – o som do plano abstrato – que Maomé ouviu na caverna de *Gaz-e Hira* quando sucumbiu ao seu ideal divino. O Alcorão refere-se a êste som com as palavras «Exista! e tudo existiu». Moisés ouviu o mesmo som no Monte Sinai quando em comunicação com Deus e as mesmas palavras tornaram-se audíveis para Cristo quando absorto em Seu Pai Celestial no deserto. Shiva ouviu o nome ANAHAD NADA durante seu *Samadi* na caverna no Himalaia.

A flauta de *Khishna* simboliza o mesmo som. Êste som é a fonte de tôda revelação aos Mestres, a quem é revelada do interior e é por isto que êles sabem e ensinam a mesma verdade.

O Sufi conhece o passado, o presente e o futuro de tôdas as coisas da vida porque tem capacidade para conhecer a direção do som. Cada aspecto de um ser no qual o som se manifesta tem um efeito peculiar sobre a vida, pois a atividade das vibrações tem efeito especial em cada direção. O que conhece o mistério do som sabe o mistério de todo universo. Aquêle que tiver conseguido penetrar neste som esquecerá tôdas as diferenças e distinções dêste mundo e alcançará a meta da verdade, onde todos os Abençoados de Deus se unem. O espaço existe dentro do corpo e também ao seu redor, em outras palavras, o corpo está no espaço e o espaço está no corpo.

Sendo assim, o som abstrato está sempre em direção ao interior, ao redor e sobre o homem. Em via de regra o homem não o ouve devido ao fato de estar sua consciência inteiramente centralizada na sua vida material. O homem fica tão absorvido nas suas experiências do mundo exterior através do corpo físico que o espaço, com tôdas as suas maravilhas de luz e som lhe parece vazio.

Podemos compreender isto facilmente pelo estudo da natureza da côr. Existem muitas côres que são completamente diferentes entre si, mas quando misturadas com outras de côr mais brilhante eclipsam-se inteiramente. Até as côres brilhantes bordadas a ouro, prata, diamante e pérola servem apenas como fundo ao bordado ofuscante. Assim acontece com o som abstrato comparado com os sons do mundo exterior. O volume limitado dos sons terrenos é tão

concreto que obscurece o efeito do som do abstrato auditivamente falando, embora, em comparação, os sons da terra sejam como um assobio para um tambor. Quando o som abstrato é audível todos os outros sons tornam-se indistintos para o místico.

O som do abstrato é chamado no Vedas de ANAHAD, o que significa som ilimitado. Os Sufis dão a êle o nome de Sarmad, que sugere a idéia de intoxicação. A palavra intoxicação é aqui usada para significar elevação, a libertação da alma de sua servidão terrena. As pessoas que podem ouvir o *Saut-e Sarmad* e meditam sobre êle ficam aliviadas de tôdas as preocupações, ansiedades, tristezas, temores e doenças e a alma se liberta do cativeiro dos sentidos no corpo físico. A alma do ouvinte transforma-se em consciência que tudo penetra e seu espírito torna-se a bateria que mantém o universo inteiro em movimento.

Alguns treinam para ouvir o *Saut-e Sarmad* em solidão na praia, na margem do rio, nas montanhas e vales, outros o atingem quando estão sentados nas cavernas nas montanhas ou vagando constantemente nas florestas e desertos, conservando-se no deserto, longe do aglomerado humano. Os Iogas e Ascetas sopram o *Sing* (uma corneta) ou *Shankha* (uma concha) que desperta nêles o tom interior. Os Dervishes tocam o *Nai* ou *Algosa* (uma flauta dupla) com o mesmo fim. As campainhas e gongos nas igrejas e templos têm o intuito de sugerir ao pensador o mesmo som sagrado e assim conduzi-lo à vida interior.

Este som desenvolve-se através de 10 aspectos diferentes devido à sua manifestação por meio de 10 tubos diversos do corpo. Soa como o trovão, o rugir do mar, o retinir das campainhas, o escoamento da água, o zumbir das abelhas, o chilrar dos pardais, o *Vina*, o assobiar, ou o som de *Shankha* até que finalmente transforma-se em HU, o mais sagrado de todos os sons.

O som HU é o comêço e o fim de todos os sons, quer do homem, do pássaro, do animal ou de uma coisa. Um estudo cuidadoso provará êste fato, que pode ser constatado ouvindo o som da máquina a vapor ou de uma fábrica, ao passo que o eco das campainhas ou gongos é uma típica ilustração do som HU.

O Ser Supremo tem sido chamado de vários nomes em línguas diferentes, mas os místicos o conhecem como HU, o nome natural, não um nome dado pelo homem, o único nome do Sem-nome que toda natureza constantemente proclama. O som HU é muito sagrado e os místicos chamam-no de *Ism-e Azam*, o nome do Mais Alto, pois é a origem e o fim de todo som assim como o fundo de cada palavra. A palavra HU é o espírito de todos os sons e de tôdas as palavras e

está escondida dentro de tôdas como o espírito no corpo. Não pertence a língua alguma, mas nenhuma língua pode deixar de pertencer-lhe. Êste sômente é que é o verdadeiro nome de Deus, um nome que nenhum povo ou religião pode reivindicar para si. Esta palavra não é apenas proferida pelos seres humanos mas é repetida pelos animais e pássaros. Tôdas as coisas e seres proclamam êste nome de Deus, pois cada atividade da vida expressa êste som distinta ou indistintamente. Ê a palavra mencionada na Bíblia como tendo existido antes de ser feita a luz: «No comêço havia a Palavra e a Palavra estava com Deus e a Palavra era Deus».

O mistério do HU é revelado ao Sufi que caminha na senda da iniciação. A verdade, o conhecimento de Deus, é chamada pelo Sufi de *Haq*. Se dividirmos a palavra *Haq* em duas partes, seu som assonante vem a ser *hu ek*, HU que significa Deus, ou verdade, e *ek* na língua do Hindustão significa um e os dois sons juntos expressam um Deus e uma verdade. *Haqiqat* em Árabe significa a verdade essencial, *Hákim* significa Mestre e *Hakím* significa aquêle que conhece, tôdas estas palavras exprimindo as características essenciais da vida.

Aluk é a palavra sagrada que os Vairagis, os adeptos da Índia, usam em seus cânticos sagrados. Na palavra *Aluk* estão expressas duas palavras, *al* significando a, e *Haq* verdade, ambas as palavras em conjunto expressando Deus, a fonte de onde tudo provém.

O som HU torna-se limitado na palavra *Ham*, pois a letra M fecha os lábios. Esta palavra na língua do Hindustão expressa limitação, pois *Ham* significa EU ou NÓS, ambas palavras significando o ego. A palavra *Hamsa* é a palavra sagrada dos Iogas que ilumina o ego com a luz da realidade. A palavra *Huma* na língua Persa refere-se a um pássaro fabuloso. Há uma crença que se o pássaro *Huma* sentar-se por um momento na cabeça de alguém é um sinal de que se tornará um rei. A verdadeira explicação é que quando os pensamentos de um homem se desenvolvem a ponto de quebrar tôdas as limitações, êle se torna um rei. Ê a limitação da língua que pode apenas descrever o Mais Alto como qualquer coisa parecida com um rei. Pelas tradições antigas vê-se que Zoroastro nasceu de uma árvore *Huma*, explicando, assim, as palavras da Bíblia «Se um homem não tiver nascido da água e do Espírito, não poderá entrar no Reino de Deus». Na palavra *Huma*, o *hu* representa o espírito e a palavra *mah* em Árabe significa água. Em Inglês a palavra *human* explica dois fatos que são característicos da humanidade. HU significando Deus e *Man* significando a mente, cuja palavra vem do Sânscrito *Mana*, a mente sendo o homem comum. As duas palavras unidas representam

a idéia do homem consciente de Deus, em outras palavras HU, está em tôdas as coisas e sêres, mas é pelo homem que Êle é conhecido. *Human*, portanto, pode-se dizer que significa consciente de Deus, que realiza Deus, ou homem de Deus. A palavra *Hamd* significa louvor, *Hamid* digno de louvor e *Moham-mad*, pleno de louvor. O nome do Profeta do Islam é significativo de sua atitude para com Deus.

Hur em Árabe significa as belezas do Céu. Seu significado verdadeiro é a expressão da beleza celestial. *Zuhúr* em Árabe significa manifestação, especialmente a manifestação de Deus na natureza. *Ahura Mazda* é o nome de Deus como é conhecido pelos seguidores de Zoroastro. A primeira palavra *Ahura* sugere *Hu*, sôbre a qual foi construído o nome inteiro.

Todos os exemplos acima mostram a origem de Deus na palavra *Hu* e a vida de Deus em cada coisa e ser.

Hay em Árabe significa eterno e *Hay-at* significa vida, ambas significando a eterna natureza de Deus. A palavra *Huwal* sugere a idéia de onipresença e *Huvva* é a origem do nome Eva, que simbôlicamente quer dizer manifestação. Como Adão simbôlicamente quer dizer vida, êstes dois nomes em Sânscrito são *Purusha* e *Prakriti*.

Jehovah originalmente era *Yahuva*, *Ya* sugerindo a palavra *oh* e *Hu* significando Deus, enquanto o A representa a manifestação. *Hu* é a origem do som, mas quando o som primeiro toma forma no plano exterior, torna-se A; portanto *alif*, ou *alpha*, são considerados como a primeira expressão de *Hu*, a palavra original. O alfabeto Sânscrito, assim como o de muitas outras línguas, começa com a letra A, como acontece com o nome de Deus em diversos idiomas. A letra A, pois, quer dizer um ou primeiro em Inglês, e o sinal de *alif* expressa o significado de um, assim como primeiro. A letra A é pronunciada sem o auxílio dos dentes ou da língua e em Sânscrito A sempre significa sem.

O A é trazido à superfície quando a língua se levanta e toca a abóboda palatina quando se pronuncia a letra L (lam) e o som acaba em M (mim), cuja pronúncia fecha os lábios. Estas três letras essenciais do alfabeto são reunidas como o mistério no Alcorão. Com o A aprofundado pelo *ain*, a palavra *Ilm* é formada, o que significa conhecimento. *Alim* vem do mesmo e significa aquele que conhece. *Alam* significa estado ou condição, a existência do que é conhecido.

Quando *alif*, a primeira letra, e *lam*, a central, são reunidas formam a palavra *al*, que significa o em Árabe. Em Inglês *all* sugere o significado da completa ou absoluta natureza da existência.

A palavra *Allah*, que em Árabe significa Deus, se fôr dividida em três partes pode ser interpretada como «O uno que veio do na-

da». *El* ou *Ellah* têm o mesmo significado de *Allah*. As palavras encontradas na Bíblia, *Eloi*, *Elohim* e *Hallelujah* relacionam-se com a palavra *Allahu*.

As palavras *Om*, *Omen*, *Amen* e *Ameen*, que são pronunciadas em tôdas as casas de orações, têm a mesma origem: O A no início da palavra expressa o comêço e M no meio significa o fim. O N, a letra final, é o re-êco do M, pois o M naturalmente termina num som nasal, cujo som quando produzido significa vida.

Na palavra *Ahud*, que significa Deus, o Único Ser, dois significados estão envolvidos pela assonância. O A em Sânscrito significa sem e *Hudd* em Árabe quer dizer limitação.

Ê desta mesma fonte que provêm as palavras *Wahadat*, *Wahdaniat*, *Hádi*, *Hudá* e *Hidayat*. *Wahadat* significa a consciência do ser sômente, *Wahdaniat* é o conhecimento do ser, *Hádi*, condutor, *Hudá*, conduzir, *Hidayat*, condução..

Quanto mais o Sufi ouve o *Saut-e Sarmad*, o som do abstrato, mais sua consciência fica livre de tôdas as limitações da vida. A alma flutua acima do plano físico e mental, sem qualquer esforço especial da parte do homem, o que mostra seu estado de calma e paz. Um olhar sonhador aparece em seus olhos e seu semblante torna-se radiante. Experimenta a alegria celestial e o transporte do *Wajad*, ou êxtase. Quando atinge o êxtase, não tem consciência da existência física ou mental. Ê isto o vinho celestial ao qual todos os poetas Sufi se referem, que é totalmente diferente das intoxicações momentaneas dêste plano mortal. Uma felicidade celestial então brota no coração de um Sufi, sua mente fica purificada do pecado, seu corpo de tôdas as impurezas e uma senda se abre para êle em direção ao mundo invisível. Começa a receber inspirações, intuições, impressões e revelações sem o menor esforço de sua parte. Não mais depende de um livro ou de um mestre, pois a sabedoria divina, a luz de sua alma, o Espírito Santo começa a brilhar sôbre êle. Como diz Sherif: «Eu, pela luz da alma, cheguei à realização de que a beleza do céu e a grandeza da terra são o eco de Tua flauta mágica».

ÍNDICE

<i>O Movimento Sufi</i>	7
Objetivos do Sufi	7
O Mensageiro	9
Que é um Sufi	10
O emblema Sufi	11
O ideal Sufi	11
A ordem Sufi	12
A tradição do Sufismo	13
Mensagem Sufi	14
Máximas Sufis	14
Característicos do Sufi	15
Pensamentos do Sufi	16
Poemas de Inayat Khan	17
<i>A vida interior</i>	19
Capítulo I - A preparação para a jornada	19
Capítulo II - O objetivo da jornada	24
Capítulo III - Cumprimento das obrigações da vida humana	27
Capítulo IV - A realização da vida interior	31
Capítulo V - Liberdade de ação	34
Capítulo VI - A lei da vida interior	37
Capítulo VII - O objetivo da vida interior	40
Capítulo VIII - A conquista da vida interior	44
Capítulo IX - O homem-anjo	49
Capítulo X - Cinco diferentes espécies de almas espirituais	53
<i>O objetivo da vida</i>	57
Capítulo I -	57
Capítulo II - O desejo de viver	60
Capítulo III - O desejo de saber	66
Capítulo IV - O desejo de poder	71
Capítulo V - O desejo de ser feliz	74
Capítulo VI - O desejo de paz	77
Capítulo VII - O dever	80
Capítulo VIII - O sucesso	85
Capítulo IX - A espiritualidade	89
Capítulo X - A perfeição	92
Capítulo XI - A realização do objetivo	96
Capítulo XII - A sabedoria divina	99
Capítulo XIII - A realização divina	103
<i>O misticismo do som</i>	107
Capítulo I - A vida silenciosa	107
Capítulo II - Vibrações	111
Capítulo III - Harmonia	117
Capítulo IV - Nome	126
Capítulo V - Forma	130
Capítulo VI - Ritmo	136
Capítulo VII - Música	142
Capítulo VIII - Som abstrato	153



Composto e impresso
nas oficinas da
GRÁFICA EDITORA A NAÇÃO S.A.
para a
Fundação Educacional e Editorial Universalista (FEEU)
Pôrto Alegre OF 2151 B

REPRESENTANTES E ENDERÇOS PARA CORRESPONDÊNCIA:

Australia — Dr. S. Jansen, Flat 9,
Esplanade 33, Cronulla, (Sydney), N.
S. W., Australia. (Nat. Rep.)

Belgium — Miss N. Xhrouet, 52
rue Aime Smekens, Schaerbeek. (B4),
Belgium. (Corr. add.)

Brazil — Mr. Carlos Roberto Hohl,
c/ o B.L.S.A., Rua 15 de Novembro,
143 — 165, Caixa 20, São Paulo, S. P.
Brazil. (Nat. Rep.)

Ceylon — Mr. & Mrs. Feroze, So-
merset Estate, Udahentenne, via Gam-
pola, Ceylon. (Corr. add.)

England — Mister G. Brutnell,
Roughwood, Shalden Green, Alton,
Hants, England. (Nat. Rep.)

France — Mrs. van Limburg-Sti-
rum, Le Mas Shafi, Chemin de St. Jo-
seph, Plan de Grasse, A. M., France.
(Corr. add.)

Germany — Mrs. T. ter Reehorst,
17 Ernstmuhlerweg 7262, Hirsau/Wurt,
Germany. (Nat. Rep.)

Ghana — Mr. Y. Kumi, P. O. Box
1957, Accra, Ghana. (Rep.)

Italy — Count van Bylandt, Villa
Bylandt, Impruneta, Firenze, Italy.
(Nat. Rep.)

Netherlands — Mr. A. G. Lange,
6 Waldeck Pyrmontlaan, Wassenaar,
Holland. (Nat. Rep.)

New Zealand — Mr. N. Dougan,
55 Tramway Foad, Beach Haven, Au-
ckland 10, New Zealand. (Corr. add.)

Norway — Mr. K. Deinboll, 37b
Osterliveien, Oslo 11, Norway.

Pakistan — Flt. Lt. Mian M. Shafi,
227 A-2 P.E.C.H., Karachi 29. Pakistan.
(Nat. Rep.)

Sweden — Mrs. K. Angstrom, Stav-
gardsgatan 57, Bromma. Sweden. (Nat.
Rep.)

Switzerland — Mr. Dawint, Route
de Chene 108 bis, Geneva. Switzerland.
(Nat. Rep.)

S. Africa — Mr. van Essen, 20 Peak
Drive, Pinelands, E. Africa. (Nat. Rep.)

U.S.A. — Mr. Rosenberg, P.O. Box
6404, San Antonia 9, Texas 78209,
U.S.A. (Nat. Rep.)

Representative General, Fazal Ina-
yat-Khan Khankah Abadan Abad, Do-
ckenfield, Farnham, Surrey, England.

General Secretariat of the Sufi Mo-
vement, 78 Anna Paulownastraat, The
Hague, Holland.

International Headquarters of the
Sufi Movement, 11 rue John Rehous,
Geneva, Switzerland

Movimento Sufi do Brasil, Largo
da Carioca 5 — Sala 709 — Rio de
Janeiro — Estado da Guanabara.

A FEEU é uma organização assectária que distribui, gratuita e anualmente, diversos livros inéditos às pessoas que visam auto-realização (a Verdade). Quem tiver interêsse de estudar, bastará pedir e passará a recebê-los diretamente, após preencher um formulário de inscrição.

As publicações são distribuídas grátis, porque a FEEU é mantida por um grupo que pratica a Lei do Dízimo, e por outros simpatizantes de seus ideais. E isso é feito com amor, portanto, não deve haver constrangimento. É a nossa maneira coletiva de fazer «Um Mundo Melhor».